

reas pode effectuar para o futuro a destruição da engenhosa hypotese de Lavoisier. Mas no presente estado dos conhecimentos humanos, parece ella ser o methodo mais elegante, e approximado a huma philosophia chymica.

He provavel pois, que as bases metallicas dos alkalés, e os metaes communs fiquem no mesmo arranjo de substancias, nao obstantante começar-se a entrever a natureza composta daquelles corpos, e poder sustentat-se huma theoria phogistica.

Daqui se ve, quam imperfeitas tem sido as experiencias que se fizeraõ para refutar a opiniaõ, de que os alkalés, oxydes metallicas, e terras se podiaõ formar de ar e agoa somente, nos processos da vegetação; pois que a mesma agoa distillada, como Davy tem demonstrado, pode conter impregnaçoens metallicas, e salinas, e a livre atmospherá tem constantemente em suspensãõ mechanica substancias solidas de varia natureza.

...pode effluar para o futuro e de...  
...estado dos conhecimentos humanos, porque ella se  
...o methodo mais el...

# MEDICINA.

...He provavel por... que as bases metallicas dos alk-  
...las e de matas commu... no mesmo grau...  
...mento de substancias, nao obstante commu... se a  
...caracter a natureza commu... das... e po-  
...der sustentar-se huma...

## ENSAIO

Em que se examina ate que ponto os effluvios dos corpos animaes mortos, passando pelo processo natural da putrefacção saõ aptos a produzir Febres Malignas Pestilenciaes; e ate que ponto taes effluvios saõ capazes de excitar hum movimento putrefactivo, nas substancias animaes vivas expostas á sua acção? Por C. Chisholm, M. D. F. R. S. &c.

Eu vou, diz o A., aventurar huma opiniaõ, que pode encontrar da parte do prejuizo huma resistencia mais formidavel, doque aquella, que eu pertendi outrora sustentar, pois que na verdade parece n'huma vista geral, menos sustentavel: quero dizer—que os effluvios dos corpos animaes mortos passando pelo processo ordinario de putrefacção, e livremente diffundidos pela atmospha, nao saõ mais nocivos aos corpos animaes vivos expostos á sua acção, doque o seu fetido aos nervos olfactorios (\*): e que quando saõ limitados a hum pequeno espaço, e seos principios, em vez de entrarem em novas combinaçoens, se concentraõ, e naquelle estado, se applicaõ, ou se recebem pelos corpos animaes vivos; estes effluvios podem obrar como venenos, produzindo no corpo animal vivo talvez febre; mas incommunicavel, e incapas de propagação por contagio; ou talvez morte instantanea pela subita exhaustaõ do principio vital. A falta de decizao dos mais habeis chimicos relativamente á natureza precisa daquelles effluvios he mui notavel, e deve em circumstancias taes, produzir duvidas. Tirar concluçoens das analyses que elles

\* Nasorum sunt pestes—Ramazzini.

nos tem dado dos productos gazosos das substancias animaes putrescentes, e applicar estas conclusões á investigação das causas de doenças attribuidas áquella origem, seria, imagino eu, tão pouco philosophico, como inutil. Os mais claros resultados só seriam conjecturaes. Parece-me pois que a marcha mais racional de exame he referir factos—factos obvios aos sentidos, evidentes, a todo o entendimento, que apresentem huma linha clara, e sensivel de differença—separando-os de toda a idea de especulação chimica, ou theoretica.

Os escriptores de systemas de Medicina infelizmente em muitos cazos dão os factos por certos; copiaõ dos seus predecessores, e assim se promulga de idade em idade huma opiniaõ, que provavelmente não teve outra origem mais que a superstição, ou conjectura.—As substancias que offendem o sentido do cheiro devem ser nocivas á total economia do corpo, e necessariamente excitar nelle aquelle tumulto, ou desordem pela qual se designa huma febre podre, maligna, ou pestilencial. Assim tem os propagadores originaes desta opiniaõ raciocinado sem exame; assim tem subsequentes compiladores dado credito sem investigação. O genero humano he propenso a julgar das coizas pelo exterior:—e hum fetido offensivo, hum aspecto rude, e desagradavel, hum gosto amargo, e nauseante, trazem ao espirito huma idea de malignidade, que a imaginação bem depressa converte em cauza morboza de huma acção desoladora. He assim que os effluvios animaes putridos, ou os effluvios provenientes dos corpos animaes putrescentes, mesmo no seu estado mais amplamente diffundido, são por huma operação muito ordinaria do espirito, reputados agentes de pestilencia, e morte. Os Escriptores Medicos ate agora tem dado muito a está crença; e tem-se tornado hum axioma em Phizica Medica, que taes effluvios quer no estado de diffusão, ou de concentração, certissima, e frequentemente produzem febres malignas, e pestilenciaes.

Mas não acontecendo, que os carnicheiros—fabricadores de sabaõ, e sebo, e outros, que pelo seu trafico se occupaõ em converter substancias animaes putridas em fins uteis, e por isso expostos á inhala-

ção dos effluvios, que delles procedem, sejaõ molestados com doenças, attribuidas a tal origem; segue-se que se taes doenças, febres malignas, e putridas, por exemplo, procederaõ alguma vez destes effluvios, nos podemos somente explicar isso, suppondo essas exhalaçoes limitadas a hum pequeno espaço e ali concentradas; isto he, tendo os seus principios intimamente unidos em hum composto de huma natureza mui pernicioza, e inaccessibleis a substancias ou fluidos, cujas affinidades podessem formar novas combinaçoens com as bazes destes principios. O effeito todavia he local, e termina no individuo exposto a acção daquella cauza\*.

Tal arranjo de cauza morbosa pode explicar na verdade as febres malignas providas dos measmas das substancias animaes putridas nos campos estacionarios; por quanto ali muitas vezes encontramos todas as condiçoens que tenho mencionado†. A tenda

\* De facto a cauza do Typho he, creio eu, huma mudança indefinida no ar athmosferico provinda do seu enserramento em hum pequeno espaço, e incapaz, em alto grão, de renovar-se, e da respiraçoõ dos effluvios, que se exhalão das pessoas, que habitão nos miseraveis, e estreitos recintos, onde a febre geralmente se encontra, ella nada tem, quanto a mim, com os effluvios das substancias animaes putridas, em qualquer estado que existão. Nos conhecemos mui pouco, ou para melhor dizer quasi ignoramos, a natureza, e composiçoõ do contagio. Huma coiza todavia sabemos nos, e he, que existe huma distincção mui importante entre os effluvios das materias animaes putridas, e a materia gazoza, que constitue o contagio; distincção melhor percebida pelos effeitos, do que pela constituição, ou natureza dos agentes. Eu prevejo que me podem accuzar de inconsequente, por asseverar huma propozição opposta á que se acha na minha carta ao Dr. Haygarth. Porem nisto, creio manifestar aquella disposiçoõ, que deve predominar nos espiritos daquelles, cujo objecto em todas as discussões he a verdade. Subsequente exame, e reflexão me convenceraõ, que eu não me apoiava em seguras bazes, quando asseverava, que entre as causas da pestilencia, se devia contar o producto das substancias animaes de toda a sorte, privadas de vida, e em estado de putrefacção, &c. Eu de bom grado concordo com a critica sobre a minha carta ao Dr. Haygarth, em que elle diz—nos somos mais inclinados a pensar, que ha hum contagio especifico distincto da mera putrefacção, o qual talvez não he conhecivel por algum dos nossos sentidos.—*Crit. Rev. Julho de 1809.*—A questaõ de Guyton Morvean intelligivelmente não tem tido resposta, e receio acrescentar, que nunca a terá.—*Qual he pois a natureza daquelles corpusculos inverzeis, que, á imitação dos seres organicos, possuem o poder da reproducção, e de assemelhar á sua propria essencia tudo aquillo que tocaõ, e que parecem assumir a vida a fim somente de propagar a morte?*

† Este facto não escapou á observaçoõ do Dr. Rusch de Philadelphia. “O exercito, (diz elle) quando estava abarracado era sempre mais do-  
“entio, que estando em pleno ar: elle era sempre mais sadio, quando

de hum soldado he hum espaço mui limitado, apenas exposto em acampamentos estacionarios, á perfilação do ar puro atmosferico—e dentro della taes measmass gerados a miudo, e a miudo concentrados, durante a noite geralmente, e frequentemente de dia, envolvem o corpo do soldado. O mesmo acontece nas barracas, e transportes. Mas estas febres não são contagiosas, ou pestilenciaes, huma vez, que não concorra a cauza, que não pode ter lugar debaixo do conveniente tratamento, e distribuição dos soldados. Huma prova desta propozição he, que os officiaes mais cuidadosos de prevenir, ou evitar esta concentração de measmass animaes putridos, são sadios; outra prova he que a mudança de acampamento terminando a acção da cauza faz cessar o effeito iustantaneamente; nem este torna a apparecer se não se renovaõ as circumstancias que o produzirão. Outra, e ainda mais convincente prova he, que quando hum regimento tem a fortuna de ser commandado por hum official esclarecido, activo e humado; cujo cuidado, e deligencias se encaminhaõ tanto á purificação do ar, e consequente conservação da saude dos seos soldados, como a sua disciplina militar,—taes febres não apparecem, e muitas vezes nem mesmo doenças:—ou se alguma prevalece he promptamente debellada. Hum dos mais notaveis exemplos que tenho testemunhado foi exhibido por dois Officiaes Commandantes do Regimento 45. acantonado em Granada em 1788. Hum, pela mais criminoza negligencia permittia a accumulacão de toda a especie de immundice, e muito principalmente dos fragmentos putridos das substancias animaes; não tratava de prevenir o uzo universal, e excessivo dos peiores liquores espirituosos, não instituia regularidade no exercicio, e obrigaçoens da Parada. Elle vio a consequencia necessaria, (huma febre de huma natureza maligna, e fatal, mas não contagioza, nascer nas barracas dos soldados) com huma estupidéz, e perversidade incompativeis com a humani-

“ estava em movimento, doque quando estava acampado.” A minha propria experiencia durante a marcha de consideraveis corpos militares confirma amplamente as observações de Dr. Rusch.

dade. Durante o maior predominio desta febre, hum official superior de hum character, a todos os respeitos opposto, chegou da Europa, e substituiu o primeiro. A mais seria attenção foi prestada ao aceio, ventilação, e exercicio, e mais especialmente ao regulamento da dieta, e remoção, ou destruição dos fragmentos da materia animal putrida, refugio das suas raçoens. Huma nova, e mui consoladora scena teve lugar:—a febre cessou, e a saude, e o conforto recobrarão os seus postos. O official, cujos humanos, e activos esforços effeituaraõ esta mudança subita, e salutar, era o Tenente Coronel Oliver Nicolls, hoje Tenente General.

He sem duvida, penso eu, devido principalmente a esta concentração dos principios dos effluvios, que das substancias animaes putrescentes passaõ a hum virulento veneno, que exercitos tem sido tantas vezes destruidos por febres malignas, geradas, e limitadas ao lugar. Ignaros de economia, prodigos na abundancia, os soldados irregulares de idades menos luminosas, deixavaõ accumular em torno de si, prodigiosos montoes de materias putridas animaes nos seus estacionarios acampamentos: a fome era muitas vezes o resultado, e entrepunha a sua desolante ajuda. As historias das campanhas em mais barbaras idades, recordaõ muitas vezes catastrofes taõ fataes e mesmo no decimo quinto, sexto, e septimo seculo não havia sufficientes luzes para as prevenir. Ramazzini, que tomou a sua informaçãõ dos mais celebres, e instruidos Phizicos do seu tempo, não hesita em reconhecer e lamentar isto mesmo.

Mas os Escriptores Medicos, e particularmente os escriptores systematicos frequentemente nos dizem que as febres que muitas vezes desolaõ os exercitos, tem a sua cauza nos effluvios provindos da putrefacção dos corpos insepultos de homens, e cavallo mortos na batalha. Estou muito inclinado a crer que isto he huma idea meramente theoretica, por duas razoes, 1. Nos temos innumeraveis exemplos de prodigiosa mortandade em batalhas, sem que este effeito se tenha seguido. 2. Em todos os cazos trazidos em apoio desta opiniaõ nós achamos causas morbozas existentes mui poderozas, e plenamente ca-

pazes de produzir este effeito, sem recorrer-mos a huma cauza duvidoza. Se algumas provas directas, e não equivocadas se tivessem dado da efficacia daquelles effluvios em produzirem o *Typhus gravior*, ou as differentes especies de *Tritacophya*, eu estaria prompto a submeter-me a opinão fundada em taes premissas, mas eu creio que não ha memoria de haver taes provas directas e não equivocadas. Por outro lado ha sempre hum ajuntamento heterogeneo de causas nos phenomenos, que se nos apresentam:— a simplicidade, a homogeneidade da natureza, por assim dizer, não he attendida; não se assigna a cauza precisa, de hum preciso effeito: mas muitas causas se empregão para produzir hum preciso effeito: ou muitos effeitos se fazem proceder de huma cauza. Não vendo causas obvias na natureza para aquellas doenças, que espalhão a sua mortifera influencia epidemicamente, com mais especialidade as pestilenciaes, alem da constituição indeterminada, e talvez indeterminavel da athmosfera, a que constantemente se referia, Hypocrates insinua, que ellas devem attribuir-se á colera dos Geos—*simul vero, et si quid divini in morbis inest*—modo facil de rezolver huma difficuldade: e de certo he tal a sua obscuridade, que nos a devemos reconhecer, como a mais obvia—por quanto, que illucidação nos tem fornecido a nossa gabada sciencia da Natureza, e suas operaçoens acerca da origem, e precisa natureza do contagio? Galleno com tudo menos escrupuloso, ou mais especulativo imaginou, e não duvido, creio ver estas causas nas mudanças das estaçoens (*μεταβολης των ωρων*) no estado, ou constituição da athmosfera (*εκ της περι τον αιρα καταστασιως*) em situaçoens sujeitas a hum grande calor, e humidade; e na inspiração dos measmas putridos provindos ou de huma multidão de corpos mortos entregues á putrefacção, como depois de batalhas, ou dos lagos estagnados, e pantanos. Os Medicos, depois de Galeno, tem fundado as suas opinioens á cerca das causas das febres pestilenciaes sobre premissas, tão incertas, como as que se acabaõ de referir—sobre premissas, que os seus successores tem provado

ser insufficientes, ou inadequadas, em quanto estas á sua vez tem cedido a outras igualmente pouco satisfactorias. Os annaes, e mais especialmente os systemas de Medicina fornecem lamentaveis provas desta verdade; e a experiencia de Medicos esclarecidos, e de ideas liberaes apoia as claras, e comprehensivas notas de Mr. Boyle, em quanto ella da ponto lugar á admissãõ das conjecturas daquelle Philosopho a este respeito. Elle dezeja tomar hum caminho medio entre as cauza sobrenaturaes e naturaes; mas deixa—nos sempre no escuro, attribuindo a pestilencia a exhalaçõens subterraneas. “ Aquelles, diz elle, que a derivaõ do influxo, e aspecto maligno dos Astros, alem de suporem coizas mui difficteis de provar-se, recorrem á agentes mui remotos, mui geraes, e mui indeterminados, para que se possaõ olhar como cauza dos symptomas particulares, e fenomenos que muitas vezes acompanhaõ a pestilencia.

Quanto ás outras seitas de Medicos, que dirivaõ confidentemente a peste, huns da putrefacção interna, e outros dos calores excessivos, maos cheiros, alimentos corruptos, e outros celebradas cauza, ainda que cada hum allegue plauziveis razoens em seo favor; com tudo as objecçoens contra os seos adversarios saõ mais fortes que os argumentos que produzem a seu favor. O erudito Diemerbroeck, ainda que o sua hypothese pareça ser mais theologica, que philosophica, tem enervado muito os argumentos produzidos pelas varias opinioens ultimamente mencionadas, e de que elle discrepa.” As fontes que forneceraõ a Boyle os seos conhecimentos foraõ o consultar authores naõ communs, e tirar informaçoens de grandes viajantes, e navegadores. “ Por estes meios eu vim a saber, que diversos, e vastos paizes saõ de ordinario livres de peste, que segundo a hypothese vulgar devem ser tanto, senaõ mais, sujeitos a ella, que a Inglaterra, França, e Italia, e as outras partes da Europa, e Asia, onde aquella doença fatal se exacerba de tempo em tempo, nas tostadas regioens de Africa onde os excessivos calores deveriaõ ser cauza de que a peste fizesse mais frequentes

vizitas que em nossos temperados paizes da Europa.”

Depois de enumerar varios paizes—Guiné, Numidia, Nova Inglaterra, China, Indias Orientaes, &c. que são quasi izentos de pestilencia, elle procede, “Quando pois considero quam vasta estensão de terras se comprehende naquelles paizes, alguns dos quaes nao são atacados da peste, e outros só mui poucas vezes; parece-me esta immuidade mui desfavorel á maior parte, senão a todas as opinioens recebidas entre os Medicos, como taobem a do mesmo Diemerbroeck, que diriva a peste de huma cauza sobre natural—A colera de Deos contra os peccados dos homens. Por quanto, em regioens taõ estensas, e taõ populozas, como as que estão situadas debaixo de climas taõ differentes, e algumas dellas habitadas por naçoens que fazem guerra com numerozós exercitos, daõ sanguinolentas batalhas, deixaõ *montoens de corpos inseputos expostos ao calor putrefaciente do sol*, os habitantes são muitas vezes forçados a viver de alimentos insalutiferos, e desuzados;—naquellas regioens, digo eu, não he imaginavel, que a grande intemperie do ar, especialmente em cazo de calor, fetido de corpos mortos em batalha, insalubridade de alimentos, n’huma palavra, todas as cauzas a que os differentes Medicos referem a peste, deve faltar mais, que na nossa Europa; e com tudo a peste, que se prezume ser o effeito de huma, ou outra destas cauzas, não he aqui observada.”—Este longo extracto exclue a necessidade de mais citaçoens a favor da minha propozição.\*

\* O celebre Sthal explica esta diversidade, e instabilidade de opiniaõ da maneira seguinte.—“Dolendum est, quod nullus auctor febrium species distinxerit, nisi ex præconcepta putredinis, et malignitatis opinione, ita ut individuas observatione compertas ad suam speciem imo, ad genus referre difficilimum est: Hoc ex inde factum est, quod nullus auctor historiam morbi seponat ab ejus theoria philosophica, ut semper causam supponat cognitam atque exinde signa characteristica derivare contendat; quo errore nihil pejus in re Medica.”—He esta certamente a principal cauza da retardação dos conhecimentos pathologicos; e com tudo he algumas vezes pasmozote que ponto ella pode estender-se. Alem disso tem sido taes os prejuizos relativos á supposta excluziva agencia de putrefacção animal na producção das febres putridas, ou pestilencias, que alguns Me-

Há motivos para crer, que mesino a concentração dos measmias das substancias putridas animaes não dão origem a febres, e nunca, ou mui raras vezes, a doença de qualquer natureza. Os sequintes factos depoem contra huma concluzaõ opposta. 1. Nas vizinhanças de Bitton em Gloucestershire, quasi huma milha de Willsbridge, que foi a minha residencia por quatro annos, ha huma manufactura de ossos, que depois da extracção do seu oleo medullar pela fervura, são destilados, e fornecem os ordinarios productos de muriato ammoniacal, e sulfato de soda. Desta manufactura sahe hum fetido da natureza a mais offensiva, e nauzeante, e enche a atmospherã quasi huma milha em torno, diminuindo á proporção que se affasta da sua nascente, e da sua diluição, ou decomposição. O paiz he muito habitado, e junto á mesma manufactura está a aldea de Oldeland, cuja povoação he mui consideravel. Com tudo em nenhum cazo tem esta manufactura provado ser de algum modo nociva á saude. Eu a vizitei frequentemente com a mais completa impunidade. Por alguns annos o Superintendente Mr. Henderson, sua mulher, e familia viverão n'huma

dicos tem considerado Baleas, que dão á costa, como cauza de ampla diffuzaõ de pestilencia, e morte. Hum facto desta natureza he referido por Foresto. Elle estabelece como principio geral, que peixes mortos, e a podrecendo n'agoa, "*præcipue in lacubus, et stagnis minus que mobilibus*" infectão primeiramente o ar, e produzem depois a peste. Isto diz elle pode acontecer mesmo no Oceano, se a cazo se lançarem peixes especialmente os grandes vivos, *vel mortuos*, nas suas praias, acontecimento assas singular. Elle procede depois a circunstanciar os effeitos mortaes de hum peixe, especie de Balea, *ingentis magnitudinis atque portentose molis*, que deo á costa junto a Egmond ao norte da Hollanda. Nos somos todavia de parecer que Forestus era hum dos observadores de disciplina *Astrorum*, e hum crente nas cauza occultas das doenças; e que á imitação de alguns Medicos Americanos do tempo prezente, confunde as febres, que nascem de paues com aquellas que procedem' immediatamente do contagio, e as designa pelo nome geral de peste, e febre pestilencial. Isto he mais particularmente notavel na relação da febre endemica, que reinava na cidade de Delft durante os mezes quentes. Elle chama esta ordinariamente peste; mas a cauza he evidentemente local, e produtora de febres remittentes biliozas:—*In loco profundiore sita est (Delft) et aquas non currentes, aut fluentes habet: ita ut alitum quendam putridum moleque olentem emitant.* Que mais he necessario para a producção das remittentes biliozas? E com tudo este Author he citado muitas vezes como prova da febre pestilencial, (*Typhus, et Typhus gravior*); ainda que seja hum facto estabelecido em Pathologia, que a pestilencia não pode proceder de tal cauza.

caza contigua por hum lado áquelle onde as retortas estavaõ collocadas; e por outro aquella em que se ferviaõ os ossos:—com tudo elles tinhaõ toda a apparencia de saude, e me asseguráraõ que realmente a tinhaõ. Vagando huma caza mais commoda n'hum vizinho oiteiro, Mr. Henderson a arrendou para a sua familia. Pouco depois que começaraõ a rezidir nella, perderaõ a sua saude, e estavaõ, quando os eu vi, determinados a voltar para a sua antiga, e fetida habitaçaõ. Morveau, e Chaptal mencionaõ esta auzencia de molestias nas manufacturas de sal ammoniaco, e outras.

2. Entre Bristol, e Hanham nas margens do Avon está Conham, notavel só por ter sido escolhida para sede de huma estensa manufactura destinada á conversão de carnes de animaes mortos em huma substancia semelhante ao espermacete—projecto que fora abandonado por alguns annos. Esta não sendo mui distante de Willisbridge, eu fiz varias indagaçoens para ver até que ponto a saude das pessoas occupadas naquelle processo era affectada, e a dos habitantes da sua mui populosa vizinhança. O superintendente Ricardo Bolston, agora rezidente em Jeffries-hill junto a Hanham, foi o meu principal informante: e a sua relação foi confirmada pela de Thomas Pearsall de Willisbrige, e de outras pessoas respeitaveis. Bolston esteve constantemente dois annos empregado naquelle lugar, e durante esse tempo rezidio no meio dos corpos animaes mortos, cavallo, burros, e caens, muitos dos quaes se tinhaõ deixado passar pelo processo ordinario da putrefacção. Elle tinha comsigo tres trabalhadores; e declara, que nem elle, nem algum daquelles homens experimentou a mais leve indisposiçaõ, ou o mais pequeno inconveniente. O seu emprego consistia em dissecar cadáveres, em separar a carne muscular dos ossos, e dispo-la primeiro em caixas perforadas para a admissãõ de agoa, as quaes eraõ postas depois em poços: as entranhas, e as outras partes, que lhe não eraõ uteis, eraõ deixadas apodrecer á superficie. Os poços preparados para a materia animal assim disposta tinhaõ sete pez de altura, e quatro de largo, e comprimento, e cada

hum delles calculado para conter a carne de cincoenta cavallos, fora burros, e caens. Pode-se por tanto formar huma idea do immenso volume dos effluvios dos animaes putridos, que rodeavaõ constantemente as pessoas de Bolston, e os trabalhadores, advertindo-se, que havia seis daquelles poços, e consequentemente tresentos cadaveres de cavallos, e outros tantos caens e burros exhalando em maior, ou menor abundancia os seos offensivos measmas. Naõ obstante isto Bolston declara que, ainda que o fetido era excessivamente activo; com tudo elle, e os outros nunca soffreraõ incommodos; e disto saõ testemunhas os habitantes circumvizinhos.

3. Outro factõ notavel mui conhecido onde ha consideraveis manufacturas de refinar assucar he que os carniceiros conservaõ o sangue dos animaes mortos em vasos abertos, guardados em pequenas cazas fechadas, algumas vezes por semanas, ate completar-se a quantidade requerida, ou ate que os refinadores do assucar o peçaõ. Elle he pois conduzido em carros n'hum estado putrido pelas ruas publicas para as cazas do assucar, derramando os mais fetidos effluvios extremamente incommodos aos que o acarretaõ; raras vezes he logo empregado pelos refinadores, mas he guardado em vasos n'hum estado putrido, enchendo o ar da fabrica, e dos lugares vizinhos de seos putridos measmas, ou do que Galeno, e seos sectarios chamariaõ *αιτια λοιμω γενησομενα*, as sementes da pestilencia. Mas que acontece aos trabalhadores, e habitantes das cazas vizinhas?—Nada prejudicial á sua saude. Este factõ ocorre constantemente na cidade de Bristol, onde em geral as ruas saõ mui estreitas, e as cazas excessivamente apertadas, e mal arejadas; e com tudo a natureza innocente daquellas exhalacoens pode diariamente verificar-se. Eu fallo por observação propria, e experiencia dos maiores refinadores. No veraõ ella he mais notavel, que no inverno\*.

\* Nos não podemos na maior parte dos cazos precedentes/ recorrer áos engenhosos calculos dados pelo Dr. Mitchill de Nova York, na sua defeza dos fabricantes de sabaõ, e sebo daquella cidade. Elle avalia o consumo annual de sabaõ em Nova York em 364,000 libras—hum terço desta quantidade he sal alcalino: por conseguinte a potassa gasta, ou lançada fora, monta a 121,333 libras, ou mais que cincoenta e quatro toneladas, Nos devemos attribuir a outras cauzas a izempçaõ que os

habitantes experimentaõ do effeito deleterio, ou admittir a natureza innocente dos prodigiosos volumes das exhalaçoes putridas animaes. N'hum cazo, talvez o mais notavel, a tentativa de manufacturar substancias adipozas, he evidente, que nenhum sal alcalino podia fornecer o seu poder correctivo; por tanto se nos supponmos que vapores pestilenciaes se levantaõ daquellas exhalaçoes, nada havia ali que prevenisse a sua desenvoluçãõ. Estes factos comparados entre si saõ mui importantes de qualquer modo que se considerem; por quanto, se este immenso cumulo de sal alcalino naõ pode suppor-se ter alguma *agencia* na correccãõ dos vapores putridos animaes, entaõ todas as manufacturas, donde elles se exhalãõ se devem considerar como innocentes:—se a sua acçãõ se admite, entaõ nos percebemos que o veneno possui em si mesmo o antidoto. Talvez o nosso modo mais seguro de raciocinar na occasiaõ prezente seria este—ha huma compensaçãõ na natureza para todos os males necessarios—e os effluvios, talvez *cunctarum exordia rerum* do Poeta Philosopho, vindos do processo da putrefacçãõ animal, considerados como destruidores da vida pelos indiscretos, e visionarios, apenas diffundidos na atmosfera, saõ logo absorvidos pelos inhalantes dos vegetaes, ou mudaõ de natureza pela a attracçãõ das affinidades chemicas, e novas combinaçoes, que dali rezultaõ.

Haud igitur penitus pereunt quæcunque videntur;

Quando aliud ex alio reficit natura, nec ullam

Rem gigni patitur, nisi morte ajuta aliena.

Lucr. l. 263.

[Continuar-se-ha.]

## AGRICULTURA, E BOTANICA.

---

Methodo proveitozo para evitar a ferrugem dos trigos segundo se uza em algumas partes de Inglaterra.

NA escolha do trigo para as sementeiras deve haver hum grande cuidado de que não passe por muitas maons, ou toque substancias gordurentas.

Ponha-se o trigo em pequenas porçoens de cada vez (hum alqueire pouco mais ou menos) n'hum grande tina bem limpa com bastante agoa, e mecha-se muito bem com huma pá, espumando tudo o que fluctuar á superficie: quando a semente não lançar mais substancias que sobrenadem, deve tirar-se, e secar-se para a sementeira.

He de tanta importancia, como o alimpar a semente, o ter cuidado deque no estrume das terras não vá substancia alguma capaz de infectar os campos: mui principalmente se deve ter cuidado em que as varreduras das eiras, e selleiros se não deitem nos campos que se vão semear, para que os foliculos da ferrugem, que ali pode haver, senão desenvolvão, e propaguem.

Ha huma joeira feita de arame com orificios tão pequenos, que o trigo não pode passar por elles, mui propria para este uzo. Enche-se esta joeira, ate ao meio, de trigo que se quer limpar, a qual se mergulha na tina de agoa, e se agita muito bem dentro della. Por este meio os pequenos foliculos se separão, e as particulas mais pezadas e finas passaõ pelos boracos, e com pequena destreza, se facilmente a joeira com o trigo limpo debaixo das particulas fluctuantes: depois agita-se n'outra tina de agoa, para o tornar a lavar; e entã se tira da joeira para se enxugar.

Será porem muito melhor, onde isto se poder fazer, pôr as tinas em parte onde passe huma torrente de agoa.

Carta de T. A. Knight Esq. a Sir Joseph Banks, sobre as partes das arvores que primeiro se deteriorão com o tempo, lida em Março de 1810.

Meu caro Snr.

A primeira communicação que tive a honra de dirigir-vos foi no anno de 1795; eu referi o resultado de muitas experiencias sobre arvores enxertadas, das quaes inferi que qualquer variedade pode propagar-se com bom successo durante somente hum limitado periodo; e que o enxerto, ou garfo, ou outra parte destacada da antiga arvore ou antiga variedade, nunca pode formar o que se chama com propriedade a—arvore nova.

Eu tenho subseqüentemente pertendido mostrar qual dos varios orgaos que compoem a arvore deixa primeiro de executar seos officios, ou funcçoens, e tende assim a trazer a debilidade incuravel da velhice; e o resultado destas experiencias me parece assas interessante para induzir-me a communicar-vos a sua relação.

Qualquer que seja a differença que existe entre as funcçoens da vida animal, e vegetal, ha huma analogia mui obvia entre alguns dos orgaos das plantas, e dos animaes; e não parece muito improvavel que o orgão correspondente, em cada hum, deixe primeiro de executar seos officios; e huma evidencia satisfactoria da imperfeita acção de qualquer orgão particular pode mais facilmente obter-se no mundo vegetal, que no animal. Por quanto huma arvore pode ser composta pela arte do enxertador das partes destacadas de muitas outras; e a operação defectiva, ou efficiente de cada orgão pode por isso observar-se com maior exactidão. Mas taes observaçoens não se podem fazer sobre animaes; porque as operações necessarias não podem executar-se; e por isso, ainda que houvesse muito perigo de errar em transferir incautamente os phenomenos de huma classe dos seres organicos para outra, eu concebo que as experiencias feitas nas plantas podem em muitos cazos ser uteis ao investigador da economia animal. Ellas podem dirigi-lo nas suas tentativas, ou ensaios, e possivelmente facilitar as suas indagaçoens sobre as cauzas imme-

diatas do decahimento do vigor, e vida animal; e n'hum objecto de tanta importancia para o genero humano, nenhuma fonte de informaçãõ deve ficar inexplorada, e nenhũmas luzes desprezadas, por fracas que sejaõ.

Os naturalistas dos tempos antigos, e modernos tem considerado a estructura das plantas como huma inversãõ da dos animaes, e tem comparado as raizes aos intestinos, e as folhas aos pulmoens dos animaes; e a analogia entre a seiva vegetal, e o sangue animal, he muito approximada, e obvia. As experiencias taobem, cujas relaçoens vos tenho communicado em differentes periodos, sustentadas pelos factos previamente estabelecidos por outros naturalistas, apenas deixaõ fundamentos racionaveis de duvida, que a seiva das arvores circula tanto, quanto he apparentemente necessario, ou coherente com o seu estado de existencia, e crescimento.

As raizes das arvores particularmente aquellas que se cortaõ em certos, e determinados periodos, continuaõ a produzir, e a nutrir huma successãõ de ramos por tanto tempo, que não precizo de mais experiencias para convencer-me, que nao he alguma açcãõ defectiva da raiz, que occasiona a debilidadade, e doenças das variedades propectas da Maceira, e Pe-reira; e na verdade todas as experiencias mostraõ, que o tronco de hum novo pimpolho não dá o character de mocidade ao botaõ enxertado, ou garfo. Todavia eu procurei plantas de enxertos de variedades mui velhas de Maceira, que promptamente lanço raizes; e estas plantas no fim de dois annos foraõ enxertadas quaze duas polegadas acima do chaõ com huma nova e mui viçoza variedade da mesma especie. Estes enxertos cresceraõ mui livremente, e as mesmas raizes no fim de quatro ou cinco annos provavelmente continuaõ, pelo menos, dez vezes tanto alburno, quanto conteriaõ se as arvores nao tivessem sido enxertadas. As raizes não tinhaõ a menor apparencia de doença, ou defeito.

Alguns troncos de Maceira brava foraõ ao mesmo tempo enxertados em hum Rainete doirado n'hum terreno, onde o linho daquella variedade raras vezes vivia mais de dois annos; e tornei a enxertar, os re-

bentoens annuaes do Rainete doirado nos garfos de huma Maceira brava, nova e sadia, a ponto de incluir huma porção do lenho do Rainete doirado entre as raizes, e os ramos da especie nativa inculta, ou Maceira brava; e nesta situação elle cresceo tão bem como o lenho do tronco, e ramos. Alguns ramos também das arvores do Rainete doirado, que eu mencionei na minha primeira communicacão de 1795 estando mui cancerosos foraõ cortados, quasi hum pé acima da junção dos enxertos nos troncos, e foraõ reencherados em huma nova e sadia variedade. Partes do lenho do Rainete doirado, em que havia muitas manchas cancerozas estavaõ collocadas entre os garfos novamente enxertados, e os troncos; e estas partes subsequentemente foraõ livres da doença, e as feridas previamente feitas pelo cancro foraõ de todo cobertas de hum cortice novo, e sadio. Estes factos por tanto me convenceraõ, que a debilidade, e doenças das variedades proectas dos fructos desta especie não se originavaõ de acção defectiva do cortice, ou alburno, quer da raiz, quer da hastea, e ramos; e a minha attenção foi consequentemente dirigida para a folha, e rebentaõ animal succulento.

Alguns garfos de Rainete doirado foraõ enxertados em troncos de Maceira brava n'huma situação, e terreno, onde asseverei antes, que o lenho do Rainete doirado raras vezes fica em saude no fim do segundo anno; e logo que os rebentoens annuaes adquiriraõ sufficiente crescimento, e firmeza, se lhes enxertaraõ numerosos botoens de huma variedade nova, e viçosa da maça, que acabava de brotar da semente. Durante o inverno seguinte os botoens naturaes dos ramos do Rainete doirado foraõ destruidos, e só os enxertados remanescaraõ; e logo que as folhas destes se abriãõ, e entraraõ nas suas funcções, todos os symptomas de debilidade, e doença desappareceraõ no cortice, e lenho do Rainete doirado; e cada hum continuou a executar as suas funcções tão bem como o lenho, e cortice dos troncos do joven pimpolho teriaõ feito debaixo de semelhantes circumstancias. Eu fiz as mesmas experiencias na Pereira, e obtive os mesmos resultados.

Eu tentei em varias communicacões antecedentes

provar que a seiva das plantas circula pelas folhas, assim como o sangue dos animaes circula pelos pulmoens, e não tenho achado factos subseqüentes nos escritos dos outros naturalistas, ou nas minhas experiencias, que deponhaõ contra esta concluzaõ. Tenho taobem observado, que arvores enxertadas com velhas, e enfraquecidas variedades de fructos se tornavaõ mais doentes em terrenos ferteis, e mesmo quando as enxertias se faziaõ em troncos do mais vigoroso crescimento; o que me induzio a suspeitar, que em taes cazos se collige, e leva para a planta mais sustento do que as suas folhas podem preparar, e assemelhar; e que a materia assim junta que deveria promover a saude, eo crescimento n'humã variedade robusta, gera pelo seu cumulo doencas nas extremidades dos ramos, e rebentoens annuaes, em quanto a parte inferior do tronco, e raizes remañescem, em geral, livres de qualquer enfermidade apparente. Estou por tanto disposto a attribuir as doencas, e debilidade da velhice nas arvores a huma inhabilidade de produzir folhas, que possaõ effectivamente executar as suas funcçoens naturaes, e alguma consequente imperfeicão do fluido circulante. He verdade que as folhas são annualmente reproduzidas, e por tanto annualmente novas: mas ha, segundo concebo, huma differença essencial entre as folhas novas de huma velha, e de huma juvenil variedade: e em apoio desta opiniaõ observarei, que o character externo da folha da mesma variedade que tem dois, ou vinte annos he mui dissemelhante, e por tanto não parece improvavel que ultteriores mudanças tenhaõ lugar no fim de dois seculos\*.

Se estas opinioens são bem fundadas; se as folhas das arvores são analogas aos pulmoens dos animaes, he por ventura improvavel que a debilidade natural da velhice das arvores, e animaes procedaõ de huma

\* A folha da Maceira, ou Pereira, rovindas da semente quando a planta he mui nova, geralmente he quasi destituida de pubescencia, ou pelo, que apparece ao depois na sua superficie inferior, e que Bonnet, e Mirbe supposeraõ augmentar a sua superficie, e poderes: mas eu sinto-me pouco disposto a adoptar esta hypothese tendo observado, que as folhas de novas variedades de Maceiras brotadas de sementes da Maceira brava da Syberia, tem ambas as superficies igualmente lizas, e que estas variedades crescem mais depressa, e daõ mais abundantes fructos do que quaesquer outras, sem que sejaõ exauridas ou deterioradas.

semelhante origem?—He esta huma questãõ sobre a qual eu de nenhuma sorte estou preparado para dar hum parecer : mas creio que se admittirá geralmente que o homem he mais bem formado para huma longa vida, quando o thorax he mais bem formado para permittir aos pulmoens o mover-se mais livremente. Eu tenho taobem longa, e attentamente observado entre os nossos animaes domesticos que retem a sua saude, e força por mais tempo e soffrem melhor excessivo trabalho, e sustento insufficiente aquelles cujo thorax he mais profundo, e espaçozo, proporcionalmente á estensãõ da giro que o fluido circulante tem de fazer; e esta observaçãõ, creio eu se achará geralmente applicavel á especie humana.

Eu sou, &c.

T. A. KNIGHT.

## POLITICA.

## AMERICA.

*Rio de Janeiro.*

Carta Regia que S. A. R. o Principe Regente N. S. foi servido mandar dirigir á Junta de Verin, no Reino de Galliza.

MEMBROS da Junta de Verin, no Reino de Galliza. Eu o Principe Regente vos saúdo: sendo-me mui notorio o distincto zelo e heroico valor com que assististeis ao meu valoroso General Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, quando de acordo com elle fizesteis publicar Proclamaçoens que despertassem aos meus vassallos para sustentar os Direitos da minha Coroa, o que elles executáraõ taõ leal e gloriosamente: conhecendo tambem quanto contribuisteis para que se demonstrasse publicamente o voto dos Povos, e quanto finalmente haveis promovido o estabelecimento de huma firme Alliança, e daquelles sentimentos de commun defensa, que tanto bem tem produzido as duas Naçoens unidas pelos mais estrictos vinculos, e que serãõ eternos, pois que seus reciprocos interesses imperiosamente o exigem: querendo dar-vos hum público testemunho do meu reconhecimento, cuja memoria será indelevel em meu coração, e no de meus Successores; vos dirijo esta que vos servirá de público Monumento, fazendo-vos tambem a Mercê do Habito da Ordem de Christo, dispensando-vos de todas as habilitaçoens, e mesmo da Profissão, para que possais usar immediatamente da Insignia do Habito da referida Ordem, e gozar de todas as Honras, e Privilegios, como se fosseis Ca-

valleiros Professos, de que vos tem feito tao dignos vossas acçoens e virtudes ; pois que vossos nomes merecem ser escritos ao lado dos daquelles que primeiro exaltáraõ estas Ordens de Cavallaria em toda a Peninsula. Escrita no Palacio do Rio de Janeiro a 16 de Janeiro de 1811. PRINCIPE. Para os Membros da Junta de Verin, no Reino de Galliza.

*Relação dos Portuguezes rezidentes em Monte Video que que subscreverão para o resgate dos Captivos em Argel.*

Felippe Contucci . . . . .	100,000
O. R. Joze Gomes Ribeiro . . . . .	40,000
Joaõ Felis Ribeiro . . . . .	40,000
O mesmo por Justo Felis Ribeiro . . . . .	8,000
Diogo Duarte Silva . . . . .	16,000
Estevaõ de Almeida . . . . .	4,000
Manoel Joaquim da Silva . . . . .	12 000
Joaõ Luis Rodrigues . . . . .	16,000
Joze Luis Gomes . . . . .	25,000
O mesmo por dois amigos . . . . .	4,800
Antonio Pinto . . . . .	12,800
Joaõ Pereira de Andrade . . . . .	4,800
Manoel Polycarpo . . . . .	1,600
F. A. S. . . . .	12,800
Joze Joaquim de Meirelles, por si seos officiaes, e sua equipagem	80,000
Joaquim Affonso de Oliveira por si, e hum amigo . . . . .	40,000
O. R. Manoel Salinas de Lima . . . . .	8,000
Antonio Ferreira Soares . . . . .	48,000
Joaõ Pedro Serra . . . . .	12,800
Manoel da Costa . . . . .	8,000
Francisco de Mello Magalhoens . . . . .	12,800
Joze Machado dos Santos . . . . .	4,000
Joze Junqueira . . . . .	3,200
Luis Ignacio de Souza . . . . .	6,400
Joaõ Goularte . . . . .	12,800
Joze da Silva Souza Parantros . . . . .	4,800
Bernardo Pereira de Mesquita . . . . .	6,400
	<hr/>
	545,000

*Relação das Pessoas que tem contribuido para o Donativo voluntario a favor do resgate dos Portuguezes em Argel.*

O Ex <sup>mo</sup> . Bispo Capellaõ Mor . . .	150,000
Antonio Rodrigues dos Santos, e Irmaõ . . . . .	50,000
Manoel Gomes Fernandes . . . . .	32,000
Manoel Antonio Coelho . . . . .	12,800
Joaõ Luis Torres . . . . .	13,000
O Dr. Estacio Gularte . . . . .	24,000
Luis de Souza . . . . .	12,800
Joze Antonio Machado . . . . .	12,800
Monsenhor Miranda . . . . .	50,000
Monsenhor Almeida . . . . .	50,000
Joze de Oliveira Pinto Botelho, e Mosqueira . . . . .	50,000
Bernardo Teixeira Coutinho Alves de Carvalho . . . . .	50,000
Manoel Thomas de Almeida . . . . .	12,800
Joze Luis da Motta . . . . .	64,000
O. R. Joze Soares de Azevedo Vi- gario de S. Joaõ de Itabo- rahy. . . . .	100,500
Antonio Gomes de Azevedo . . . . .	6,400
Joze Antonio Gonçalves Prego . . . . .	25,600
Os Officiaes da Secretaria de Es- tado dos Negocios do Brazil . . . . .	170,000
Joaõ Martins Vianna . . . . .	100,000
Manoel Teixeira . . . . .	4,000
Joze Gomes de Almeida . . . . .	6,400
Manoel da Luz . . . . .	12,800
O Senado da Camara . . . . .	400,000
Jeronimo do Amor Divino . . . . .	4,000
Joaõ Affonso de Moraes . . . . .	12,800
Ignacio Joze de Araujo . . . . .	14,000
Joze Moreira da Silva . . . . .	4,000
Diogo Teixeira de Macedo . . . . .	6,400
Antonio Joze Coelho Roriz . . . . .	13,000
Manoel Simoens Baptista . . . . .	100,000

Joze Pereira Guimaraes . . .	400,000
Francisco Pereira de Mesquita . . .	25,600
Manoel da Silva Santos . . .	38,400
Francisco Ignacio da Silva . . .	12,800
Ricardo Soares de Almeida . . .	6,400
Joze Monteiro da Silva . . .	2,600
Joaõ Roiz Pereira d'Almeida . . .	200,000
Joaquim do Babo Pinto . . .	50,000
Os officiaes de R. C. de Engen- heiros. . . . .	407,000
Joze Marques Pereira . . .	25,600
Luis Gonçalves dos santos . . .	8,000
Manoel de Mello Cordeiro . . .	8,000
Joze Gaspar Rego . . .	16,000
Os Monges Benedictinos . . .	400,000
Camillo Maria Tonelete . . .	36,000
Luis Joze Vianna Gorgel do Amar- al Rocha . . . . .	40,000
Joaõ Gomes Valle . . . . .	128,000
O. R <sup>mo</sup> . Esmoler Mor Fr. Joze de Moraes . . . . .	200,000
Joze Antonio da Motta . . .	6,400
Diversas Pessoas . . .	18,795
Os Empregados na impressãõ Re- gia . . . . .	23,560

*Lista dos Officiaes do Regimento de Cavallaria Miliciana de Districto de S. Joaõ Marcos, que offereceraõ para resgate dos Portuguezes captivos em Argel as quantias seguintes.*

Primeira Companhia.

Capitaõ Manoel Ferreira Lemes . . .	12,800
Tenente Pedro de Souza Magalhaens . . .	11,000
Alferes Joze Pereira Cruz . . .	10,000
Forriel Manoel Freire de Campos . . .	4,000
Cabos, e soldados . . . . .	26,260— 64,060

## Segunda Companhia.

Capitão Jozé de Queiroz Morcarchos	8,000	
Tenente Manoel Antonio da Silva Guimaraens	4,000	
Forriell Antonio Joaquim de Avila	8,000	
Cabos, e Soldados	48,580	68,580

## Terceira Companhia.

Capitão Joaquim Jozé Rodrigues	6,400	
Tenente Francisco da Cunha Monis	6,400	
Alferes Luis Marques Ferreira	6,400	
Cabos, e Soldados	14,280	33,480

## Quarta Companhia.

Capitão Jozé Henrique de Carvalho	6,000	
Tenente Joaquim de Carvalho Rezende	3,000	
Alferes Jozé Marques Ferreira	3,000	
Forriell João Henrique de Carvalho	1,000	
Cabos, e Soldados	14,240	27,240

## Quinta Companhia.

Capitão Victorino Correa da Costa	4,000	
Tenente Francisco Correa da Costa	2,000	
Alferes Antonio Vicente Campos	6,375	
Forriell Estevoão Ponto Alves	2,000	
Cabos, e Soldados	8,960	23,335

## Sexta Companhia.

Alferes João Jozé Carneiro	4,000	
Forriell, João Ferreira da Cruz	2,000	
Cabos, e Soldados	17,005	

## Septima Companhia.

Capitão Antonio Joaquim de Barros Louzada	4,000	
Forriell Miguel Antonio	15,000	
Cabos, e Soldados	47,580	66,580

---

 283,275

# EUROPA.

## FRANÇA.

PARIZ, 16 DE JUNHO.

*Falla de Bonaparte ao Corpo Legislativo (só em nome.)*

Senhores Deputados dos Departamentos no Corpo Legislativo.

A PAZ concluída com o Imperio de Austria tem sido depois cimentada pela feliz alliança, que eu contrahi: o nascimento do Rey de Roma preencheo meos votos, e segurou a prosperidade futura de meos povos.

Os negocios da Religiaõ tem sido mui frequentemente involvidos, e sacrificados aos interesses de hum estado da terceira ordem. Se ametade da Europa está separada da Igreja de Roma, pode-se especialmente attribuir á contradicção que incessantemente tem existido entre as verdades, e os principios da Religiaõ, que pertencem a todo o Universo, e as pertençoens, e interesses relativos a hum pequeno canto da Italia. Eu puz hum termo eterno a este escandalo. Uni Roma ao Imperio. Concedi Palacios aos Papas em Roma, e Pariz: se elles amaõ cordealmente os interesses da Religiaõ, residirão ordinariamente no centro dos negocios da Christandade: por esse motivo he que S. Pedro preferio Roma á propria residencia da Terra-Santa.

A Hollanda foi unida ao Imperio, de quem não era mais que huma simples *emanação*. Sem ella, o Imperio não ficaria completo.

Os principios adoptados pelo Governo Inglez, de não reconhecer neutralidade de alguma bandeira, poseraõ-me na precizaõ de me apoderar das bôcas de

Ems, do Weser, e do Elbo, e me fizeraõ indispensavel huma communicacão interior com o Baltico. Eu não dezejo augmentar meu territorio, mas os recursos maritimos do meu Imperio.

A America forceja para fazer reconhecer a liberdade de seu pavilhão. Eu a secondarei.

Os soberanos da confederaçãõ do Rbin só merecem meos elogios. A uniaõ do Valais tinha sidõ prevista desde o acto de mediaçãõ, e considerada como necessaria para conciliar os interesses da Suissa com os da França e Italia.

Os Inglezes fazem jogar todas as paixoens. Humas vezes attribuem á França todos os projectos, que podem assustar as outras potencias, projectos, que teria posto em execuçãõ se fossem conformes á sua politica; outras vezes appellaõ para o amor proprio das naçoens para excitar seu ciume: elles aproveitaõ todas as circumstancias, que daõ origem aos successos inesperados destes tempos em que vivemos: a guerra em todas as partes do continente he que pode unicamente segurar sua prosperidade. Eu quero somente o que se acha estipulado nos tratados, que tenho concluido. Jamais sacrificarei o sangue de meos povos por outros interesses, que não sejaõ os immediatos do meu Imperio. Lizongeo-me que a paz do continente não sera alterada.

O Rey de Hespanha veio assistir a esta ultima solemnidade. Eu lhe tenho prestado tudo o que era necessario, e proprio para reunir os interesses e o espirito dos differentes povos dos suas provincias. Desde 1809, a maior parte das praças fortes de Hespanha tem sido tomadas depois de sitios memoraveis. Os *insurgentes* (quer dizer patriotas) tem sido batidos em hum grande numero de batalhas campaes. A Inglaterra tem conhecido que esta guerra se approximava ao seu fim, e que as intrigas, è o oiro não bastavaõ de hoje em diante para a sustentar, e nutrir. Vio-se pois constringida a mudar a natureza della, e de auxiliar que era tornou-se a agente principal. Todas as suas tropas de linha tem sido enviadas á península: a Inglaterra, a Escossia, e Irlanda estaõ desguarnecidas. O sangue Britanico tem sido profuzamente derramado em muitas acçoens gloriozas para os

exercitos Francezes.—Esta luta contra Carthago, que parecia dever decidir-se em batalhas navaes, ou alem dos mares, o será para o futuro nas planices de Hespanha! Quando a Inglaterra estiver exausta; quando ella tiver por fim sentido os mesmos males, que tão cruelmente tem derramado, pelo espaço de vinte annos, sobre o continente; quando ametade de suas familias estiver coberta de luto, hum espantoso trovaõ porá termo aos negocios da Peninsula, aos destinos de seos exercitos, e vingará a Europa, e Asia, terminando esta segunda guerra Punica.

Senhores Deputados dos Departamentos no Corpo Legislativo.

Tenho ordenado a meu Ministro que vos apresente as contas de 1809, e 1810: para este objecto he que eu vos convoquei. Nellas vereis a prospera situação de minhas finanças. Bem que eu tenha posto, ha tres mezes, á disposição dos meos Ministros da guerra cem milhoens de extraordinario, para occorrer ás despesas dos novos armamentos, que pareciaõ entãõ precizos; com tudo eu me acho na feliz situação de não ter necessidade de impor novos tributos a meos povos. Eu não augmentarei alguma taxa: nenhuma precizaõ tenho de augmentar os impostos.

---

OBSERVAÇOENS DE MR. PELTIER SOBRE ESTE DISCURSO DE BONAPARTE.

Este ultimo discurso de Bonaparte he exactamente o de hum soldado ignorante, e brutal, que, n'hum momento de embriaguez, arenga n'hum corpo-de-guarda. As ideas deste discurso são mais incoherentes, e a lingoagem mais incorrecta, que em nenhum dos outros discursos, que elle tem pronunciado. A' vista das loucuras que n'elle se contem he facil ver que Bonaparte não se aconselhou com pessoa alguma, antes de o compor; e segundo as imperfeçoens, e trivialidade do estilo se conhece que elle só frequenta os seos esbirros, e tem affastado de si todas as pessoas de bom gosto, e de bom tom.

Elle falla da Austria com indifferença, o que he para ella hum máo agoiro, e do seu matrimonio somente, para dizer, que o nascimento de hum filho tem preenclido seos votos; o que prova, que tendo obtido de sua mulher o que dezejava, está neste momento desgostozo della.

Elle annuncia abertamente o scisma que está preparando, e o justifica pelas pertençaens dos Papas, que, ha longo tempo, não atacavaõ a authoridade dos Soberanos, e cuja conducta tinha sido regulada pelos tratados, e pela razaõ. Diz que ametade da Europa se tem separado da Igreja de Roma; o que he falso, poisque a França, a Hespanha, a Italia, o Imperio de Austria, e huma grande parte da Allemanha não se tem jamais separado da Santa Sé. Elle poz termo ao que chama *hum escandalo*, com huma usurpação detestavel; e não contente com este ultrage inaudito nos annaes do mundo, tem entregue o Pontifice que desentronizou, ao opprobrio, ao soffrimento, e á miseria. Se he preciso ainda huma prova da pertençaõ que elle tem de estender sobre o mundo sua tyrannia politica, e religioza, facilmente se achará nos termos de que uzou, fallando da Religiao, e dos Papas. *Os principios, e os interesses da Religiao*, diz elle, *saõ para todo o universo*. Eis aqui pois os sectarios de Zoroastre, os de Mahomet, os de Confucio, &c. &c. &c. associados aos principios, e interesses da Religiao de Bonaparte. Elle vai mais longe ainda; porque annunciando, que dera palacios aos Papas em Paris, e Roma, accrescenta, que se estes dezejaõ cordalmente os interesses da Religiao, devem rezidir ordinariamente no centro dos negocios da Christandade; isto he em Pariz, que, segundo esta declaração, se acha ser o ponto central a que toda a Christandade deve dirigir sua attençaõ, a fim de conhecer os dogmas, que deve conservar, e o Pontifice que deve respeitar.

A Hollanda, diz elle, he huma *emanação do Imperio, sem a qual não ficaria completo*. Sem nos demorarmos sobre o absurdo desta palavra *emanação*, que o Corso provavelmente roubou a Syéyés, e que substitue a palavra *alluviaõ* empregada antes, e que era igualmente redicula, nos fixaremos a attençaõ de

nossos leitores nesta nova impostura de Bonaparte, pela qual declara, quando usurpa hum territorio, que sem elle o Imperio não ficava completo. Lembrem se os nossos leitores, que quando começou a estabelecer-se nas bordas do Baltico, declarou, que tomava somente embocaduras (dos rios) mas agora diz que se apodera de hum territorio, porque he huma emanação do seu Imperio. Quem pode prever todas as emanações que lhe restaõ para dellas se apoderar, quantos thronos he preciso ainda demolir, quantos Soberanos he necessario ainda esbulhar, para que seu Imperio seja completo! O que distingue Bonaparte de todos os mais ladroens, he o desaforo com que rouba, e depois os pretextos absurdos, que dá á sua conducta; ou seja, que arrastado por seu instincto para tudo o que he desordem, e destruição, nada veja nas catástrophes que produz, que não seja natural; ou seja que, persuadido de que taes crimes não podem ser palliados, zombe da razaõ humana insultando-a pela insolencia de suas interpretações, e pela invalidade de suas escuzas.

Os principios adoptados, diz elle, pelo Governo Inglez de não reconhecer a neutralidade de alguma bandeira, me tem obrigado a apoderar-me das bôcas do Ems, do Weser, e do Elbo. Que irrisão! Por ventura tem elle consentido neutraes; elle que reduzio todos os Soberanos a outros tantos escravos mais submissos aos seus caprichos, e vontade, que o administrador o mais subalterno do seu Imperio; elle que não somente calca aos pez os direitos dos neutraes, mas taõbem os de seus alliados, e que depois de os ter feito instrumentos de suas conquistas, acaba pelos absorver em seu Imperio, isto he, no vasto tumulto em que se extinguem a independencia, e a prosperidade dos Povos! Com o pretexto de se apoderar das bôcas daquelles rios, fez-se senhor de huma extensaõ de mais de oitenta legoas de costa; e com o dissimulado motivo de communicar com o Baltico, roubou os Estados de todos os Soberanos, que se achavaõ na linha de communicação; e depois dis com hum tom hypocrita—*Eu não tenho querido augmentar meu territorio, mas sim meos recursos maritimos!* Seos recursos maritimos! Onde estaõ! Pode elle arriscar hum só

navio ao mar, que alguns dias depois, não seja conduzido aos portos da Gran-Bretanha? Todas as suas expediçoens maritimas não se achão limitadas a evoluçoens rediculas nos ancoradoiros de seos portos? Recursos maritimos! Jamais, jamais os tereis: vos podeis estênder vossos estragos por todo o continente: mas não passareis á vante. O Eterno vos oppoz, bem como ás vagas furiozas, huma barreira que frustrará vossa raiva, e vossos esforços. Se não ha hum canto da Europa continental em que vossa fatal influencia, não tenha penetrado, e que não tenha sido ensanguentado por vossa cruel ambição; he preciso para consolação da humanidade, e justiça da providencia, que haja hum paiz inaccessible a vossos insultos, e furores; hum paiz em que se prepara a vossa punição, que serve de contrapezo a vosso poder collossal, e de obstaculo a vossos progressos; hum paiz, que tendo com os povos hum meio de communicação que vos nunca podereis interceptar, lhes leva soccorros quando se levantaõ contra vos, excita sua indignação, e anima sua resistencia: hum paiz em fim cuja energia he igual á vossa violencia, e cujo exemplo mostra ás naçoens prostradas debaixo do vosso sceptro de ferro, tudo o que se pôde emprehender, e obrar contra vos, não se deixando fascinar com os prestigios de vossa fortuna, nem intimidar por vossas ameaças. Sim, a humanidade está ja vingada por este supplicio sempre activo, que atormenta vossa alma, e devora a vosso coração; pela sombria desesperação a que não podeis escapar, produzida pela impotencia em que vos achaes de fazer alguma tentativa directa, e effectiva contra a Inglaterra; impotencia provada por tantos revezes, e que vos tão claramente conheceis. Em vão fixais sobre ella esta vista de basilisco com que ate hoje tem succumbido toda a creatura animada, como ferida de hum terror indifinivel: esta vista perde sua potencia, e força; não inspira terror, nem produz a morte, quando se estende sobre esta Ilha affortunada, onde apenas se tem sentido as concussoens, que tem coberto a Europa de estragos, e cadaveres, e cujo poder se augmenta, e cujas instituçoens prosperaõ, quando os mais antigos Imperios estão vacillantes, quando os costumes, os habitos, e as leis dos povos

saõ destruidas, e anniquiladas por huma implacavel maõ.

*A America, dizeis vos, forceja para fazer reconhecer a liberdade de sua bandeira; eu a secundarei.* A America taõ desprezada, e taõ grosseiramente insultada por vos, parece, he verdade, esquecer-se de seu orgulho, e de seos interesses para servir aos vossos projectos. Vos sabereis mesmo com o prazer, que vos deve cauzar toda a traiçaõ infame, toda a acçaõ vergonhosa, todo o attentado naõ provocado, que o commandante de huma fragata Americana encontrando hum navio Inglez consideravelmente inferior ao seu, o atacou sem ser provocado, ferio, ou matou huma parte de sua equipagem; que depois, por huma irrizaõ, que sem duvida vos fará sorrir, porque ella he mui conforme a esse character infame, que vos faz sempre juntar o insulto ao ultrage, mandou exprimir aos valentes, que tinha podido matar ou ferir, mas naõ intimidar, seos hypocritas sentimentos. Se taes saõ os esforços da America para fazer respeitar sua bandeira, elles saõ dignos de vos, e naõ nos havemos de espantar de que os secondeis, por que sois, com effeito, destinado para secundar tudo o que he injusto, a proteger tudo o que he revoltante, e para approvar tudo o que he atroz.

Dizeis que os Soberanos da Confederaçaõ do Rhin so vos merecem elogios! Ah! nós naõ accrescentaremos commentarios ao elogio com que os infamais; limitar-nos-hemos a fazer observar somente, que vos tomaes para com elles o tom de hum Senhor, que recompensa com huma indifferente, e fria approvaçaõ o zelo, e submissaõ dos seos creados.

*A uniaõ do Valais, accrescentaes vos, tinha sido prevista desde o acto de mediaçaõ.* Prevista! Por quem? Só se o foi por aquelles que sabem, que naõ ha injustiça de que naõ sejais capaz e que o interesse que vos fingiz tomar por hum paiz, he o preludio das scenas de estragos, e devastaçaõ para que o destinaes; e que quando juraes respeitar sua independencia, ja o tendes comprehendido naquelles negros projectos, que sem cessar formaes contra todos os estados. Que! só porque esta uniaõ estava prevista, estaveis authorizado a executa-la, como se

hum crime se tornasse legitimo, ou mesmo necessario, só porque tem sido previsto! Que doutrina! E pode-se unir tanto absurdo a tanta insolencia! Vos unireis taobem a Suissa, porque isso tem sido previsto desde o acto de mediação; e se não tendes consumado ainda este attentado, he porque os Tyrolezes, os Hespanhoes, e os Portuguezes vos tem ensinado a ser mais prudente em vossas tentativas contra os povos. Mas quando, com o pretexto de recrutar os regimentos Suissos que estaõ a vosso serviço, tiverdes sufficientemente enfraquecido a população vivaz, e militar deste paiz; quando vossas intrigas, ou promessas vos tiverem grangeado huma sufficiente influencia nesse phantasma de Dieta, que ainda lhe deixastes, entaõ tratareis de consumir o que tem sido previsto desde o acto de mediação. Consumma-lo-heis vós? Quod Deus avertat.

Napoleaõ faz depois em seu discurso huma especie de *à parte*: ja não he ao seu Corpo Legislativo que elle se dirige, he a si mesmo: parece estar sonhando no seu gabinete, e entregar-se á desordem, ou confuzaõ de seos pensamentos. Aqui nada indica, nada caracteriza; tudo he vago, tudo indefinido; e se acazo se não soubesse, que elle não está em boa intelligencia com a Russia, seria difficil comprehender seu monologo. Eis aqui pouco mais, ou menos, como se pode interpreta-lo.

Os Inglezes saõ o unico povo que me advinha; e seos Ministros o unico Governo que me tem desmascarado. Elles reanimaõ em todas as Potencias, e em todas as Naçoens as scentelhas de energia, e de honra, que eu pertendo suffocar por toda *à parte*; mostraõ-lhe seos verdadeiros interesses, e excitaõ seu orgulho nacional; provaõ-lhe que he menos perigozo atacar-me com audacia, do que ceder-me por huma falsa prudencia, e que a baixeza, e cobardia não tem salvado alguma das Potencias com quem tenho estado em contacto. Elles não tem perdido huma só occasiaõ de dar uteis conselhos aos Soberanos, que eu ameço, e de vellar sobre elles no momento emque eu os forçava a declarar-se inimigos da Inglaterra. Elles tem aberto, pouco mais

ou menos, os olhos do Imperador da Russia, e seos esclarecimentos juntos á imprudencia de minha conducta, que dezenolveo mui cedo meos projectos, tem produzido huma mudança na politica do Gabinete de Petersburgo. Eu tenho errado: he pois necessario alterar minha lingoagem, e dizer que *eu me LIZONGEIO que a paz do Continente não será perturbada.*

Bonaparte annuncia depois, que o Rey de Hespanha *fora assistir áquella ultima solemnidade* (o baptismo do Rey de Roma.) A que vem esta explicação; e porque dá elle á viagem, ou antes á fugida de Joseph este pretexto pueril, se não he para responder aos sarcasmos dos Parisienses, e ás conjecturas da Europa, para provar que não tem abandonado a Hespanha, ou antes para disfarçar o projecto que tinha formado de desenthronizar seu proprio irmão, de entregar este paiz á alguns sceletrados, que ali teria deixado para o devastar, e sustentar ali algumas pozicoens, entre tanto que elle empregaria suas tropas em huma guerra contra a Russia! Hoje que elle crê esta guerra differida, ou antes tem conhecido o perigo de deixar crer, que tinha abandonado a Peninsula elle responde ás interpretaçoens que a chegada de Joseph a Paris tinha suggerido; e affectando hum tom cheio de confiança fallando do resultado da guerra da Peninsula, annuncia com toda a alegria de hum homem que tem sede de sangue, que só quer sangue, que dezeja nadar em sangue, elle annuncia digo, que o sangue Britano tem finalmente corrido em *grossas ondas.* Tal he a lingoagem revoltante, tal he a barbara satisfação do cannibal que sahe do seu horrivel banquete saturado de sangue, e farto de carnagem.

Depois de ter fallado de sangue, Bonaparte ficou embriagado; e no delirio que lhe cauzou esta embriaguez he que elle compoz o fim de seu discurso fallando *dos campos de batalha do Oceano,* dos males *derramados* pela Inglaterra sobre o Continente, do veo funebre de que suas familias serão *cobertas,* e finalmente de *hum golpe de trovão* que porá fim aos negocios da Peninsula, &c. &c. Nos pedimos áquelles,

que absolutamente querem dar á Bonaparte grandes talentos, se taes desvarios não são huma prova da mais profunda ignorancia, e de hum delirio o mais completo? Se este homem tivesse genio, este se divizaria em seu mesmo delirio; achar-se hia no que sua melancolica loucura lhe inspira algumas ideas fortes, algúmas imagens brilhantes! mas em vez destes vestigios de hum espirito, que conserva sua força ate mesmo na auzencia da razaõ, elle só offerece hum *jargão* barbaro, ideas vagas, injurias, e sarcasmos desgostantes pela sua trivialidade; rasgos em fim que provaõ, que se Bonaparte tem o instincto do mal, ella está longe de ter o do genio.

---

Por falta de lugar não damos neste numero a conta, que em 29 de Junho apresentou ao Corpo Legislativo o Conde Montalivet, Ministro do Interior, o que faremos em o N.º seguinte. Mas pela falla do Prezidente daquelle corpo, que vamos transcrever, veraõ os nossos leitores a impressãõ que lhe fez a exposiçaõ daquelle Ministro, e ate onde chega a baixeza, adulaçaõ, e infamia dos representantes do Povo Francez—

Periere mores, jus, decus, pietas, fides,  
Et qui redire nescit, cum perit, pudor.

*Em 3 de Julho de 1811.*

O Imperador e Rey deo audiencia Domingo nas *Thuileries* ao Duque del Campo Alange, Embaixador do Rey de Hespanha, que apresentou as suas Credenciaes; quer dizer, *mais hum testemunho da sua perfidia, da sua traiçaõ e infamia.*

Acabada a audiencia o Imperador sentado sobre seu throno, e cercado dos Principes, Ministros, Grandes Officiaes da sua Caza, Membros do Senado, e do Conselho de Estado, recebeu huma deputaçãõ do Corpo Legislativo, cujo Prezidente, o conde Montesquieu, pronunciou o discurso seguinte.

SIRE,

“ Vossos fieis vassallos, os Deputados dos Departamentos no Corpo Legislativo, não podião recommençar seos trabalhos, sem apresentar a V. M. huma nova homenagem de sua fidelidade.

“ Grandes provincias unidas ao Imperio—immensos trabalhos empregados para sua feicidade, e gloria—todas as artes empregadas a adornar nossas cidades, e offerecendo á Nação meios *incognitos* \* de circulação, e de abundancia: taes são os novos beneficios que V. M. tem feito a seos povos; taes são os objectos de nosso reconhecimento. Nós nos comprazemos, Sire, em celebrar conquistas, que facilitão as relações entre os Povos civilizados, e que restituem á população do interior o commercio, origem fecunda de toda a troca, e de todo o producto.

“ No meio das grandes emprezas, a *ordem*, e a *abundancia* reinão no *thesouro publico* † huma sabedoria esclarecida percebe todos os erros, e tira *riquezas incognitas*, ‡ de nossas necessidades as mais frivolas.

“ Que inimigos pois de nosso repoizo poderiaõ perturbar esta felis harmonia? A Religião, Sire, não pode aspirar a imperio algum sobre a terra; filha do Ceo, ella rejeita todos os direitos estranhos á sua origem sublime; e satisfeita com dar á obediencia hum character mais augusto, somente aspira a ser independente de nossos vicios, e fraquezas.

“ A Hespanha *cançada* § de ser o instrumento do odio de nossas inimigos, os abandonará a seos vaons esforços;—*então esta sanguinolenta guerra cessará*, e nos temos por garante de nossos triunfos a palayra infallivel de V. M. ||

\* Diz bem: de facto ninguem os conhece: nem o mesmo Orador.

† Isto chama-se em bom Portuguez mentir descaradamente. Lembrem-se os nossos Leitores doque fica dito em nosso l. N.º nas reflexões que fizemos sobre a obra do Capitão Pasley; e facilmente conheceraõ ate onde chega a impudencia daquelle Presidente. Tal Imperador, tal Corpo Legislativo.

‡ São realmente taõ incognitas, como os meios de que acima falla.

§ Em vez de cançar, a Nação Hespanhola redobra diariamente seos esforços: ella apprecia hoje mais que nunca os generosos esforços da Nação Ingleza: jamais huma abandonará a outra; e a guerra cessará somente quando a Peninsula estiver livre do Tyranno que a pertende escravizar.

|| He preciso hum sangue frio, e paciencia sem exemplo para soffrer tanto descaramento, e adulaçõ; e nos não temos nem huma, nem outra coiza. Adoladores infames, quantas vezes vos tem dito

“Sire, Hum unico sentimento reina em vosso Imperio; e vossa felicidade he que lhe da origem. O filho augusto concedido a nossos votos, e que he ja o objecto de vossas affeicoens mais ternas, e de nossas esperanças enche nossos coraçoes daquella mesma ternura deque o vosso está penetrado. Nos vemos nelle o complemento de nossos destinos—o amavel laço que une todos os povos do Imperio—o primogenito de huma Nação que vos tendes coberto de gloria, e de quem elle reclama os mais ternos, e paternaes sentimentos: possa elle crescer para vossa felicidade, e nossa—para ser o herdeiro de vosso genio— a gloria do nome Francez—a imagem viva das virtudes de sua Mãe\*—para gozar do amor de nossos filhos, e ter para com elles toda a ternura que nos sentimos por elle em seu berço!

Sua Majestade Corsica respondeo,

“Senhor Presidente, e Deputados no Corpo Legislativo.

“Eu estimo muito que estejais em torno de mim em circumstancias tão caras a meu coração.

“Todos os votos que formais para o futuro me são mui agradaveis. Meu filho corresponderá á esperança da grande Nação: elle terá por vossos filhos os mesmos sentimentos que eu tenho por vos. Os Francezes nunca se esquecerão de que sua feicidade, e sua gloria estão inherentes á prosperidade deste throno que eu restabeleci, que eu firmei, e engrandeci com elles, e para elles; e eu dezejo que todos os Francezes estejam disso convencidos. Em qualquer situação que a Providencia, e *minha vontade* os ponha, o amor da França he seu primeiro dever. Eu recebo com prazer vossos sentimentos.”

o Monstro, que a Peninsula estava subjugada, e tranquilla? Não vos disse elle nos fins de 1809 que em breve iria arrojear no Oceano os Inglezes, (seu flagello, e sua vergonha) e plantar suas aguas nos muros de Lisboa? Cumprio elle sua palavra? Não tendes visto os exercitos Francezes batidos na Roliça, Vimieiro, Porto, Amarante, Talavera, Bussaco, Fuentes de Honor, e Albuera? Não vistes o cruel Massena retirar-se vergonhozamente de Portugal, onde a sua memoria ficará em exacração de pais a filhos? Não vedes que ha perto de quatro annos que o vosso Tyranno forceja para subjugar a Peninsula; e que apezar das vantagens que a tração, e a perfidia sem exemplo lhe deo, está hoje peor, que no principio, depois de ter ali sepultado mais de trezentos mil Francezes? Pais de familias; ternas, e desventuradas Mães, que chorais sem remedio vossos filhos, vossa esperança, e talvez unico arrimo: eis ahí como os vossos representantes no Corpo Legislativo desempenhaõ os seus deveres!

\* Ser herdeiro do genio de Bonaparte, e imagem viva das virtudes de sua Mãe, são coizas incompativeis.

# H E S P A N H A .

## PROCLAMAÇÃO

*Dirigida aos Hespanhoes, que prestáraõ juramento de fidelidade ao Rey Joseph, e que se achaoẽ em Badajoz.*

HESPANHOES degenerados! Posto que vos tinhaes deixado illudir por hum errado calculo, por hum capricho, ou por hum interesse mal entendido; com tudo basta que sejaes Hespanhoes, e nascidos neste paiz encantador, e privilegiado, para que aborraçaes, e detesteis a tyrannia. Vinde, vinde, meos compatriotas; confiai-vos na bondade de vossos amigos, e irmaons: aproveitai-vos do perdaõ, e esquecimento de vossos erros, que neste momento vos offerecem. Vinde gozar com nosco o doce prazer de ser livre. Abjurai essa perfida constituição. Evitai por este meio a triste sorte, que vos espera; d'outro modo a justiça, com sentimento, mas taobem com hum rigor patriotico vos esmagará com o pezo de sua vingança. Resta-vos hum só momento; aproveitai-o; e fazei algum serviço importante á vossa Patria, que vos chama por minha voz.

Quartel General de Valverde, em 24 de Maio de 1811.

Por ordem do Capitaõ General do 5. e 6. Exercito Espanhol.

Assignado.—MARTIN DE LA CARRERA.

### COPIA

*Do officio que o Conselho de Regencia expedio ao Ge-Castanhos concedendo-lhe a Gran-Cruz de Carlos III.*

O Conselho de Regencia de Hespanha e Indias

condecorando a V. Excellencia com a Gran-Cruz de Carlos III. tem querido dar-lhe hum signal do apreço nacional pelos emminentes serviços que V. Excellencia acaba de fazer ao Estado na batalha de Albuera. Os inimigos tornáraõ nesta occaziaõ a encontrar o Vencedor de Bailen, e se viraõ forçados a respeitar outra vez as armas Hespanholas dirigidas, e governadas pelo General, que entaõ os humilhou taobem com tanta gloria, e vantagens da Patria. O Conselho sabe mui bem, que naõ era necessario este novo distinctivo para conciliar a V. Excellencia a estima, e gratidaõ, naõ só da Hespanha, mas taobem da Europa: tal he porem a condiçaõ dos tempos actures, que a fidelidade, o patriotismo, e os talentos tem campo mais amplo para merecer, do que os Soberanos tem para galardoar! Com tudo V. Excellencia tem nesta nova condecoraçãõ, hum testemunho do apreço nacional, que por isso mesmo he digno de seu coração magnanimo, e da cauza, que taõ heroicamente defende: e o Conselho de Regencia, annunciando-o a V. Excellencia, e dando-lhe os parabens mais sinceros pelo novo triumpho, que V. Excellencia acaba de obter sobre os inimigos, espera com todos os Hespanhoes, que V. Excellencia o faça esquecer com outros, se he possivel, inda mais assignalados.

Deos Guarde a V. Excellencia muitos annos. Cadiz, 27 de Maio de 1811.—Pedro de Agar—Gabriel Ciscar—Excellentissimo Senhor D. Francisco Xavier Castanhos.

#### RESPOSTA DO GENERAL.

SERENISSIMO SENHOR: Dando a V. A. as mais rendidas graças pela alta condecoraçãõ, com que se dignou premiar a pequena parte que pude ter na victoria de Albuera; naõ devo occultar, que mais anciozo de merecer a opiniaõ de meos Concidadãõs, que de adquirir distincçoens desta natureza, a expressãõ dos sentimentos que V. A. se digna manifestar-me na carta com que me honra, he para mim hum galardaõ mais lizongeiro, que todos quantos tem inventado o poder para estimular os homens publicos; porque na

generosa Nação Hespanhola, restituída á liberdade, as palavras de approvaçãõ, pronunciadas pelos Chefes do Estado tornáraõ a recobrar a extensaõ, e força que a larga prostituiçãõ de huma Córte corrompida lhes tinha feito perder.

Favorecido pela Divina Providencia, que permitio que eu assistisse aos triunfos mais assignalados de nossas armas, nunca deixarei de dizer que o valor das tropas, a capacidade, e ardente entusiasmo de seos Chefes, foraõ os que arrancáraõ a victoria ao exercito inimigo. Delles, Senhor, he toda a gloria; e minha, bem como de V. A. e de todos Hespanhoes, he a bella e bem fundada esperança de que os mesmos valentes daraõ novos triunfos á Nação, e poraõ termo á justa lucta, em que estamos empenhados, com a independencia da Patria, que saberemos comprar á custa de nossas vidas.

Senhor, eu não appeteco outra ventura, nem dezejo outra sorte mais, que a de contribuir para este gloriozo rezultado, rogando a Deos conserve, e prospere a V. A. muitos annos Quartel General de Olivença 1. de Junho de 1811.—Francisco Xavier Castanhos.

---

Em os No. 59 e 60 do Semanario Patriotico se publicou hum excellente discurso de D. J. M. de V. que merece toda a attençaõ do Congresso Nacional, do Governo, e de todos os amantes da ordem, e da justiça.

A palavra *inconfidente*, e *traidor* deveriaõ ser com effeito explicadas quanto antes, e determinada inteiramente toda a extensaõ do sentido e significaçãõ, que deve comprehender. Os acontecimentos politicos prezentaõ huma taõ lizongeira perspectiva, que exigem com a maior urgencia, que as Cortes, e o Governo se occupem deste assumpto sem perda de tempo. Parece approximar-se a epoca, em que muitos povos subjugados vaõ a ficar livres: nelles, quanto mais pequenos, tanto maiores saõ as inimizades, as dissensoens entre os vizinhos, as emulaçoens, e a inveja: as paixoens podem desenfrear-se mais, e mais nesta epoca; pode dominar a vingança, e a palavra traidor produzir

a ruina de muitas familias innocentes nos povos des-occupados pelo inimigo. Nem todos julgaõ dos homens pelas circumstancias, em que se achão; nem todos as fazem entrar em consideração para julgar de sua conducta: he por tanto mui conveniente, he mesmo urgentissimo pôr hum dique ás vinganças particulares (*quarum pars magna fui.*) Não he menos urgente o ter de antemão nomeado os sujeitos, que haõ de ser empregados nos povos, que vaõ ficando livres, &c. &c. &c.

#### Decreto das Cortes.

D. Fernando VII. por graça de Deos, Rei de Hespanha e das Indias, e em sua ausencia e cativeiro o Conselho de Regencia authorizado interinamente, a todos os que as presentes virem e entenderem, sabei; Que nas Cortes Geraes e Extraordinarias congregadas na Cidade de Cadiz, se resolveo e Decretou o seguinte:

As Cortes Geraes e Extraordinarias, com absoluta unanimidade e conformidade de todos os votos, Decretaõ: Fica abolido para sempre o tormento em todos os Dominios da Monarquia Hespanhola, e a prática introduzida de affligir e molestar aos réos pelo que illegal e abusivamente chamavaõ a premios (ordens dos Juizes) e prohibem os que se conheciaõ com o nome de esposas (algemas) perrillos (cães de ferro) calabouços extraordinarios, e outros, qualquer que fosse a sua denominação e uso; sem que nenhum Juiz, Tribunal, nem Julgado, por privilegiado que seja, possa mandar nem impor a tortura, nem usar das insinuadas ordens, debaixo de responsabilidade, e de pena, pelo mesmo facto de o mandar, de serem riscados os Juizes de seus Empregos e Dignidades; cujo crime poderá perseguir-se por acção popular; derogando desde logo quaesquer Ordenanças, Leis, Ordens, e disposições que se hajaõ dado e publicado em contrario. O Conselho de Regencia o tenha assim entendido; e ordenará o que for necessario para o seu cumprimento, fazendo-o imprimir, publicar, e circular. Diogo Muñoz Torrerro, Presidente. Joaõ Polo e Ca-

talina, Deputado Secretario. Miguel Antonio de Zumalacarregui, Deputado Secretario. Dado em Cadiz a 22 de Abril de 1811. Ao Conselho de Regencia. E para a devida execucao e cumprimento do Decreto precedente, o Conselho de Regencia ordena e manda a todos os Tribunaes, Justiças, Chefes, Governadores, e mais Authoridades, assim Civis como Militares e Ecclesiasticas, de qualquer classe, e dignidade, que o guardem, fação guardar, cumprir, e executar em todas as suas partes. Assim o tereis entendido, e ordenareis o necessario para o seu cumprimento. Cadiz a 24 de Abril de 1811. Pedro Agar, Presidente. Gabriel de Ciscar.

*Cadiz 23 de Maio.*

Parte que deo o Excellentissimo Senhor D. Joaquim Blake ao Conselho de Regencia da gloriosa acção, e completa victoria de Albuera.

*Serenissimo Senhor.*

Tenho a satisfacção de annunciar a V. A. que o Exercito Alliado Hespanhol, Inglez, e Portuguez, bateo completamente, e gloriosamente nestes campos de Albuera, antes de hontem 16, ao Exercito inimigo, que atrevida e jactanciosamente conduzia o Marechal Soult para libertar a Badajoz, e conquistar novamente a Estremadura. Desvanecidos os seus projectos está em ducidida retirada, e o persegue a cavallaria, sustida pela nossa vanguarda, e alguma infantaria Ingleza.

Naõ direi a V. A. que se haja conseguido huma victoria facil; a batalha foi porfiada, e naõ pouco sanguinosa por ambas as partes, ainda que muito mais por parte dos inimigos, cuja perda naõ he certamente menor de 7 mil homens; porém o empenho com que as tropas se batêrao, sem que por muitas horas cedessem huma polegada de terreno, faz indubitavelmente mais glorioso e satisfatorio o triumpho. Havia Soult reunido forças extraordinarias com huma actividade proporcionada ao grande objecto a que se havia proposto; eramos com effeito, proximamente iguaes a elle em infantaria, ainda que nos excedia

muito em artilheria, e em o número de cavallaria; porém tal era o ardor com que as tropas das tres Naçoens desejavaõ pelear contra o inimigo commum, tal o enthusiasmo, e nobre emulação com que aspiravaõ todas a distinguir-se, e tal a fraternidade com que reciprocamente se ajudáraõ, e se sustinhaõ, que do mesmo modo que vencemos a estes 30 mil satélites do tyranno, teriamos vencido a qualquer maior número, sem outra differença que a de haverem derramado mais sangue os valentes defensores da liberdade da Europa.

Apressar-me-hei quanto for possivel em reunir os detalhes, e circumstancias de taõ brilhante e memoravel jornada; e para não privar entre tanto a V. A. das noticias que sem dúvida desejará saber mais detalhadamente que o que permite este officio, envio o meu Ajudante de Campo D. Sebastião Llano, para que, como testemunha que presenciou a acção, informe verbalmente a V. A. de quanto for servido perguntar-lhe.

Faltaõ-me expressoens para dar huma idéa sufficiente do zelo e bisarria dos Generaes, Chefes, e Officiaes Hespanhoes, e da intrepidez das Tropas; estas elogiãõ extraordinariamente aos nossos Alliados, ao mesmo passo que são elogiadas por elles, e huns e outros fallaõ com verdade; produzindo esta cordeal uniaõ, esta ingenuidade, e esta reciproca confiança as mais lizongeiros impressoens nos animos dos verdadeiros amantes da causa da Nação Hespanhola.

Ainda que me abstenha por ora de nomear sujeitos determinados por evitar o perigo de incorrer involuntariamente em preferencias injustas, não posso deixar em silencio o eminente merito militar do Excellentissimo Senhor Marechal Beresford, General em Chefe do Exercito Anglo-Portuguez, que pelz superioridade da sua classe, e convenção anterior com o General Castanhos dirigio a Acção. Nada ha comparavel á intelligencia, actividade e valor deste digno General, cujo exemplo impelle a pelear com denodo, bem como convencem seus conselhos. Deos guarde a V. A. muitos annos. Campo de Albuera 16 de Maio de 1811. Serenissimo Senhor Joaquim Blake. A.S.A. o Conselho de Regencia.

*Cadix 24 de Maio.*

O Tenente General D. Joaquim Blake ao Corpo do seu commando.

O Ex<sup>mo</sup>. Sr. Marechal Beresford, dando os agradecimentos na ordem do dia ao Exercito Alliado pela sua brilhante conducta na batalha de 16, faz a mais honrosa menção da intrepidez, sangue frio, e firmeza, que nella mostráráo as tropas Hespanholas, dirigidas com distincto valor, e pericia militar pelos seus Officiaes, Chefes, e Soldados. Depois do interesse de servir a Patria, a mais distincta ambição do Soldado he merecer a approvação dos valentes. As expressoens com que o Marechal Beresford declara a sua ás tropas Hespanholas, são a recompensa mais apreciavel para os amantes da verdadeira gloria. Considerando eu desta maneira estreitada mais e mais a nossa fraternidade com os Alliados, que tantas vezes tem excitado a nossa admiração; não posso deixar de me congratular com todos os meus companheiros d'armas por hum acontecimento, que ha de trazer á Patria vantagens incalculaveis, e desde agora he presagio certo da brilhante bizarria, com que as tropas das tres Naçoens Alliadas triunfarão sempre de nossos orgulhosos inimigos.

A distinctissima conducta dos Generaes das Divisoens, as dos Chefes dos Corpos, e a intrepidez, zelo, e pericia de todos os Officiaes e tropa correspondêráo completamente ás minhas esperanças; e nada posso accrescentar ao que diz a respeito delles hum dos Generaes mais acreditados por seu valor, e talentos militares, qual he o dignissimo Marechal Beresford; senão repetir o meu voto pela uniaõ intima das tres Potencias Alliadas, que resistem tão gloriosamente á tyrannia, e affiançarão finalmente a independencia da Peninsula, e a tranquillidade do Mundo. Campo de Albuhera 18 de Maio de 1811. Joaquim Blake.

Relação da Victoria Conseguida pelo Chef Mina, no dia 25 de Maio, extrahida do Redactor Geral do Cadix.

Sahiraõ da Cidade de Victoria 1,200 inimigos entre Infantaria, e Cavallaria, escoltando hum grande comboy composto de 150 coches, e carros Francezes

e Hespanhoes, que conduziaõ as preciozidades roubadas, e a equipagem de Massena, tendo este ficado com outros Generaes em Victoria por medo de cabir nas maons dos Patriotas. Acompanhavaõ este comboy 1,042 prizioneiros Inglezes, e Hespanhoes. Naõ tinhaõ bem andados duas horas de caminho, quando no posto de Arlaban o immortal Mina, deixando passar a vanguarda atacou o grosso do comboy com a sua bizarra tropa, que d'antemaõ tinha feito postar á direita, e á esquerda da estrada real collocando á frente a cavallaria : ás seis horas da manhã rompeo se o fogo ; e á segunda descarga serrada os *invenciveis* ficaraõ consternados, tanto que o commandante levantou hum panno branco, e gritou offerecendo-se a entregar-se. Mina depondo o seu furor que só he sanguinario na peleja, mandou hum official para se verificar a entrega, que julgou offerecida com ingenuidade : porem o perfido commandante julgando talvez, que privava Hespanha de hum chefe taõ digno como Mina, tirou a vida com hum tiro de pistola ao nosso official ; o que de tal modo excitou a colera do intrepido chefe, que tornando a romper o fogo derrotou totalmente os Francezes. O resultado desta brilhante acçaõ, que durou quatro horas, foi gloriozo pelo local, e outras circumstancias que concorreraõ para isso. Morreraõ 300 Francezes, entre elles o General Lafauterie, hum Inspector, e varios coroneis : aprizionou-se outro General ferido, e entregaraõ-se 700 aquem se deo quartel, menos ao aleivozo commandante, que ali mesmo foi morto. Foraõ resgatados do jugo dos inimigos 700 prizioneiros, que no mesmo momento passaraõ a impunhar as armas dos que, havia duas horas, os insultavaõ com ignominia. Cauzava o maior prazer ás almas Hespanholas ver destroçados os coches e carros, que conduziaõ as equipagem do filho primogenito da Victoria ; e estendidos no campo os que os escoltavaõ vendo ao mesmo tempo que os nossos Soldados se apossaraõ de 400,000 cruzados. A nossa perda foi de 25 mortos.

# PORTUGAL.

LISBOA.

*Officios, Avizos, e Portarias dos Illmos. e Exmos. Senhores Governadores de Portugal, e Algarve sobre diversos objectos.*

Copia de huma Carta dos Excellentissimos Senhores Governadores do Reino a S. E. Lord Visconde Wellington, C. do B. Marechal General.

ILL<sup>mo</sup>. e Ex<sup>mo</sup>. S<sup>r</sup>. : sendo-nos presente o Officio de V. E. de 9 do corrente mez, e tomando em consideração os muito gloriosos e mui importantes serviços de V. E. na actual campanha, temos a satisfação de testemunhar a V. E. o justo conceito, que nos merecem os grandes feitos com que V. E. tem immortalizado a sua memoria, sustentando a honra dos Exercitos combinados, e libertado este Reino, pela terceira vez, da oppressão de seus inimigos.

A conducta do Exercito, tendo correspondido á confiança do seu Chefe, e ás esperanças das Nações Alliadas, desejaríamos que V. E. fizesse constar a todo elle quanto o Governo e a Patria se achão recompensados dos seus esforços e sacrificios, pela sciencia, valor e disciplina dos Generaes, Officiaes, e Soldados, que o compõem. Levaremos á Presença de Sua Alteza Real de hum modo mui distincto, os ultimos acontecimentos, recommendando os serviços de hum Exercito, que se tem coberto de gloria, debaixo do commando de V. E. Deverá ser muito agradavel a V. E. o resultado de suas combinaçoens, e trabalhos; e quando os successos, e a opiniaõ pública os

coroaõ taõ singularmente, nada mais pôde restar para satisfazer o coração do Guerreiro Illustre, que os emprehende.

Deos guarde a V. E. muitos annos. Palacio do Governo em 17 de Abril de 1811.

(Assignados) Bispo Patriarcha Eleito, Marquez Monteiro Mór, Principal Sousa, Conde de Redondo, Carlos Stuart, Ricardo Raimundo Nogueira, D. Miguel Pereira Forjaz, Joaõ Antonio Salter de Mendonça.

Copia de huma Carta do Ex<sup>mo</sup>. Sr. D. Miguel Pereira Forjaz, em nome do Governo, a S. E. Sir W. C. Beresford, C. do B. Marechal Commandante em Chefe.

Ill<sup>mo</sup>. e Ex<sup>mo</sup>. Sr.

TENDO os Exercitos combinados repellido os inimigos para além das Fronteiras deste Reino, nas Provincias do Norte e do Sul, com tanta gloria dos Allia-dos, como interesse da justa causa, que defendem, os Governadores do Reino me authorisáraõ para em seu Nome agradecer a V. E. os distinctos e relevantes ser-viços, de que lhe he devedora a Naçaõ Portugueza, na qualidade de Marechal Commandante em Chefe dos seus Exercitos.

Se os felizes successos das nossas Armas saõ o fructo da Disciplina e do Valor, a V. E. se deve attribuir, que Tropas que ha pouco eraõ recrutas, na maior parte, tenhaõ podido conduzir-se como veteranos ex-perimentados, e merecer taõ assignaladamente do seu Soberano, e dos seus Concidadãos.

O Governo levará á Presença de S. A. R. com es-pecial recommendaçãõ os merecimentos e gloriosos feitos do seu Exercito, e deseja que V. E. faça saber a todo elle, do modo mais solenne, o honrado conceito em que saõ tidos os seus serviços.

O Exercito tem correspondido ás esperanças da Pa-tria ; e em quanto ella conservar a lembrança de taõ gloriosos acontecimentos, será entre nós mui presente a memoria do digno Chefe, que o disciplinou.

Tenho particular satisfaçãõ em communicar a V. E. os sentimentos dos Governadores do Reino, porque

elles são os mesmos, que por V. E. tenho invariavelmente conservado. Deos guarde a V. E. Palacio do Governo em 17 de Abril de 1811.

(Assignado) D. Miguel Pereira Forjaz.

Sir William C. Beresford, Marechal Commandante em Chefe do Exercito Portuguez.

### AVISO

#### *E Instrucçoens para o Governador do Porto.*

Fazendo-se indispensavel completar immediatamente não só os Corpos de Linha do Exercito, mas as reservas determinadas pelo Alvará de 15 de Dezembro de 1809 : he Sua Alteza Real Servido Ordenar, que V. S. mande proceder desde logo ao Recrutamento nos Districtos da sua jurisdicção ; devendo V. S. apromptar 1,362 Recrutas no espaço de 40 dias, contados da data desta : attendendo porém Sua Alteza Real á impossibilidade, que V. S. deve achar no Recrutamento dos Districtos assignalados para os Regimentos de Milicias de Coimbra, e Figueira por terem sido invadidos pelo inimigo, he outro sim Servido Ordenar, que os sobreditos Districtos fiquem isentos do presente Recrutamento.

Constando porém a Sua Alteza Real, que no ultimo Recrutamento se não attendeo com a precisa averiguação á idade, e constituição fisica das Recrutas ; e a que na acção de serem levadas para os Depositos Geraes, as demoravaõ em prisoeis inhabitaveis por falta de limpeza, accrescendo a isto a privação do necessario sustento para a conservação da saude das mesmas Recrutas : he o Mesmo Senhor Servido Determinar, que no presente Recrutamento se observem as seguintes Regras.

‘ I. Que V. S. designe dous, ou tres Pontos em Cidades, ou Villas para nelles se ajuntarem as Recrutas cujos Districtos ficarem mais proximos dos ditos pontos, os quaes devem distar o menos que fôr possivel do Deposito Geral de Infantaria, actualmente estabelecido na Villa de Setubal, e do de Cavallaria ainda existente na Luz suburbio desta Capital.

‘ II. Que V. S. nomee Officiaes de reconhecida inteireza, conhecimento, e zelo pelo bem do Real Serviço para fazerem a escolha das Recrutas reunidas nos sobreditos pontos na con-

formidade do §. 6. do citado Alvará, e do §. 1. da Regia Portaria de 17 de Junho de 1810.

‘ III. Que as Recrutas conduzidas aos sobreditos pontos, que serao considerados como Depositos Provisionaes, sejaõ abonadas de 100 réis por dia na conformidade das Ordens expedidas a V. S. em Aviso de 25 de Agosto de 1810, cuja importancia será satisfeita confôrme determina a Lei de 24 de Fevereiro de 1764 no §. 18.

‘ IV. Que as Recrutas no acto de serem conduzidas para os sobreditos Depositos Provisionaes devao ser recolhidas em casas habitaveis ; devendo com tudo ficar debaixo da necessaria segurança.

‘ V. Que V. S. mande abonar ás Recrutas approvadas o soldo de Infantaria, e pao desde o dia em que o forem, cuja importancia devera ser igualmente satisfeita pela respectiva Thesouraria Geral das Tropas por meio de Valles, e Prets passados pelos Officiaes encarregados da approvaõ das mesmas Recrutas ; os quaes devem ser resgatados por Livranças passados pelos sobreditos Officiaes, e rubricadas por V. S., e do soldo de cada huma das Recrutas approvadas V. S. lhes mandará fazer dous ranchos ao dia.

‘ VI. Que V. S. mande fornecer pelo Arsenal dessa Cidade ás Recrutas mais necessitadas aquelle vestuario, e calçado, que fôr indispensavel para chegarem ao Deposito Geral no estado conveniente ; e de toda a despesa, que se fizer no dito Arsenal com este fornecimento V. S. a mandará lançar em Relaçoes competentes, nas quaes se deve declarar os Artigos do fardamento fornecido, a sua qualidade, e importancia ; o nome, naturalidade, e filiaõ da Recruta a quem se fornece.

‘ VII. Que as Recrutas devao partir para os Depositos Geraes em levas de 25 até 30, escoltados por Ordenanças de Districto, em Districto, ou embarcadas confôrme as circumstancias o permittirem ; devendo ser entregues a hum Official capaz, o qual as devera conduzir como se todas ellas formassem hum Destacamento de Tropa.

‘ VIII. Que V. S. remetta a esta Secretaria d’Estado de 10 em 10 dias huma Relaçõ Nominal das Recrutas, que tiverem sido approvadas existentes nos Depositos Provisionaes, ou effecivamente remettidos aos Depositos Geraes com declaraçõ da idade, naturalidade, filiaõ, altura, occupaõ de cada huma, e dia, em que foi approvada na conformidade do modelo, que remetto incluso a V. S. O que tudo participo a V. S. de Ordem de Sua Alteza Real para sua intelligencia, e prompta execuçõ. Deos guarde a V. S. Palacio do Governo em 8 de Maio de 1811. D. Miguel Pereira Forjaz. Senhor D. Antonio de Amorim. Recebido em 18 de Maio de 1811, pelo Senhor D. Antonio de

Amorim, (Assignado) Guilherme de Linstow, Como Deputado do Ajudante General.

FAZENDO-SE necessario estabelecer hum Regulamento, que designando os sitios em que devem ancorar os Navios Mercantes Nacionaes, e Estrangeiros, que entrarem no Porto de Lisboa, prescreva juntamente o methodo que hade pôr-se em prática, para evitar que os ditos Navios, por motivo de se acharem fundeados mui perto huns dos outros, se occasionem reciprocas avarias, de que resultaõ graves prejuizos ao Commercio, e Navegação, e determine tambem o systema que deve seguir-se, verificando-se, as ditas avarias, e quando se fizerem rocegas dentro do sobredito Porto: Manda o PRINCIPE REGENTE Nosso Senhor, que o Conselho do Almirantado, e a Real Junta da Fazenda da Marinha fação observar interinamente o Regulamento, que acompanha esta Portaria, assignada por D. Miguel Pereira Forjaz, do seu Conselho, Marechal de Campo dos seus Exercitos, e Secretario do Governo nas Repartiçoens da Marinha, Negocios Estrangeiros, e Guerra. Palacio do Governo em 7 de Junho de 1811.

*Com tres Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.*

#### REGULAMENTO

*Para o Porto de Lisboa, que se manda observar por Portaria da data deste.*

I. Todo o Navio Mercante Nacional, e Estrangeiro, que entrar no Rio de Lisboa por motivo de arribada, sem destino de descarregar, e só com o fim de se reparar das faltas que tiver, fundeará do sitio da Junqueira para baixo. Se porém tiver necessidade de descarregar, para melhor fazer qualquer fabrico, irá fundear defronte do Estaleiro, em que pertender

concertar-se, e não molestará os que alli já se acharem, nem mesmo exigirá que estes se retirem para obter melhor ancoradouro. Tanto porém que estiver reparado, irá dar fundo do sobredito sitio da Junqueira para baixo, no lugar dos Navios que estão em franquia, para sahirem de barra em fóra.

II. Todo o Navio que trouxer carga para Terceiras, fundeará defronte, e perto dellas, sem com tudo molestar, ou exigir que se retire qualquer outro Navio que alli estiver, e não houver ainda concluido a sua descarga.

III. Todo o Navio que trouxer carga, cuja entrada pertença á Alfandega, ou caza da India, irá fundear defronte do Caes das Columnas, para L'Este.

IV. Todo o Navio Portuguez, logo que tiver feito a sua descarga, irá fundear defronte da Boa Vista, nos sitios em que estão os seus Estaleiros; bem como todo o Navio Estrangeiro, concluida a sua descarga, fundeará do Caes da Ribeira Nova para baixo, ou junto aos Estaleiros em que costumão reparar-se.

V. Navio algum poderá por qualquer pretexto que seja amarrar-se de modo que venha a incommodar aquelles que já estiverem fundeados: todos porém deverãõ segurar-se ao correr do Rio, a que vulgarmente chamaõ agoa-arriba, agoa-abaixo, com amarras, e ferros bons, tendo sempre hum ferro, e amarra capazes, talingado á boça, não só para sua propria segurança, senãõ tambem para evitar o prejuizo que resultaria de chocarem huns com outros.

VI. Não he permittido a Navio algum o fundear junto das Embarcações de S. A. R., bem como o não he fundear entre o Caes das Columnas, e o da Ribeira Nova, por ser este o sitio destinado para os Navios da Real Corôa, e para o embarque, e desembarque das Tropas Britanicas.

VII. Fica prohibido a todos os Navios de qualquer Nação que sejaõ, o crenar, queimar, dar lados, ou fabricar defronte d'Alfandega, ou entre Embarcações fundeadas, o que sómente se consentirá do sitio da Ribeira Nova para baixo, e defronte dos Estaleiros por onde recebem os concertos, e fabrico.

VIII. Todo o Navio que estiver á descarga, logo

que não tenha lastro sufficiente para se poder conservar á cunha, deverá arrear Mastareos de Gavea, e de Joanetes, para evitar a repetição do infeliz successo acontecido ha poucos annos no Rio de Lisboa com o Bergantim—Aviso.

IX. Não poderá Navio algum que estiver fundeado recusar acceitar huma Espia, que lhe fôr dada por algum dos Escaleres do Arsenal; pois sendo este trabalho sempre feito por pessoas intelligentes, jámais lhe será dada a tal Espia em occasião impropria, e de que possa seguir-se prejuizo ao mesmo Navio.

X. Todo o Capitaõ, ou Mestre de Navio Nacional, e Estrangeiro, que contravier a disposição dos precedentes Artigos, e que não obedecer promptamente ás ordens que lhe forem intimadas por parte do Inspector do Arsenal Real da Marinha para se preencher a mesma disposição, ficará sugeito a huma condemnação pecuniaria, que o referido Inspector lhe imporá, segundo a gravidade da contravenção, e que nunca excederá a 40 mil rs., que serãõ applicados ás despesas do Arsenal, e entregues para esse fim no Cofre da Junta da Fazenda da Marinha.

E para segurança da satisfação desta pena pecuniaria, o sobredito Inspector fará tirar, e recolher no Arsenal o Panno do Navio, até que a mesma quantia seja paga.

XI. Se hum Navio fizer avaria a outro, e as Partes interessadas se não compozerem amigavelmente, o Inspector a mandará avaliar pela Mestrança do Arsenal; e se depois desta avaliação, ouvidas as Partes, e feitas as mais indagações precisas, se vier no conhecimento que a mesma avaria não excede o valôr de 50 mil rs., o referido Inspector fará que o culpado pague ao Navio prejudicado o damno que lhe causou; e na conformidade do Artigo antecedente mandará recolher no Arsenal o Panno da Embarcação que motivou a avaria, até que esteja satisfeito o valôr do mesmo damno.

XII. Quando porém o valôr da avaria, que hum Navio fez a outro, exceder a quantia de 50 mil rs., e as Partes interessadas se não compozerem amigavelmente, o Inspector do Arsenal remetterá á Real Junta do Commercio o Termo de avaliação da mesma avaria,

com as mais indagações, a que deve ter procedido nesta materia, para que o dito Tribunal com Audiencia das Partes possa decidir como fôr de justiça.

XIII. Todo o Mestre, ou Capitaõ que perder algum Ferro do seu Navio, dará disto parte ao Inspector do Arsenal, declarando o seu pezo, marca, e contramarca, assim como a grossura, e comprimento da amarra que ficou preza ao dito Ferro; e o Inspector dando licença por escrito ao referido Mestre, ou Capitaõ para fazerem a rocega dos Ferros perdidos, sem o que nenhum Commandante de Navio Nacional, e Estrangeiro a poderá fazer, mandará lançar em hum Livro a sobredita declaração, para se proceder às confrontações necessarias, depois que o Ferro estiver suspendido.

XIV. O Mestre, ou Capitaõ, que tiver rocegado, e suspendido o Ferro, que declarou ter perdido, será obrigado a levallo ao lugar designado pelo Inspector do Arsenal, para se cotejar com os signaes que deo; e conhecendo-se que he o mesmo do seu Navio, se lhe entregará immediatamente: se porém o Ferro achado fôr pertencente á Fazenda Real, se entregará ao Almoxarife do Arsenal; e depois de se proceder á sua avaliação, e se depositar no competente lugar, o Inspector fará constar á Real Junta da Fazenda da Marinha o termo da dita avaliação, e este Tribunal mandará satisfazer pela Repartição dos miudos á Pessoa que rocegou o dito Ferro, a oitava parte da mesma avaliação.

XV. Se o Ferro, ou qualquer outro objecto achado nao fôr de quem o rocegou, nem de Particular que tivesse feito as declarações requeridas, ficará impertivelmente pertencendo á Fazenda Real; e na conformidade do Artigo antecedente se pagará a quarta parte de sua avaliação á Pessoa que achasse algum dos ditos objectos.

XVI. Quando succeda que o Ferro rocegado seja de algum Particular, que tivesse declarado na fórmula prescripta os seus competentes signaes, elle lhe será entregue, depois de se proceder á sua avaliação pela Mestrança do Arsenal, sendo obrigado o dono do dito Ferro, antes de o receber, a pagar o trabalho da avaliação, o qual arbitrará o Inspector do Arsenal, e a

satisfazer á Pessoa que achou o dito Ferro a terça parte do seu valôr.

XVII. Se alguma Pessoa sonegar Ferros achados, ou depois de os suspender não cumprir o que se acha determinado, ficará sujeita á condemnação da oitava parte do valôr dos referidos Ferros, a favor do Denunciante; e os mesmos Ferros, e quaesquer outros objectos, sendo mandados buscar pelo Inspector do Arsenal, ficaraõ pertencendo á Fazenda Real. Se porém os ditos Ferros sonegados forem de Particulares, que delles hajaõ feito a devida declaração, serlhes-haõ entregues, pagando o Sonegador á Fazenda Real huma quarta parte da sua avaliação, e ao Denunciante a condemnação da oitava parte do seu valôr.

XVIII. Se a Lancha da Rocega do Arsenal achar algum Ferro perdido, Amarra, ou qualquer outro objecto, não pertencente á Fazenda Real, e de que não haja a competente e ordenada declaração, ficará qualquer destes effeitos pertencendo á Fazenda Real; e a Junta da Fazenda da Marinha mandará dar de gratificação á referida Lancha, e Escaleres, empregados neste serviço, huma oitava parte da sua avaliação.

XIX. Todos os Consules, Vice-Consules, Proprietarios, Consignatarios, Capitães, e Mestres dos Navios, de qualquer Nação que forem, ficaraõ obrigados á exacta observancia deste Regulamento. Palacio do Governo em 7 de Junho de 1811.

D. Miguel Pereira Forjaz.

*Copia das Circulares expedidas aos Generaes das Provincias.*

Sendo indispensavel fazer cessar por huma vez os abusos, a que tem dado lugar (posto que com boas intençoens) o dezejo de alguns Chefes de prover aos fardamentos dos Corpos de Milicias e Artilheiros de Ordenanças, requerendo para isso contribuiçoens ou dos Póvos em geral, ou de diversos Particulares, a quem por este motivo tem chegado a isentar do recrutamento daquelles Corpos; he Sua Alteza Real servido mandar expressamente prohibir o uso de similhantes meios, que daqui em diante ficarão criminosos, e sujeitos á disposição do Cap. 28 dos artigos de Guerra do regulamento de infantaria; ficando os Chefes destes

Corpos na intelligencia, que o meio de evitarem a necessidade de recorrer a estes expedientes será o de recrutarem os seus Corpos da fórma que lhes está ordenado no seu Regulamento, compondo-os de preferencia das pessoas mais abonadas, e capazes de se fardarem a si proprios conforme a sua instituição; e quando as circumstancias extraordinarias, como as que ultimamente occorrêrao, façao indispensavel hum extraordinario auxilio a favor destes Corpos; representando-se esta necessidade a Sua Alteza Real pelas competentes Authoridades, o Mesmo Senhor se dignará dar as providencias, que as circumstancias permittirem, como proximamente se praticou por Aviso de 7 de Fevereiro do presente anno, sem que em caso algum fique sendo permittido aos Chefes recorrer a expedientes, que redundao sempre em prejuizo público pelos abusos, que he difficil de evitar, apezar das melhores intençoens dos mesmos Chefes. O que participo a V. para que expeça em consequencia as Ordens necessarias. Deos guarde a V. Palacio do Governo em 25 de Junho de 1811.—  
D. Miguel Pereira Forjaz.

Constando a Sua Alteza Real por diversas queixas, e representaçoes, que tem chegado á Sua Real Presença, as extorsoens e violencias, que praticaõ alguns Officiaes Ordenanças com o pretexto das Guardas mandadas estabelecer em diferentes partes, e com os trabalhos das fortificaçoens; e querendo obviar a continuação de semelhantes procedimentos tao contrarios ás suas Reaes intençoens, e ao muito que deseja favorecer os seus vassallos, que com tao boa vontade se tem prestado, e prestaõ a todos os sacrificios, que delles tem exigido a defesa do Throno, e da independencia desta Monarchia; he servido determinar o seguinte:

I. Que V. faça logo informar-se pelos respectivos Capitaens Mores da sua Provincia, e Governadores Militares, do serviço, que actualmente estaõ fazendo os Corpos de Ordenança, e os Artilheiros das mesmas Ordenanças mandados ultimamente crear.

II. Que reduzindo V. este serviço ao que estrictamente exigir a necessidade, ou as Ordens do Marechal Commandante em Chefe do Exercito, faça desde logo ces-ar todo aquelle, que não estiver nestas circumstancias.

III. Que apresentando a V. os mesmos Capitaens Mores, e Governadores Militares a conta exacta de

número de individuos de Ordenanças, ou Artilheiros da sua jurisdicção, se regule quantas vezes em cada mez póde pertencer este serviço ao mesmo individuo; o que se fará público em cada Companhia a fim de que todos conheçaõ, se se lhe faz injustiça neste detalhe, e se possaõ queixar ao Capitão Mór, Governador Militar, a ou V. quando sejaõ obrigados a hum serviço mais pezado do que lhe deveria pertencer.

IV. Que o mesmo se pratique relativamente ao serviço das faxinas, ou obras de fortificação; comparando-se o número de gente, que se exige, com o das Ordenanças dos diversos districtos, que para elles devem concorrer.

V. Que fique geralmente prohibido receber dos individuos, a quem tocaõ, ou as guardas, ou as faxinas, somma alguma pecuniaria a titulo de pagar a outro homem, que vá em lugar do nomeado; devendo o mesmo nomeado, ou ir pessoalmente fazer o seu serviço, ou mandar hum homem capaz em seu lugar, mas ajustado por elle mesmo sem intervenção do Sargento, ou do Capitão da sua Companhia, a quem só competirá zelar, que o serviço seja prehenchido pelo número de gente capaz, que lhe toca fornecer.

Sua Alteza Real ha por muito recommendado a V. tudo o que neste Aviso se determina, procedendo V. a castigar com o maior rigor os Officiaes d'Ordenanças, que a elle contravierem, sendo este hum objecto, que pelas suas consequencias merecerá sempre a particular attenção do Mesmo Senhor. O que participo a V. para sua intelligencia, e para que passe as Ordens necessarias. Deos guarde a V. Palacio do Governo em 25 de Junho de 1811.—D. Miguel Pereira Forjaz.

---

A Academia R. das Sciencias de Lisboa, tendo recebido o seguinte Programma extraordinario, que lhe foi dirigido por huma pessoa digna do nome Portuguez, e da mais seria contemplação por muitos, e bem merecidos titulos; e achando ser da competencia do seu Instituto o julgar do merecimento das Memorias de concurso, e adjudicar o premio; e querendo dar mais hum testemunho

público da alta estima com que contempla, e admira ao Lord Visconde Wellington, Defensor da Liberdade da Monarquia Portugueza, que faz o objeto do mesmo Programma, ordenou, que este se publicasse por meio de hum Supplemento á Gazeta de Lisboa, e se distribuisse gratis.

*Em resolução de Assembléa Extraordinaria de 27 de Abril de 1811, na qual foi Lord Visconde Wellington declarado Socio Honorario da Academia.*

PROGRAMMA EXTRAORDINARIO.

SENDO constantes a toda a Nação, e á Europa inteira os immortaes serviços, que o Marechal General Lord Visconde Wellington, com seus Illustres Companheiros de Armas tem feito, e estão fazendo ao Principe Regente N. S., á nossa Patria, e a todo o genero humano; promettendo-nos com as gloriosas victorias por elle alcançadas, e pelo Marechal General o Cavalleiro Guilherme Carr Beresford, e pelos outros Chefes dos Exercitos aliados, a mais feliz decisao da porfiada luta, em que combatemos com o inimigo commum: cumpre, que os Portuguezes concorraõ, cada hum segundo seus meios, para perpetuar a Memoria de taõ assignalados feitos; não só em testemunho da gratidaõ de hum Povo honrado para com seu benefeitor; mas a fim de que nossos vindouros achem nas aççoens heroicas deste Grande General, e dos valerosos Guerreiros, que triunfaõ debaixo de seu mando, exemplos gloriosos do mais intrepido valor, sciencia Militar, sangue frio, prudencia, humanidade, e constancia em defender os Direitos dos Soberanos aliados.

Por todas estas consideraçoens, o referido benemerito Portuguez promete o premio de huma medalha de ouro do valor de 50,000 réis ao Author, que escrever huma obra sobre o assumpto proposto, com o titulo seguinte:

*Memorias para a Historia das Campanhas do Marechal General Lord Visconde Wellington, em Portugal, e na Hespanha, até ao fim do anno de 1811.*

Este premio será adjudicado ao Author, que me-

lhor satisfazer ao assumpto, segundo o juizo da Academia.

As Condiçoens geraes para o Programma são. Que as Memorias sejam escriptas em Portuguez, Inglez, ou Francez. Que sejam remettidas ao Secretario da Academia até ao fim do mez de Maio de 1812, para serem julgadas na fórma do costume. E que os nomes de seus Authores venhão em cartas fechadas, que tragaõ as mesmas divizas, que as Memorias; para se abrirem sómente no caso, que estas sejam premiadas. Secretaria da Academia aos 12 de Junho de 1811.

JOAO GUILHERME CHRISTIANO MÜLLER,  
Secretario da Academia,

*Officios do Ill<sup>mo.</sup> e Ex<sup>mo.</sup> Snr. Marechal General Lord Visconde Wellington ao Ill<sup>mo.</sup> e Ex<sup>mo.</sup> Snr. D. Miguel Pereira Forjaz: Officio do General W. Lumley a S. Ex<sup>ca.</sup> o Snr. Marechal Beresford, e outro do General Sir B. Spencer, a S. Ex<sup>ca.</sup> o Snr. Marechal General.*

Extracto de hum officio de S. Ex<sup>ca.</sup> o Marechal General Lord Wellington, em data de 30 de Maio de 1811, do seu Quartel General da quinta da Gramicha, dirigido ao Ex<sup>mo.</sup> Sr. D. Miguel Pereira Forjaz.

A PRAÇA de Badajoz foi investida pela margem direita do Guadiana no dia 25 do corrente; e tendo-se aproximado ao ponto destinado a nossa artilheria de bater, assim como os petrechos, e muniçoens necessarias para o cerco, principiámos a abrir trincheiras hontem pela noite.—

O inimigo retirou o grosso do seu Exercito para Llerena, mantendo os postos avançados da sua cavallaria em Usagre. Transmitto inclusa a V. Ex<sup>a.</sup> a copia da parte, que me tem dado o Major General o H. William Lumley, concernente á mui bizarra refrega, que teve com o inimigo a nossa cavallaria no dia 25 do corrente, mui perto daquelle ultimo lugar.

O mesmo Major General participa que nesta occasião recebeu muita ajuda, e efficazes serviços do Major Holmy, pertencente ao Regimento de Dragoens No. 3, e que servia no Departamento do Ajudante General, como tambem do Tenente Heatcote, que servia nesta occasião no Departamento do Quartel Mestre General, e de toda a officialidade mencionada na Parte que me dirigia.—

O inimigo não tem feito movimento algum na Castella, desde que dirigi a V. Ex.<sup>a</sup> o meu antecedente Despacho; porém diz-se geralmente que o Exercito de Portugal está a ponto de fazer hum movimento para as bandas de Avila, e do rio Téjo. Pelos preparativos que tem feito, não duvido que tem em contemplação algum movimento.

As minhas ultimas noticias de Cadix chegam a 25 do corrente.—V. Ex.<sup>a</sup> terá sem dúbida sabido directamente daquella praça as noticias concernentes á retomada de Figueiras.

Extracto de hum officio de S. Ex.<sup>ca</sup> o Senhor Marechal General Lord Visconde Wellington ao Ex.<sup>mo</sup> Snr. D. Miguel Pereira Forjaz, datado do seu Quartel General da Quinta da Gramicha, a 6 de Junho de 1811.

TEMOS continuado as operaçoens do sitio de Badajoz com a maior actividade depois que dirigi a V. Ex.<sup>ca</sup> o meu ultimo despacho de 30 do mez proximo passado, começando o nosso fogo na manha de 2 do corrente das quatro baterias construidas na margem direita do Guadiana, sendo o seu fogo dirigido contra as obras exteriores do forte S. Christovaõ, e contra as baterias inimigas estabelecidas no castello da praça, para o fim de apoiarem aquellas obras, e d'outras duas baterias que estabelecemos no lado esquerdo do mesmo Rio, cujo fogo he dirigido contra a face oriental do castello.

O fogo destas baterias tem continuado desde então sem cessar, tendo-se ja feito huma brecha nas obras exteriores do Forte S. Christovaõ, a qual porem não he inda apta para hum assaio. Igualmente se tem

feito consideraveis progressos para effectuar huma brecha na face oriental do Castello da Praça.

Bem que estas obras foraõ feitas com a maior rapidez, eu tenho muita satisfacção em dizer a V. Ex<sup>ca</sup>. que ellas são taõ completas, e a communicacão de humas para outras taõ segura, que fazem com que a nossa perda, desde o principio deste sitio, ate hoje, tenha sido mui pequena. Sinto porem ter de communicar a V. Ex<sup>ca</sup>. que o Tenente Hawker do Real Corpo de Artilharia, e hum dos officiaes que muito se havia distinguido nas actuaes operaçoens foraõ mortos esta manhã.

O inimigo não tem feito ate hoje movimento algum para perturbar as nossas operaçoens; mas sube que tres dos seus batalhoens foraõ retirados do bloqueio de Cadix nos ultimos dias do mez de Maio; e participou-se-me igualmente que os batalhoens do 9.º Corpo destinados a reforça o exercito do Sul deviaõ chegar a Cordova no dia 5 ou 6 do corrente.

O exercito chamado de Portugal desfilou de Tormes a 3 do corrente, e a sua primeira direcção foi para as passagens do Tejo.

Recébi huma carta de Mr. Wellesley datada do 1. do corrente em que me participa que o General Suchet tinha investido a Praça de Tarragona, &c. &c.

Extracto de hum Officio do Marechal General Lord Wellington, em data de 13 de Junho de 1811, dirigido do seu Quartel General da Quinta da Gramicha ao Ex<sup>mo</sup>. Sr. D. Miguel Pereira Forjaz.

EM consequencia da parte que deo o Chefe dos Engenheiros o Tenente Coronel Fletcher, tendente a que o fogo do Forte de S. Christovão, poderia occasionar a perda de muitas vidas nas operaçoens da esquerda do Guadiana, e a brecha naquelles obras exteriores tinha aparentemente sido adiantada com o fogo feito pelo decurso do dia 6 do corrente, determinei que se emprehendesse o tomar naquella noite por assalto o mencionado Forte. Em resulta desta minha determinação o Major General Houston, que conduzia as operaçoens do cerco na margem direita do Guadiana, ordenou que humi Desta-

camento do Regimento 85, debaixo do commando do Major Mackintosh, fosse a esta empreza. Avançaram a ella os Soldados debaixo de hum mui vivo fogo de mosqueteria, e granadas de mão, dirigido destas obras exteriores, assim como do de Artilheria, e morteiro, que contra elles fazia a Praça: apesár disto avançáraõ com a maior intrepidez, e melhor ordem até ao fundo da brecha, sendo a Guarda avançada guiada pelo Alferes Dias do Regimento 51, o qual nesta occasião se offereceo voluntariamente para effectuar este dever. Tendo porém chegado ao ponto da brecha, acháraõ que o inimigo tinha removido as ruinas do fundo da escarpa, e apesár de se acharem providos com escadas de mão, tornou-se-lhes impossivel o poderem montar a brecha, e consequentemente se retiráraõ com alguma perda.

O fogo das nossas baterias dirigido contra S. Chistovaõ, e contra a Praça continuou-se pelos dias 7, 8, e 9. Neste ultimo a brecha na muralha do Forte parecia praticavel, e por isto determinei que naquella noite se intentasse segunda vez o ver se obtinhamos a posse daquelle Forte.

O Major General Houston nomeou outro Destacamento para fazer este serviço debaixo do commando do Major M<sup>c</sup>. Geechy, pertencente ao Regimento Portuguez No. 17. Este Official com os demais destinados a commandarem as differentes partidas, que formavaõ este Destacamento, haviaõ sido empregados durante os dias 8 e 9 em reconhecerem a brecha, e os seus differentes aproches.

Avançáraõ ás 9 horas da noite na melhor ordem possivel apesár de se lhes oppór o inimigo com os mesmos meios e determinação, que haviaõ feito ao antecedente Destacamento, que no dia 6 havia intentado a mesma empreza.

O Alferes Dias outra vez guiava a avançada; e tendo chegado os nossos ao pé da brecha acháraõ com tudo impossivel o monta-la, pois que o inimigo havia outra vez removido as ruinas do fundo da escarpa. Sofreo entaõ o Destacamento consideravelmente, e o Major M<sup>c</sup>. Geechy, Official que o commandava, foi infelizmente morto, assim como tambem alguns dos outros Officiaes; não obstante isso continuáraõ

as Tropas a manter o seu posto, até que o Major General Houston lhes ordenou que se retirassem.

Quando os reforços tinham chegado das Fronteiras da Castella, depois da batalha de Albuhera, empreendi o cerco de Badajoz entretendo a crença de que os meios, que tinha á minha disposição podiaõ render a Praça antes do fim da segunda semana do mez de Junho, em cuja epocha esperava que os reforços destinados para o Exercito inimigo do Sul, e que haviaõ sido destacados da Castella, se reuniriaõ ao Marechal Sout; enganei-me infelizmente na estimativa que fiz da qualidadade destes meios.

Aquelles que estavaõ costumados a observar os effeitos do fogo de artilheria ficáraõ admirados de ouvirem, que havendo-se feito fogo desde 2 até 10 do corrente, e sendo este mantido e atirado de 14 peças de 24, e dirigido contra a muralha do Castello de Badajoz, a qual he construida de terra, e pedras soltas, batido tudo a malho, e cujo fundamento se pôde ver desde a distancia de 200 até 400 toezas, que apezar de hum tal fogo não tinha a final effectuado huma brecha praticavel. Era impossivel conhecer ou julgar, que prazo de tempo podia passar antes que se conseguisse effectuar huma brecha praticavel nesta muralha; e ainda mesmo que isto se conseguisse, eraõ de opiniaõ os Engenheiros e as demais Pessoas, assim como eu, que ainda que fosse assaltada esta brecha não poderiamos formar as nossas Tropas para atacar os entrincheiramentos, que o inimigo tinha formado dentro, menos que não tivessesemos conseguido a posse do Forte de S. Christovaõ.

Tinhaõ sido mallogrados os intentos, que por duas vezes puzemos em prática para nos apoderarmos d'elle; ficou-me entaõ obvio que o não podiamos obter, menos que não formassemos certa obra, para a execuçaõ do qual, e seu complemento era necessario o trabalho de muitos dias.

Na manhã de 10 recebi hum Despacho intercep-tado do Duque de Dalmacia para o de Ragusa, do qual transmitto a copia: por elle se vê em huma maneira clara que o inimigo designava reunir na Estremadura o todo da sua força, e tinha eu razo-

ens para crêr que o Corpo do commando do General Drouet, que tinha marchado de Toledo, pelos dias 28 e 29 de Maio, e que era esperado em Cordova a 5 ou 6 do corrente, ter-se-hia reunido ao Exercito do Sul a 10, sendo geralmente esperado naquellas paragens que o Exercito se moveria nesta ultima data.

O movimento deste Exercito sómente por si teria creado a necessidade de levantar o cerco; porém além disto, na mesma manhã recebi participaçoes das Fronteiras da Castella, que me não deixáram em dúvida relativamente ao destino, que tomava o Exercito de Portugal em se encaminhar para o Sul: tive, em virtude das referidas partes, fundamentos para crêr que estas forças chegariaõ a Merida pelo dia 15 do corrente.

Consequentemente determinei que fosse levantado o assedio.

Tenho todos os motivos para estar amplamente satisfeito com a conducta de todos os Officiaes e Tropas empregadas no Assedio de Badajoz, cujos trabalhos e reforços deviaõ ser coroados com hum differente resultado.

O Major General Picton dirigio as operaçoens na esquerda do Guadiana, ao mesmo passo que o Major General Houston as dirigia na direita deste Rio. Devo muito aos disvélos destes Officiaes Generaes, como tambem ao Major General Hamilton, e a todos os demais Generaes, Officiaes do Estado Maior, Officiaes e Tropas debaixo dos seus respectivos commandos. O Tenente Coronel Fletcher do Corpo dos Reaes Engenheiros foi aquelle que dirigia, e immediatamente superintendia as operaçoens na esquerda do Guadiana, e o Capitão Squire aquellas da direita deste Rio. Os Officiaes deste Corpo tem, pela sua conducta nesta occasião, augmentado os direitos, que já tinhaõ á miuha approvaçoõ.

O Tenente Coronel Framingham, Commandante da Artilheria, tinha debaixo das suas ordens ao Major Dickson, Official addicto ao serviço da Artilheria Portugueza, o qual tinha (durante a ausencia do Tenente Coronel Framingham com as Tropas, que eraõ empregadas para cobrirem estas operaçoens) con-

duzido os detalhes deste importante Departamento. Tenho todos os motivos para estar satisfeito com estes Officiaes, e muito particularmente com o Major Dickson, de cujo zêlo, actividade, e intelligencia tem o serviço público derivado grandes vantagens no decurso das differentes operaçoens emprendidas contra Badajoz.

O Capitão Cleves pertencente a Artilheria Hanoveriana dirigio o serviço deste Departamento na direita do Guadiana com mui conspicuos successos.

O serviço das baterias foi feito por Destacamentos dos Regimentos de Artilheria Portugueza No. 1, 2 e 3, os quaes se conduzirão de huma bizarra maneira. Foraõ ajudados pela Companhia de Artilheiros Reaes do commando do Capitão Rainsfords, a qual se portou com o maior e mais incansavel zêlo: alguns dos individuos, que a compõe, nunca sabíraõ (em quanto durou o serviço) das baterias.—

Sou deverer ao General Leite, Governador da Praça d'Elvas, e Provincia do Além-Téjo pela assistencia e cooperaçõ, que outra vez me prestou nesta operaçõ.—

Transmitto a V. Ex<sup>ca</sup>. incluso o Mappa dos mortos e feridos, que havemos tido por todo o tempo que durou este Assedio. Observará V. E. do dito mappa que, á excepçao das perdas que experimentamos nas duas vezes, que intentamos conseguir a posse do Forte de S. Christovaõ, não tem sido além destas notavel a nossa perda. Ainda mantemos o bloqueio de Badajoz.

Naõ tenho até aqui ouvido que o inimigo se tenha movido da sua posiçãõ em Llerena, e supponho que a chegada do 9. Corpo tem-se demorado mais do que se esperava; e he provavel que Sout não esteja de acordo de pôr-se em movimento antes que saiba dos movimentos do Exercito de Portugal.

Sahio este de Tormes a 3 do corrente, e a sua guarda avançada chegou a Cidade Rodrigo na tarde de 5.

Movêraõ-se para diante na seguinte manhã, e o Tenente General Sir B. Spencer retirou a guarda

avançada das Tropas do seu Commando, primeiro para Nave de Aver, e deste lugar para Alfaiates.

Transmitto inclusa a V. E. a parte, que me deo o mesmo General destas operaçoens, da qual se vê que os Dragoens Reaes commandados pelo Coronel Clifton, e hum Esquadraõ do Regimento 14, tudo debaixo das ordens do Major General Slade, se distinguirão nesta occasiaõ.

Imagino que a marcha que o inimigo fez nesta direcção, foi com o fim de cobrir a marcha de hum Comboi, que dirigiaõ para Cidade Rodrigo, visto que no dia seguinte 7 toda esta força se pôz em movimento em direcção para Moras Verdes, e de Passo de Banos, perto de cujo passo o General Regnier havia estado desde 5 do corrente com duas Divisoens do Exercito de Portugal. No dia 8 pela tarde huma destas Divisoens o havia passado, esperando eu que estas Divisoens tenhaõ chegado a Placensia a 9, e todo o Exercito a 10 do corrente.

P.S. Depois que tem sido escrito o Despacho acima, tenho recebido parte de que as Tropas do General Drouet se reunirão hontem á direita do Exercito inimigo em Berlenga e Asuaga, e outra participaçãõ, que menciona que a sua Cavallaria estava esta manhã em movimento para as direcçoens de los Santos. A Cavallaria Britanica, a 2. e 4. Divisaõ estavaõ a ponto de marchar de Villa-Franca, e Almendraléjo para as bandas de Albuhera. Tenho ordenado que marche para alli a Divisaõ do commando do General Hamilton, e partirei para aquelle ponto esta noite quando tenha a confirmação desta indicada communicaçãõ. Dirijo a V. E. a parte que recebi do Major Dickson concernente a dar-me a conhecer os Officiaes do seu Departamento, que na occasiaõ do Assedio se distinguirão de huma maneira conspicua, e exijo que V. E. os recomende á consideraçãõ de S. A. R. o Principe Regente de Portugal.

Mappa dos mortos, feridos, e extraviados do Exercito, commandado por S.E. o Ten. General Lord Visconde Wellington C. do B. no cerco de Badajoz, desde 30 de Maio até 5 de Junho, inclusive, de 1811.

MAIO 30. 2. Regimento de linha, 1 Tenente morto ; 1

Sargento, 4 Cabos e Soldados, feridos. 7. dito dito, 1 Soldado morto: 2 cabos e Soldados, feridos. 9. dito dito, 2 Cabos e Soldados mortos; 1 Tambor, 2 Cabos e Soldados, feridos; 1 Soldado, extraviado. 10. dito dito, 1 Soldado morte. 14. dito dito, 1 Tenente Coronel, ferido.

Maió 31, e 1 de Junho. 17. Regimento de linha, 7 Cabos e Soldados feridos. 19. dito dito, 3 Cabos e Soldados feridos. 21. dito dito, 1 Soldado morto, 1 Major, 1 Alferes, 2 Cabos e Soldados feridos. 2. de Caçadores, 2 Cabos e Soldados feridos. 5. dito, 4 Cabos e Soldados feridos; 1 Soldado extraviado. Milicias de Fáro, 1 Alferes ferido.

Junho. 2. 2. Regimento de linha, 1 Soldado morto. 7. dito dito, 2 Cabos e Soldado, mortos. 10. dito dito, 1 Soldado, morto. 17. dito dito, 4 Cabos e Soldados feridos. 2. de Caçadores, 1 Soldado ferido.

Junho 3. 4. Regimento de linha, 1 Soldado morto. 14. dito dito, 1 Soldado ferido. 19. dito dito, 1 Soldado ferido.

Junho 4. Artilheria, 1 Tenente ferido. 4. Regimento de linha, 2 Cabos e Soldados feridos. 7. dito, dito, 4 Cabos e Soldados feridos. 14. dito dito, 1 Soldado morto. 17. dito dito, 3 Cabos e Soldados feridos. 19. dito dito, 1 Soldado morto; 1 Soldado ferido. 21. dito dito, 1 Soldado ferido. 2. de Caçadores, 2 Cabos e Soldados mortos; 2 Cabos e Soldados feridos. 5. dito, 1 Soldado ferido.

Junho 5. Artilheria, 1 Soldado morto; 3 Cabos e Soldados feridos. 2. Regimento de linha, 1 Soldado ferido. 5. dito dito, 1 Soldado ferido. 19. dito dito, 1 Soldado ferido. Milicias de Fáro, 2 Cabos e Soldados feridos.

Perda total Portugueza desde 30 de Maio até 5 de Junho.

1 Tenente, 20 Cabos e Soldados mortos; 1 Tenente Coronel, 1 Major, 1 Tenente, 2 Alferes, 1 Sargento, 1 Tambor, 63 Cabos e Soldados feridos; 2 Cabos e Soldados extraviados.

Perda Total Ingleza.

2 Tenentes, 13 Cabos e Soldados mortos; 1 Alferes, 9 Sargentos, 48 Cabos e Soldados feridos; 2 Cabos e Soldados, extraviados.

Total Geral: 3 Tenentes, 33 Cabos e Soldados mortos; 1 Tenente Cor., 1 Major, 1 Tenente, 3 Alferes, 4 Sargentos, 1 Tambor, 111 Cabos e Soldados feridos; 4 Cabos e Soldados extraviados.

(Assignado) Carlos Steward.

Maj. Gen. e Aj. Gen.

Nomes dos Officiaes mortos, e feridos no sitio de Badajoz desde 30 de Maio até 5 de Junho.

Maio 30, e 31. Tenente, Rodrigo de Mello, do 2. Reg. de linha Portuguez, morto. Tenente Coronel Oliver, do 14. de lina Port. ferido gravemente.

Junho 1. Major Gomes do 21. de lin. Port., e o Alferes José Vicente dito dito, feridos.

Junho 2. Tenente Sedgewick do 5. de inf. 2. Bat., morto.

Junho 3. Alferes Leslie de 57. de inf. 1. Bat. ferido.

Junho 4. Ten. Jose Baptista da Silva Lopes, da Art. Port., ferido.

Junho 5. Tenente Edm. Hawker, C. do B., do Artilharia de pè morto.

Mappa des mortos, feridos, e extraviados, do Exercito, commandado por S. E. o Tenente Lord Visconde Wellington C. do B. no sitio de Badajoz desde 6 até 11 de Junho de 1811.

Junho 6. Artilheria, 3 Cabos e Soldados, feridos. 7. Reg. de lin. 2. Cabos e Soldados, mortos; 5 ditos feridos. 19 dito dito, 1 Sargento, 1 Soldado, mortos; 1 Capitão, 1 Alferes, 2 Sargentos, 11 Cabos e Soldados, feridos. 19. dito dito, 5 Cabos e Soldados, mortos; 5 ditos feridos. Milicias de Beja, 1 Soldado ferido.

Junho 7. Artilheria, 1 Soldado morto. 2. Reg. de lin., 1 Soldado morto; 1 Sargente ferido. 4. dito dito, 1 Soldado ferido. 10. dito dito, 2 Cabos e Soldados feridos. 5. de Caçadores, 2 Cabos e Soldados feridos.

Junho 8. 9. Reg. de lin., 1 Soldado ferido. 21. dito dito, 2 Cabos e Soldados feridos.

Junho 9. 2. Reg. de lin., 1 Soldado, ferido. 7. ditto dito, 1 Ten., 4 Cabos e Soldados, mortos; 4 ditos, feridos. 10. dito dito, 1 Soldado, morto. 17. dito dito, 1 Major, 1 Sargento, 2 Cabos e Soldados, mortos; 1 Ten., 7 Cabos e Soldados, feridos. 19. dito dito, 1 Ten., 1 Soldados, mortos; 1 Sargento, 2 Cabos e Soldados, feridos; 1 Capitão extraviado. Milicias de Tavira, 1 Soldado, morto; 1 dito, ferido.

Junho 10. 5. de Caçadores, 1 Sargento, morto.

Junho 11. 1. Reg. de Art., 2 Cabos e Soldados, mortos; 11 ditos, feridos. 2. dito dito, 2 Cabos e Soldados, feridos. 3. dito dito, 4 Cabos e Soldados mortos; 1 Capitão, 15 Cabos e Soldados, feridos.

Perda total Portugueza desde 6 até 11 de Junho.

1 Major, 2 Tenentes, 2 Sargentos, 25 Cabos e Soldados, mortos. 2 Capitães, 2 Tenentes, 1 Alferes, 4 Sargentos, 76 Cabos e Soldados, feridos. 1 Capitão extraviado.

Perda total Inglesa desde 6 até 11 de Junho.

3 Tenentes, 1 Sargento, 48 Cabos e Soldados, mortos; 2 Capitães, 9 Tenentes, 9 Sargentos, 127 Cabos e Soldados feridos; 1 Capitão, 1 Alferes, 6 Cabos e Soldados, extraviados.

Total Geral. 1 Major, 5 Tenentes, 3 Sargentos, 73 Cabos e Soldados, mortos; 4 Capitães, 11 Tenentes, 1 Alferes, 13 Sargentos, 203 Cabos e Soldados, feridos. 2 Capitães, 1 Alferes, 6 Cabos e Soldados, extraviados.

(Assignado) Carlos Steward.

Maj. Gen. e Aj. Gen.

Nomes dos Officiaes mortos, feridos e extraviados, no sitio, de Badajoz desde 6 até 11 de Junho de 1811, inclusive.

Junho 6. Tenentes: Forster, dos Reaes Engenheiros gravemente ferido (depois morreo); Westmacott, dito; Beardsley do 51 de Inf. dito; Gamell do 85 dito levemente; Grant do 85 dito.—dito Portuguezes. Capitão Maxwell do 17 de linha, gravemente. Alferes Joaõ Antonio Boquese, dito dito.

Junho 9. Tenentes: Hunt dos R. Engenheiros; Westropp do 51 de Inf.; Hogg do 85 dito mortos. Portuguezes: Tenente José Pereira, do 7. Reg. de linha; Major M.<sup>o</sup> Geachy (do 11., C. do B.) do 17 dito; Tenente José de Menezes do 19. dito, mortos.—Capitães Patton dos R. Engenheiros ferido gravemente; Smellie do 51 do Inf. dito. Tenentes: Hicks, dito dito; Morton, do 85 dito, levemente; Dufief, dos Chass. Britaniques, gravemente. Lyznewsky da Inf. lig. de Brunswick, levemente. Portuguezes: Ten. José Forte do Reg. 17 de lin.

Alferes, Leslie do Reg. 57, Bat. 1. Capitão Nixon do 85, dito Portuguezes. Capitão Budd, do Reg. 19 de lin. extraviados.

Entre 6 e 11 de Junho ficáram feridos o Capitão Vellez Barreiros do Reg. 3. de Artilheria levemente, e o Ten. Baptista Lopes dito gravemente.

Extracto de hum officio de S. Ex.<sup>a</sup> o Marechal General Lord Wellington, dirigido ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. D. Miguel Pereira Forjaz do seu Quartel General da quinta de S. Joaõ, em data 20 de Junho de 1811.

A Guarda avançada do inimigo, composta de 10 mil homens avançou para los Santos na manhã do dia 13 do corrente. Nesta occasiaõ o Tenente Streenivitz, do Regimento de Dragoens N.<sup>o</sup> 21, foi mandado pelo Major General Sir William Erskine que sabisse a reconhecer o inimigo com hum pequeno Destacamento do Regimento 2 de Hussares, e do Regimento N.<sup>o</sup> 3 de Dragoens das Guardas; este Destacamento se distinguio em hum ataque, que travou com huma força mui superior do inimigo, e a quem foraõ feitos alguns prisioneiros.

Eu tinha feito as disposiçoens necessarias para que a cavallaria, e a 2. e 4. Divisaõ do Exercito Alliado Anglo-Luzo, e as tropas Hespanholas do commando do General Blake se reunissem, no caso que o inimigo avançasse com o fim de interromper o cerco de Badajoz, ou o seu bloqueio; e parti para Albuhera naquella noite para ordenar e superintender os movimentos das tropas.

Igualmente puz em movimento na noite de 13 a Divisaõ do commando do General Hamilton, tirando-a do bloqueio do Badajoz, sendo a minha intençaõ o fazer parar o inimigo, caso que fosse somente o Exercito do Sul o que avançasse.

Na noite de 14 o Tenente Ayling do Regimento 40, que havia sido encarregado de observar os movimentos, que fazia o inimigo, chegou a Albuhera, com a participaçãõ de que a guarda avançada do Exercito de Portugal tinha em a sua marcha da Castella entrado na Cidade de Truxillo, e isto pela tarde de 13 do corrente: esta parte confirmou as que eu antecedentemente havia recebido até á data de 12, as quaes relatavaõ os progressos, que fazia este Exercito na marcha que trazia; e como podiaõ chegar de Truxillo a Merida no dia 15, e desta fórma ficavaõ em communicaçãõ com o Exercito do Sul, determinei-me a levantar o bloqueio de Badajoz, e que todas as Tropas Alliadas re-

passassem o Guadiana no dia 17; foi conseguentemente executada esta determinação sem difficuldade, ou perda de qualidade alguma; ao mesmo passo, que o General Blake passou tambem com o Corpo do seu commando em Jeromenha no dia 17.

Desde então o Exercito Alliado tem estado acampado nos bosques, que ficaõ sobre o Caya perto da Torre de Moribo, tendo a sua direita na ponte do dito Rio; a 3 e 7 Divisaõ com a cavallaria do commando do Brigadeiro General Madden se achaõ em Campo-Maior: as Tropas que haviaõ estado debaixo do commando do Tenente General Sir Brent Spencer nas Fronteiras da Castella, passáraõ o Rio Téjo em Villa Velha, á proporção que o inimigo passava este Rio em Almaraz. Achaõ-se todas no presente momento postadas na linha do Caya, entre este lugar, e Arronches.

As avançadas do inimigo tem neste dia apparecido nas visinhanças de Badajoz, e persuado-me que todo o seu Exercito ficará unido á manhã nas visinhanças de Merida.

O inimigo tem unido nesta occasiaõ todas as forças, que tinha na Castella, e em Madrid que elle chamava o seu Exercito do Centro; assim como todas as forças das Andaluzias, á excepção daquellas que eraõ absolutamente necessarias para manter a sua posição defronte do Cadiz, e a que o General Sebastiani occupa nas partes Orientaes das Andaluzias.

O inimigo abandonou a Velha, e Nova Castella a excepção de huma pequena guarnição que deixou em Madrid, e tirou todas as forças, que podia, de todas as partes de Hespanha, a fim de unir na Es-madura este Exercito.

Extracto de hum officio de S. E. o Marechal General Lord Wellington, dirigido ao Ex<sup>mo</sup>. Sr. D. Miguel Pereira Forjaz, do seu Quartel General da Quinta de S. João a 27 de Junho de 1811.

O inimigo fez hum forte reconhecimento com hum grande Corpo de cavallaria sobre a Praça de Elvas, e Campo-Maior na manhã do dia 22 do cor.

rente. A cavallaria do Exercito do Sul foi a que se dirigio contra Elvas sahindo para este effeito das visinhanças de Olivença, e bôsqes situados entrè esta e a Praça de Badajoz, ao mesmo passo que a cavallaria do Exercito de Portugal fez o reconhecimento sobre Campo-Maior, defilando para isto das visinhanças de Badajoz.

A cavallaria do Exercito do Sul conseguiu cortar hum piquete nosso do Régimento de Dragoens ligeiros N.º 11, o qual havia sido postado sobre o Caia em frente de Elvas, e era commandado pelo Capitaõ Lutyens. Suppõe-se que a causal desta infelicidade foi o tomar o dito Capitaõ hum Regimento de Hussares inimigo, por hum Corpo de cavallaria nossa mandada para o apoiar.

O Regimento 2. de Hussares, que se achava postado no Guadiana, soffrêo tambem consideravelmente no tempo em que se retirava para as bandas de Elvas.

O inimigo foi tido em respeito nas visinhanças de Campo-Maior, pela Brigada de cavallaria Britanica commandada pelo Major General De Greys, e pela Brigada de cavallaria Portugueza do commando do General Madden; e consequentemente retirou-se sem que visse a posição das nossas Tropas. Depois deste dia não tem feito movimento algum de importancia. O seu Exercito se acha postado ao longo do Rio Guadiana, entre Badajoz e Merida, e a sua principal occupação parece consistir em procurar subsistencias.

Tem desde já começado a experimentar em certo grão o effeito de unirem o todo das suas forças na Extremadura. O General Bonnet tem evacuado as Asturias. D. Juliaõ Sanches está de posse das planicies da Castella Velha, e recentemente interceptou hum comboi de muito valor, cujos effeitos consistiaõ em dinheiro e viveres destinados de Salamanca para Cidade Rodrigo. Tenho igualmente sabido de Valhadolid, que outro, tambem de muito valor, consistindo em bagagens e effeitos pertencentes ao Rei José, acabava de ser interceptado pelo chefe de guerrilha Mina, perto da Cidade de Victoria, sendo morta quasi toda a escolta que o guardava.

O General Blake passou, como se havia combinado, o Rio Guadiana a 22 do corrente, e tenho sabido que a 24 estava em Castillejos.

He para desejar que os Hespanhoes tomem mais extensivas vantagens da concentraçãõ das forças inimigas, e desta maneira obriga-los, pela perda de seus combois, e perigo a que expõem as suas pequenas guarniçoens, departamentos civis e adherentes, residentes nas grandes Cidades, a terem separados os seus Exercitos, e a expôr alguns delles aos nossos ataques.

*Officio do General W. Lunley a S. Exca. o Snr. Marechal Beresford.*

Campo ao pé de Usagre 26 de Maio de 1811, as 2 da manha.

SENHOR. Tenho a honra de vos participar, como vocalmente vos tera dito o official, que de propozito vos mandei, que, tendo desalojado de Usagre a retaguarda do inimigo, como taobem vos tinha ja comunicado, occupei este posto na noite do dia 24, collocando as tropas Hespanholas em frente da Villa com os seos atiradores na avançada para a banda do inimigo, e a cavallaria Portugueza, e Britanica com as quatro peças de 6 na retaguarda deste lugar, porque havia da parte de cá da Villa hum pequeno ribeiro que he huma especie de fosso profundo, e hum desfilladeiro estreito.

Hontem pelas seis horas da manha participou-se-me que a cavallaria inimiga avançava em grande força, e que havia razão de julgar que vinha acompanhada por artilharia, e infantaria: mas como as noticias podião ser exageradas, e eu não queria ceder o posto a força inferior; ordenei ao 13 de Dragoens ligeiros, e á Brigada de cavallaria Portugueza do Coronel Otway, que atravesassem o ribeiro á esquerda da Villa por váos estreitos, e passagens, que anteriormente se tinhaõ reconhecido; e ordenei igualmente á Brigada de Cavallaria Portugueza do Brigadeiro General Mad-den, que paçasse á direita, e que se retirassem pelos mesmos passos se fosse necessario. A Brigada pezada

Britanica com a artilharia, ficou ainda de reserva na retaguarda da Villa.

Quando o inimigo se aproximou, vio-se claramente que avançava com toda a sua cavallaria, e 5 ou 6 peças grandes (do calibre de 8); o que sendo reconhecido, e dispirando o inimigo a primeira peça, ordenei á linha que se retirasse, o que fez lentamente, na melhor ordem, e sem perda. As tropas Hespanholas desfilaram pela estrada Real atravessando a Villa, cujas portas se tinham deixado abertas para esse fim. Começou então huma viva canhonada das alturas oppostas, tendo o inimigo decizivamente a seu favor a superioridade do numero, e o calibre das peças; mas o Capitão Lefevre e seu corpo somente com 4 peças do calibre de 6 desenvolveram superiores talentos, e fizeram hum fogo habilissimamente dirigido. O inimigo fez então huma tentativa muito audacioza; ou para melhor dizer, commetteo hum erro, que lhe custou mui caro. Em frente de duas das nossas peças, que atiravam directamente sobre a estrada na distancia d'alguns passos, tres dos seus regimentos escolhidos, o 4., 20., e 26. atravessaram a Villa, e se formaram rapidamente no flanco do 3 Regimento de Dragoens das Guardas, (que os inimigos, segundo creio, não tinham visto, porque estava encoberta por huma colina), e na frente do 4 Regimento de Dragoens, formando elles mesmos duas frentes. Neste momento o 3 de Dragoens das Guardas Reaes teve ordem de atacar a direita, e hum movimento simultaneo do 4 de Dragoens, mui judiciosamente determinado pelo Brigadeiro General Long sobre a esquerda, onde eu lhe tinha rogado que permanecesse, decidio esta acção.

O inimigo vacillava antes que a nossa cavallaria o alcançasse; mas quasi no mesmo instante foi derrotado. O combate teve lugar tão perto do ribeiro, e da ponte que immediatamente conduz á Villa onde a cavallaria tinha tido ordem de não entrar, que foi impossivel a esta perseguir o inimigo: consequentemente he difficil determinar a perda do inimigo: muitos se escaparam pela Villa gravemente feridos; outros apearam-se, e fugiram pelo ribeiro, e pelas bestas mas alem de 78 prisioneiros, ficaram mortos no campo 29; viram-se taobem muitos mortos sobre a

ponte, e na primeira rua; e hum paizano diz que mandáraõ de 30 a 50 feridos para a sua retaguarda em cavallos, e carros. Eu não devo omitir que huma parte da cavallaria Hespanhola commandada pelo Conde de Penna Villamur apoiou o ataque do 3 de Dragoens na esquerda, do mesmo modo que a Brigada do Brigadeiro General Madden o fez na direita segundo as informaçoens, que tenho: mas o pó occasionado pela carga era taõ grande, que eu mesmo não pude ver o que se passava neste flanco. Os prizioneiros asseguraõ-me positivamente que o inimigo tinha treze Regimentos de Cavallaria no campo da batalha, e bem que cada hum delles não tivesse mais de 200 a 300 hoinens, assim mesmo era taõ grande a sua superioridade sobre a força que eu commandava, composta de tropas das tres Naçoens ainda pouco habitudas a obrar juntas em evoluçoens de cavallaria, que eu me julguei plenamente authorizado a nao deixar na minha retaguarda hum profundo fosso, e hum desfiladeiro, nem taõ pouco tentar defender a Villa, que só a infantaria pode defender contra hum ataque feito do outro lado.

Eu tenho huma particular satisfação em accrescentar que a vantagem que obtivemos foi quasi sem alguma effuzaõ de sangue da nossa parte, posto que durante alguns segundos estivessemos inevitavelmente expostos ao fogo da artilharia, e que o ataque fosse feito contra o corpo escolhido do inimigo; entretanto que da sua parte, elle foi vizivelmente maltrado por nossa artilharia, alem da perda que experimentou no ataque.

Eu devo as maiores obrigaçoens ao Brigadeiro General Long, tanto pelo seo zelo, e seos activos, e oportunas esforços; como pela assistencia que delle recebi durante a acção.

Sou igualmente muito obrigado ao Brigadeiro General Loy, commandante da Cavallaria Hespanhola (porque o Conde de Penna Villamur estava doente em Villa-Franca), e ao Brigadeiro General Madden Commandante da Divizaõ Portugueza pela sua diligencia em receber minhas ordens, e por sua promptidaõ em as executar. Eu devo obrigaçoens ao honrado Coronel de Grey, commandante da Brigada

Ingleza de cavallaria pezada, e ao Coronel Otway commandante da Brigada Portugueza, ambas debaixo das ordens do Brigadeiro General Long; ao Coronel Lord Eduardo Somerset commandante do 4 de Dragoens; ao Coronel Head, commandante do 15 de Dragoens legeiros: ao Major Weston commandante do 3 de Dragoens das Guardas Reaes (na auzencia de Sir G. Calcraft doente em Villa Franca); e ao Capitão Lefevre da Artilharia montada, bem como a todos os officiaes e soldados pela promptidaõ, e firmeza com que executaraõ todos os movimentos, mesmo retrogrados, em frente de hum inimigo superior. A vantagem obtida naõ só enfraquecerá hum pouco a superioridade da cavallaria inimiga, mas contribuirá para o fazer mais timido em todos os seos movimentos. Eu tenho a honra, &c. W. Lumley, Major General, a Sir W. C. Beresford.

Officio do General Sir B. Spencer ao Ill<sup>mo</sup>. e Ex<sup>mo</sup>.  
Snr. Lord Visconde Wellington.

Soita 7 de Junho de 1811.

My Lord. Na minha carta de 5 do corrente datada de Villar-Formoso, tive a honra de participar a V. Ex<sup>ca</sup>. que voltava das alturas, que ficão a diante de Galhegos, das quaes descobri hum corpo inimigo de 3 mil homens (500 de cavallaria, e 2,500 de infantaria) com artilharia entrando na cidade Rodrigo pela estrada de Salamanca. Pedi ao Coronel Walters que ficasse sobre as alturas ate o por do sol, para me informar se mais alguns inimigos seguiaõ os de que acima fallei; e elle me participou que foraõ seguidos por outra columna; mas eu tenho fortes razoens para pensar, pelo que vou dizer a V. Ex<sup>ca</sup>., que elles fize-raõ entrar grandes corpos de infantaria, e cavallaria na Cidade Rodrigo, no decurso da noite.

Conforme as instrucçoens de V. Ex<sup>ca</sup>. eu tinha concentrado mais as tropas nos seos acantonamentos, quando sube; poucos dias antes, que o inimigo se movia na direcção da Cidade Rodrigo; e tomei todas as precauçoens necessarias para retroceder. O inimigo avançou, como eu esperava ao amanhecer do dia 6,

em duas columnas, tomando huma a direcção de Galhegos, e outra a de Carpio, e Espeja.

A primeira era huma forte columna de cavallaria, e infantaria com algumas peças; e a segunda era composta de 6,000 homens de infantaria, devendo eu ponderar, que me não era possível, por causa da natureza do terreno, observar a retaguarda destas columnas; e que elles tinhaõ alem disso mais de 2,000 cavalloos, e dez peças, que marchavaõ pela planice fronteira a *Fuentes de Honor*.

Attendendo a ser o terreno perfeitamente aberto, e á probabilidade que havia de que o inimigo fizesse marchar huma grande parte da sua cavallaria para este ponto, julguei mais prudente fazer retirar a divizaõ ligeira, commandada pelo Brigadeiro General Crawford, que em consequencia se retirou de Galhegos, e Espeja, ás duas horas da madrugada, para *Naves d'Aver*.

Vendo a rapidez com que o inimigo se adiantava, e o numero superior da sua cavallaria, ordenei á divizaõ ligeira com a artilharia montada que lhe pertence, que continuasse a retirada sobre Alfayates: a 1. e 5. divizoens gradualmente retrocederaõ de Aldea da *Ponte*, e *Naves d'Aver* ate ás alturas, que ficaõ por detras de Soito; e a 6. Divizaõ de *Mealhada* Jorda para Ronda, ficando a cavallaria em frente de Alfayates.

Eu tenho muita satisfação em poder mencionar a mui admiravel conducta dos Dragoens Reaes, commandados pelo Tenente Coronel Clifton, e hum esquadraõ do 14 de Dragoens ligeiros, unicas tropas que foraõ empregadas para cobrir a nossa frente desde a Villa da *Egoa* ate Espeja, e se reuniraõ ao pé de Galhegos, donde se retiraraõ conforme as minhas ordens.

Por esta carta V. Ex<sup>ca</sup>. conhece a força a que elles se oppozeraõ; e apezar de todos os esforços do General Montbrun, que commandava a cavallaria Franceza, para flanquear a Britanica, dirigindo-se ao mesmo tempo contra ella pela frente com 8 peças de artilharia, a sua retirada para *Naves d'Aver* merece a maior admiração.

Expondo os meos sentimentos a respeito da sua con-

ducta, e firmeza com que se retiraraõ, eu tenho grande satisfação de informar a V. Ex<sup>ca</sup>. que o Major General Slade dirigio pessoalmente toda a acção; e pelos seus movimentos frustrou os disignios do inimigo, e a cavallaria Eritanica sustentou, como sempre, a sua grande reputação.

O Major General, na conta que me dá, falla com muito louvor do Major Dorville dos Dragoens Reaes, e do Capitaõ Purvis do mesmo Regimento, bem como do Capitaõ Dawson do 14 de Dragoens ligeiros, os quaes tiveraõ occasiaõ de se distinguir.

Naõ posso formar juizo exacto sobre os designios do inimigo: mas sei que partio de Salamanca com 18,000 homens de infantaria, e mais 3,000 de cavallo com 34 peças de artilharia, tomando a estrada da Cidade Rodrigo.

Antes de finalizar esta exposiçaõ dos movimentos de hontem, peço licença para agradecer a V. Ex<sup>ca</sup>. a escolha que fez do Honrado Coronel Pakenham, e do Tenente Coronel Delancy Chefes dos seus respectivos Departamentos nesta parte do Exercito: o seu zelo, e bom juizo saõ ja conhecidos por V. Ex<sup>ca</sup>.

Tenho a felicidade de poder annunciar a V. Ex<sup>ca</sup>. que a perda da cavallaria nesta occasiaõ naõ sobe a mais de 10 cabos, e soldados feridos, e nove extraviados; 6 cavallos mortos, 10 feridos, e 4 extraviados.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado)

B. SPENCER,

Tenente General.

*Instrucçoens, e algumas ordens do dia do Ill<sup>mo</sup>. e Ex<sup>mo</sup>.  
Snr. Marechal Beresford, Commandante em Chefe do  
bravo Exercito Portuguez.*

Instrucçoens para o Governador do Porto.

Illustrissimo Senhor.

O Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marechal Beresford, Commandante em Chefe do Exercito, para intelligencia

do que abaixo dispoem, manda lembrar a V. S., que as novas Instrucçoens para a Infanteria denominaõ Pelotaõ huma Companhia inteira, Divisaõ meia Companhia, e Secção a quarta parte de huma Companhia; e querendo o Senhor Marechal, que se adoptem estas mesmas denominaçoens para os Corpos, que se formarem das Ordenanças armadas de espingarda, e tambem para evitar, que, a este respeito, possa produzir alguma confusão, o que diz o Officio, que dirige a V. S. em 28 do mez passado, determina que este fique sem effeito, e que V. S. observe o seguinte: mandará V. S. restabelecer na organisação, que prescreve a Lei, todas as Companhias de Ordenanças do Districto do Commando de V. S., e que, examinando-se o número de homens com espingarda, que cada huma dellas tem, destes se formem Corpos. A Companhia, em que todos os homens tiverem espingarda, ficará sem mudança. A Companhia, que tiver metade dos homens com espingarda, e mesmo que tiver 50 se formará destes huma Divisaõ. A Companhia, que tiver para baixo de 50 homens com espingarda até 30, se formará destes huma Secção. Quando hajaõ Companhias, que não chegue a ter cada huma 30 homens com espingarda, para poderem formar huma Secção, se ajuntaraõ os homens armados de duas Companhias, que sejaõ contiguas, e da mesma Capitania Mór. A cada Campanhia, Divisaõ, e Secção assim armadas, se dará bons Officiaes, e Officiaes Inferiores, em número proporcionado á organisação destes Corpos, tirados das respectivas Companhias: deve haver cuidado em se perturbar o menos possivel a organisação primitiva. Cada Companhia, Divisaõ, e Secção se ajuntará nos Domingos, e Dias Santos de guarda no lugar mais central, para se exercitar. Haverá todo o cuidado, em que as espingardas estejaõ em poder de homens, que possam fazer uso dellas, e não em poder de homens de muita idade, ou, por qualquer outro motivo, impossibilitados. As Ordenanças armadas de pique, ou que, tendo espingarda, mostrem omissaõ em a conservarem em bom estado, são, as que, com preferencia, se devem detalhar para os trabalhos publicos. Quando as Ordenanças deverem operar para a defesa do Paiz, se ajuntaraõ todas as espingardas da mesma Capitania Mór, formando duas, tres, ou mais Companhias, conforme o número dos homens armados, commandadas por hum Official Superior das mesmas Ordenanças. Dos restos de cada Companhia se formará hum Corpo de piqueiros. Os piqueiros se ajuntaraõ tambem no lugar mais central, nos Domingos, e Dias Santos de guarda, para se exercitarem.

Recommenda muito o Senhor Marechal a V. S., que faça com que as Ordenanças concertem as suas espingardas, e as conservem em bom estado, a fim de que não succeda outra vez allegar-se, que não tem espingardas capazes de fazer fogo.

Quer o Senhor Marechal, que V. S. mande alguns dos seus Ajudantes de Ordens, e outras pessoas, em que tenha confiança, aquelles Districtos (aonde V. S. mesmo não for) a examinar, se, o que deixo dito, se cumpre, e quando não, a fazer, que se cumpra, e que, logo que a sobredita organisação esteja concluida, que deverá ser o mais depressa possível, V. S. me remetta hum mappa, que mostre a força de cada Companhia, Divisão, e Secção, armadas de espingarda, a Capitania Mor, a que pertence, e a força total da gente armada com espingardas, assim como outro mappa dos piqueiros, o qual incluirá tambem com separação as Ordenanças sem espingarda, nem pique, se as houver. Deos guarde a V. S. Quartel General em Talavera la Real 7 de Maio de 1811. Manoel de Brito Mozinho, Ajudante General. Illustrissimo Senhor Coronel Nicolao Trant.

Quartel General de Elvas 31 de Maio de 1811.

*Ordem do Dia.*

Manda S. Exc., o Senhor Marechal, que se publique ao Exercito a Ordem do Dia do Exercito ao Sul do Guadiana, abaixo transcrita.

Ajudante General, Mozinho.

Copia da referida Ordem.

*Albuera, 21 de Maio de 1811.*

Ordem do Dia de S. Exc., o Senhor Marechal Beresford.

“ S. Exc., o Senhor Marechal, já em 17 do corrente publicou huma Ordem, agradecendo ás Tropas Alliadas a sua boa conducta. em baterem, e repellirem o inimigo na Batalha do dia 16; não pôde, com tudo, deixar de se dirigir em particular aos Corpos de Tropas Inglezas, e Portuguezas, que se achavaõ mais directamente debaixo das suas ordens naquella dia, que tanta honra fez a todas as Tropas, que tiveraõ parte nelle.

O Senhor Marechal, se vê quasi precisado a limitar-se a dar geralmente agradecimentos aos Officiaes, e Soldados, visto que he difacil fazer distincçoens, quando todos, e cada hum em particular se portou bem, e nobremente; S. Exc. não pôde senão applaudir, e dar agradecimentos a todos os Corpos de Cavallaria, Artilheria, e Infantaria, que estiveraõ debaixo das suas Ordens naquella Batalha, em que a honra das suas respectivas patrias, e a de cada individuo foi tambem sustentada, o valor foi segundado pela disciplina, e a victoria foi o resultado.

O Senhor Marechal reconhece dever especialmente os seus agradecimentos ao Major General o Honrado G. L. Cole, e

considera, que o Major General o Honrado Guilherme Stewart fez Serviços muito distinctos, e contribuiu muito para o feliz exito daquelle dia; S. Exc. lhe pede, que aceite os seus agradecimentos.

O Senhor Marechal sente a infelicidade que teve a primeira Brigada da segunda Divisão. Achava-se nobremente engajada debaixo do seu valoroso Commandante em fazer uso da arma Britanica, a bayoneta; porém atacando-a naquelle momento pela rectaguarda a Cavallaria inimiga, que em consequencia da grande chuva, e máo estado da atmospheria não se tinha podido descobrir com antecipação, fez terminar os seus valorosos esforços. S. Exc. está satisfeito com a conducta desta Brigada. A segunda, e terceira Brigada da mesma Divisão merecem com especialidade os agradecimentos do Senhor Marechal, o qual tomando parte no sentimento de todo o Official, e Soldado, pela perda que soffrêraõ em Officiaes, e Soldados, e particularmente pela do Major General Hoghton, e Tenente Coronel Duckworth, lhe serve de consolação saber, que descanção no tumulo da honra, morrerão na mais nobre das causas, e foraõ plenamente vingados pelos valorosos Soldados que lhe sobreviverão. O Coronel Inglis do Regimento 57, o Tenente Coronel Abercrombie, e o Major L'Estrange merecem tambem serem particularisados nos agradecimentos do Senhor Marechal.

S. Exc. lamenta com a Brigada dos Fuzilleiros a perda do seu valoroso Commandante, o Tenente Coronel Sir Guilherme Myeres, e agradece-lhe a distincta parte, que teve no successo daquelle dia; dá os seus agradecimentos em particular ao Major General Alten, e á Brigada de Infantaria Ligeira da Legião Alemã do Rei, debaixo das suas Ordens. As disposições do General, e a conducta dos Officiaes, e Soldados correspondeo a tudo, o que Exc. podia desejar.

O Major General Hamilton, e a Tropa Portugueza merecem todo o louvor, a disciplina era tudo o que ella precisava, para com o seu valor natural se pôr ao nivel das melhores Tropas; actualmente já se acha nesta classe.

Deve-se grande louvor ao Brigadeiro Harvey, e á Brigada do seu commando pela sua conducta, particularmente pela firmeza, com que repellio o ataque da Cavallaria Franceza. Tambem o Senhor Marechal dá os seus agradecimentos ás Brigadas do Brigadeiro Fonseca, e do Brigadeiro Campbell, assim como á Brigada do Coronel Collins, e sente infinitamente a infelicidade que teve este ultimo official.

O Senhor Marechal dá os seus agradecimentos ao Major General o Honrado Guilherme Lumley pela maneira habil, com que manobrou a Cavallaria alliada contra o número muito superior da que lhe era opposta; embaraçando que o inimigo conseguisse o seu objecto. Os Officiaes, e Soldados da Cavallaria tem igual

direito aos agradecimentos do Senhor Marechal, pelo seu comportamento firme, e determinado, que assustou o inimigo, e o impedio, a pezar da sua superioridade, de tentar alguma cousa contra ella. O Senhor Marechal não pôde prescindir de fallar com louvor do Brigadeiro Long, e do Coronel o Honrado de Grey, pela parte que tiveraõ em dirigir a Cavallaria, como tambem do Coronel Otway, pelas disposições que fez para cobrir a esquerda da Linha. O Major Hartman, o Major Dixon, e os Officiaes, e Soldados da Artilheria Britanica, Alemã, e Portuguezã merecem os maiores louvores, e o Senhor Marechal lhes dá os seus agradecimentos.

O Senhor Marechal conhece, que cada official, e Soldado he digno de ser nomeado em particular. A conducta de todos foi a mais valorosa, e nobre; e nunca se deraõ próvas maiores do brilhante vallor Britanico. Os Portuguezes mostraraõ, que no Campo da Batalha podem fazer emulação aos Alliados que amaõ.

O Senhor Marechal dá os seus agradecimentos aos Officiaes do seu Estado Maior, e não pode deixar de os dar em particular ao Brigadeiro D'Urban, Quartel Mestre General do Exercito, que tanto contribuiu para os successos do dia; ao Brigadeiro Mozinho; Tenente Coronel Rook; Tenente Coronel Harding; e aos Officiaes das Repartições do Ajudante General, e Quartel Mestre General. Dá tambem os seus agradecimentos ao Brigadeiro Lemos, e aos Officiaes do Estado Maior pessoal de S. Exc., pelo auxilio, que delles recebeo.

---

Na ordem do dia do Ex<sup>mo</sup>. Snr. Marechal Beresford em 26 de Maio de 1811, se declaraõ dmittidos do serviço os seguintes Officiaes.

O Tenente Anselmo Joze Vaz—por muito máo character, e má conducta Militar.

O Alferes Agostinho Figueira—porque fazendo as funcções de Quartel Mestre, apresentou alguns mappas falsos ao Commandante do Regimento para assignar.

O Alferes Joze Calisto do Rego, por conducta relaxada aponto de ser mal olhado pelos seus Camaradas.

O Alferes Joze Maria Mezurado, por ignorante, e porque chegando a Postos a Guarnição de Abrantes, em razão de haver noticias de que duas Divizoens

inimigas se approximavaõ, não appareceo na sua companhia, de que era entaõ commandante.

O Alferes addito Affonso Gomes do Prado (não se declara o motivo.)

Nós temos tanta repugnancia em transcrever para o nosso Jornal os nomes daquelles Officiaes, que deraõ cauza á resolução do Ex.<sup>mo</sup>. Snr. Marechal Commandante em Chefe do bravo Exercito Portuguez, expressa naquella Ordem do dia; quanto prazer sentimos em publicar os elogios, que S. Ex.<sup>ca</sup>. faz ao Ill.<sup>mo</sup>. e Ex.<sup>mo</sup>. Snr. Francisco de Mello pela sua conducta honrada, pelo seu zelo, e distincto valor que em muitas occasioens tem mostrado, e particularmente na glorioza batalha de Albuera, como os nossos Leitores veraõ pela ordem do dia que vamos transcrever. S. Ex.<sup>ca</sup>. o Snr. Marechal Beresford retractando-se nesta ordem do dia do que tinha mandado publicar na de 19 de Janeiro de 1810, mostra que a Justiça, e só a Justiça he a regra da sua conducta. Desde que S. Ex.<sup>ca</sup>. foi nomeado commandante em chefe do Exercito Portuguez tem sido taõ inexoravel em reprehender, e castigar officiaes e soldados, que tem faltado aos seos deveres; como prompto em elogiar, promover, e premiar aquelles que se tem distinguido. Eis ahi o Chefe Militar deque a Nação Portugueza precisava para renovar neste seculo, horrivelmente desgraçado, as suas antigas façanhas, e sua gloria. Nos temos a ventura de conhecer pessoalmente o Ex.<sup>mo</sup>. Marechal Beresford; e sentimos hum prazer sem mistura em render neste lugar a S. Ex.<sup>ca</sup>. os elogios que o dever e a gratidaõ nos impoem. Longe de huma Patria, que, apezar de tudo, não podemos deixar de amar, nos não temos sido, (nem jamais o seremos) frios expectadores dos emminentes serviços que o Ex.<sup>mo</sup>. Snr. Marechal Beresford tem feito a Portugal, á cauza da Peninsula, e do mundo; serviços que podemos ate certo ponto avaliar, porque conhecemos a lastimozo estado emque se achava o exercito Portuguez, antes de S. Ex.<sup>ca</sup>. tomar o commando d'elle.

Quartel General de Elvas 6 de Junho de 1811.

*Ordem do Dia.*

S. Exc., o Senhor Marechal, deseja que o Exercito se lembre da Ordem do Dia 19 de Janeiro de 1810. S. Exc. deo entao esta Ordem convencido de que era justa, e que convinha ao Serviço de S. A. R. o Principe Regente N. S., porém agora sente a maior satisfacão em a fazer lembrar ao Exercito, para dissipar toda a impressao desfavoravel, que ella possa ter produzido no character, e honra do Official, que fez o seu objecto, o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Francisco de Mello.

O Senhor Marechal tem depois testemunhado, elle mesmo, os desejos deste Fidalgo de servir o Seu Principe, e a sua Patria, a pezar do estado da sua saude, que tendo-o muitas vezes obrigado a deixar o Exercito, tem sempre voltado para elle o mais depressa que lhe tem sido possivel; elle se tem mostrado digno, em todo o ponto de vista, da approvacão do Senhor Marechal, e finalmente sendo ferido em Albuhera, a pezar disso, nao deixou o Campo da Batalha.

O Senhor Marechal julga ser huma justica devida á pessoa, de que fallou na dita Ordem, e á Nação, o retractar-se de quanto entao disse, nao só em consequencia das provas em contrario, que depois tem tido, como tambem pelo merecimento da pessoa, de que fallou; e em semelhantes casos S. Exc. sentirá sempre grande prazer, quando tiver de retractar-se.

O Senhor Marechal nao faltará a recommendar a S. A. R. se Digne restabelecer o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Francisco de Mello, no Seu Serviço, no Posto, e com a antiguidade que tinha, como senao houvesse sahido d'elle.

O Senhor Marechal nao póde deixar de sentir o maõ estado da saude deste Fidalgo, pois que muitas vezes tem sido testemunha dos terriveis effeitos que o impedem de servir com o ardor, e constancia que deseja.

Ajudante General, Mozinho.

Quartel General de Elvas, 3 de Junho de 1811.

*Ordem do Dia.*

SUA EX.<sup>a</sup> o Sr. Marechal tem a maior satisfacão em com-  
prazer com a vontade de S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Marechal General Lord  
Visconde Wellington, communicando ao Exercito Portuguez  
os sentimentos, de que está penetrado o Parlamento, e Povo de  
Inglaterra, pelo merecimento, e conducta do mesmo Exercito,  
o que he huma nova prova do interesse, que toma a Grã-Bre-

tanha em tudo o que diz respeito á honra, e felicidade desta Nação. S. Ex.<sup>a</sup> se congratula com a maior sinceridade com as tropas, por terem merecido hum taõ honroso signal de distincção.—Ajudante General Mozinho.

Copia da Ordem do Dia do Exercito Britanico.

Secretaria do Ajudante General.

Quartel General de Elvas, 24 de Maio de 1811.

*Ordem do Dia.*

No. 1. O Commandante do Exercito tem grande satisfação em communicar-lhe as cartas seguintes dos Oradores da Casa dos Lords, e dos Communs do Reino-Unido, em que os Lords, e Communs approvaõ unanimente os seus serviços.

No. 2. O Commandante das tropas aproveitará esta occasião, para agradecer novamente aos Officiaes Generaes, Officiaes, e Soldados o uniforme auxilio, que recebeo dos primeiros, e o bom comportamento dos ultimos, pelos quaes sómente forão feitos aquelles serviços, que recebêraõ a approvaçãõ das duas Camaras do Parlamento.

No. 3. O Commandante das Forças pede ao Marechal Sir W. C. Beresford, que tome medidas, para que sejaõ communicadas a todo o Exercito Portuguez estas Ordens, e os votos de agradecimento, que as acompanhaõ.

Copia de huma Carta do Right Honorable Lord Eldon, Lord I. Chancellor ao Right Honorable Visconde Wellington, dada da Casa dos Lords em 29 de Abril de 1811.

No. 4. MY LORD: tenho a honra de transmittir a V. Ex.<sup>a</sup> as Resoluçoens inclusas da Casa dos Lords. Sou plenamente authorisado para assegurar a V. Ex.<sup>a</sup>, que os agradecimentos da Camara nunca forão expressos em outra alguma occasião que ella sentisse, ou reconhecesse mais fortemente, que era do seu rigoroso dever o conferir a maior honra, que a Camara pôde conceder.

Permitta-me V. E. o accrescentar que eu naõ sei os termos, com que possa adequadamente exprimir o prazer, que sinto, em obedecer á determinação desta illustre Casa, transmittindo a hum Membro taõ distincto della estas expressoens dos seus agradecimentos, e gratidão.—Tenho a honra de ser, My Lord.—De V. Ex.<sup>a</sup> fiel, e obediente Criado.—

Assignado—Eldon, C.—

Sexta feira 26 de Abril de 1811.

No. V. Resolvido *Nemine dissentiente* pelos Lords Espiri-

tuaes, e Temporaes na Assembleia do Parlamento:—que a Casa dê os seus agradecimentos ao Tenente General Lord Visconde Wellington, pela consumada capacidade, fortaleza, e constancia, que mostrou no commando das forças Britanicas, e Portuguezas, pelas quaes o Reino de Portugal felizmente foi defendido, e forão feitos os mais importantes, e assignalados serviços ao seu Reino, e á sua Patria.—Assignado George Roze—Secretario do Parlamento.—

Sexta feira 26 de Abril de 1811.

No. 6. Resolvido, *Nemine dissentiente* pelos Lords Espirituaes, e Temporaes, na Assembleia do Parlamento:—que esta Casa approva, e reconhece altamente os eminentes, e meritorios serviços, executados uniformemente pelos Generaes, Officiaes, Officiaes inferiores, e Soldados do Exercito Britanico, commandado pelo Tenente General Lord Visconde Wellington, durante as ultimas memoraveis, e arduas operaçoens em Portugal, que reflectirao hum novo lustre sobre a reputação das Armas Britanicas.—Assignado George Roze—Secretario do Parlamento.—

Sexta feira 26 de Abril de 1811.

No. 7. Resolvido *Nemine dissentiente* pelos Lords Espirituaes, e Temporaes, na Assembleia do Parlamento:—que a Casa reconhece altamente o zelo, disciplina, e intrepidez tao conspicuamente mostrados pelos Generaes, Officiaes, Officiaes inferiores, e Soldados do Exercito Portuguez, debaixo do immediato commando do Marechal Sir W. C. Beresford, que contribuirao essencialmente para o feliz resultado das ultimas operaçoens militares.—Assignado—George Roze—Secretario do Parlamento.

Sexta feira 26 de Abril de 1811.

No. 8. Determinarao os Lords Espirituaes, e Temporaes na Assembleia do Parlamento:—que o Lord Chancellor communique as ditas resoluçoens ao Tenente General Lord Visconde Wellington, e que deseja que Lord Wellington as communique ao Exercito Britanico, e Portuguez, e que lhes agradeça o seu exemplar, e valoroso comportamento.—Assignado—George Roze—Secretario do Parlamento.—

Copia de huma Carta do Right Honorable—o Orador—ao Tenente General Lord Visconde Wellington, datada da Casa dos Communs em 26 de Abril de 1811.

No. 9. MY LORD: por ordem da Camara dos Communs do Reino-Unido da Grã-Bretanha, e Irlanda, tenho a honra de

transmittir a V. Ex<sup>a</sup> os seus unanimes agradecimentos, pela consumada capacidade, fortaleza, e constancia; que V. Ex<sup>a</sup> mostrou no commando das tropas Britanicas, e Portuguezas, pelas quaes o Reino de Portugal foi felizmente defendido, e foraõ executados os importantes, e assignalados serviços ao Rei, e á Patria.

Tenho tambem de communicar a V. Ex<sup>a</sup> a unanime resoluçãõ da Casa dos Communs, approvando, e reconhecendo sobremaneira os eminentes, e meritorios serviços, uniformemente executados pelos Generaes, Officiaes, Officiaes inferiores, e Soldados do Exercito Britanico, commandado por V. Ex<sup>a</sup> durante as ultimas memoraveis, e arduas operaçoens em Portugal, que reflectirão hum novo lustre sobre a reputaçãõ das Armas Britanicas. E reconhecendo tambem sobre maneira o zêlo, disciplina, e intrepidez taõ conspicuamente patenteada pelos Generaes Officiaes, Officiaes inferiores, e Soldados do Exercito Portuguez, debaixo do immediato commando do Marechal Sir W. C. Beresford, que contribuirãõ essencialmente para o feliz resultado das ultimas operaçoens militares. E determina-se-me, de mais a mais, que eu requeira a V. Ex<sup>a</sup> participe estas resoluçoens ao Exercito Britanico e Portuguez, e lhes agradeça o seu exemplar, e valoroso comportamento.

Tantas vezes, quantas tive a felicidade de dar os agradecimentos da Casa dos Communs aos valorosos, e distinctos Chefes das nossas Armadas e Exercitos, e a ninguem tantas vezes, como a V. Ex<sup>a</sup>, eu nunca presenciei huma expressãõ taõ declarada, e ardente de agradecimento, e admiraçãõ, tributo justamente devido a taõ grande feito, que frustrou o projecto favorito do inimigo confundido, e pôz em fugida os seus mais celebres Generaes e Tropas veteranas, e derribou a arrogancia das suas pertençoens militares aos olhos da Europa.

Tenho a honra de ser com os mais sinceros sentimentos de respeito—My lord—De V. Ex<sup>a</sup> o mais fiel, e obediente criado Assignado—Carlos Abbot.—

Sexta feira 26 de Abril de 1811.

No. 10. Resolvido, *Nemine contra dissentiente*: que se dem os agradecimentos desta Casa ao Tenente General Lord Visconde Wellington, pela consumada capacidade, fortaleza, e constancia patenteadas por elle no commando das forças Britanicas e Portuguezas, pelas quaes o Reino de Portugal foi felizmente defendido, e foraõ feitos os mais importantes, assignalados serviços ao Rei e Patria.

No. 11. Resolvido, *Nemine contra dissentiente*: que esta Casa approva, e reconhece sobre maneira os eminentes, e meritorios serviços uniformemente executados pelos Generaes, Officiaes, Officiaes inferiores, e Soldados do Exercito Britanico,

commandado pelo Tenente General Lord Visconde Wellington, durante as ultimas memoraveis, e arduas operaçoens em Portugal, que reflectirão hum novo lustre sobre a reputaçõ das armas Britanicas.

No. 12. Resolvido, *Nemine contra dissentiente*, que esta Casa sobre maneira reconhece o zelo, disciplina e intrepidez tao conspicuamente patenteados pelos Generaes, Officiaes, Officiaes inferiores e Soldados do Exercito Portuguez, debaixo do immediato commando do Marechal Sir W. C. Beresford, que essencialmente contribuirão para o feliz resultado das ultimas operaçoens militares.

*Ordenado.*

Que o Orador communique as ditas Resoluçoens ao Tenente General Lord Visconde Wellington, e que se requeira a Lord Wellington, que as participe aos Exercitos Britanico e Portuguez, e lhes agradeça o seu valoroso, e exemplar comportamento.—Assignado—J. Ley.—Secretario da Casa dos Com-muns.—Assignado—Carlos Steward.—M. G., e A. G.—

## INGLATERRA.

---

EXTRACTOS DOS DISCURSOS DE M. M. WHITBREAD, E PERCIVAL, SOBRE A DOCTRINA DO ASSASSINATO.

*Mr. Whitbread.*

Na sessão de 10 de Julho disse “que elle dezejava for-  
necer aos Membros do Governo huma occasião de repro-  
var tao formalmente, e com tanta franqueza, como na Ca-  
mara dos Pares o tinha ja feito o Marquez de Wellesley, a  
horrivel doutrina do assassinato promulgada, ha tempos a esta  
parte, por certos Jornaes; doutrina que não pode ser jus-  
tificada por algumas circumstancias, e cujas consequencias po-  
deriaõ ser espantozas; doutrina, que tende a destruir o ho-  
mem innocente e virtuozo, bem como aquelle que não he  
nem huma, nem outra coisa, mas de que não somos juizes  
competentes. Elle não entrará em discussao com aquelles,  
que propagaõ taes doutrinas; mas quando estes se authori-  
zaõ com o exemplo da antiguidade, e o apresentaõ á nos-  
sa admiração—quando nos representaõ como bem-feitores da  
humanidade aquelles, que tem livrado o mundo dos Tyran-  
nos,—elles deviaõ lembrar-se, que sobreveio depois hum acon-  
tecimento que devia ter produzido diferentes noçoens sobre  
este objecto: appareceo a era Christã, e desde entaoõ des-  
appareceo aquelle tempo, em que a Lei accordava *hum olho  
por hum olho; hum dente por hum dente*. Elle poderia desa-  
fiar os que pertendem, que o assassinato de Bonaparte seria  
justificavel, que lhe citassem hum só cazo, em que o assassi-  
nato, quando mesmo foi perpetrado com bom successo, ten-  
ha produzido algum bem, e em que o crime tenha preen-  
chido o objecto a que se tenha proposto. Depois do assassi-  
nato de Cezar, Roma recobrou por ventura sua liberdade?  
Por ventura o golpe do assassino tem sempre sido descarre-  
gado sobre o culpado? O Grande Henrique IV. de França  
foi assassinado; attentou-se huma vez contra a vida de Luis  
XV; e muitas contra os do Grande Principe do Orange; e  
no curso do presente reinado fizeraõ-se duas tentativas para as-

sassinar nosso Monarca.\* Ha poucos annos que o Rey de Suecia foi assassinado, e os Imperadores Pedro, e Paulo da Russia o forão igualmente. Pensando em todos estes exemplos, quem se atreverá dizer, n'hum paiz tao esclarecido como este, que he prudente pregar a doutrina do assassinato, e designar a pessoa, que deve ser assassinada? Lembrem-se aquellas pessoas, que neste paiz aconselhaõ aos Hespanhoes o assassinato de Bonaparte, (e he huma vergonha para nosso paiz o imaginar, que publicando taes ideas se serve nossos interesses), lembrem-se da expedição de Copenhague, authorizada segundo huns por huma sãa politica, e conforme outros por huma necessidade absoluta, e digão o que os Zealandios ficariaõ pensando daquelles que concertaraõ, e poze-raõ em practica esta horrivel empreza. Bonaparte, he verdade, atacou a Hespanha, quando estava em paz com ella, e indefeza: mas não fizemos nos outro tanto para com a Zealandia! Que se lembrem do que se passou na India, debaixo do Governo do nobre Marquez, actual Secretario de Estado. Por mui despoticos que fossem os Principes Indios, elles podiaõ ter amigos; e se os amigos do Nabob d'Oude, da Carnatica, de Tipoo Sultão, tivessem de sentecer, não diriaõ elles, que o punhal deve ferir aquelles, que perpetra-raõ a escravidão do seu paiz? Publicaõ-se aqui Jornaes na lingua Franceza, que o Governã tolera, ou approva, e que circulaõ no Continente: que devem pensar aquelles que os lerem? Sabe-se mui bem que Bonaparte tem pertendi-do que o Governo Inglez animava os attentados contra sua pessoa; que elle tinha feito desembarcar individuos em França com essas vistas, e que tinha tido parte na conjuraçã da maquina infernal: e posto que se saiba taobem que taes accu-zaçoens não tem o menor fundamento; todavia a leitura destes jornaes não confirmará suas falsas suppoziçoens? Se Bonaparte he tao depravado, como se nos diz soffrerá elle tranquillamente taes coizas, sem uzar de represalias? Os mesmos jornaes que actualmente pregaõ esta doutrina, tem declarado que Bonaparte tinha enviado a Londres hum chama-do Beauvais † para assassinar o Rey, e que Bonaparte tinha hum bando de homens promptos sempre a perpetrar taes crimes. Pois que elles crem, que Bonaparte he capaz de huma se-

\* O Coronel Beauvoisin, e Despard forão os infames aquem Bona-parte incumbio esta commissão horrivel: o primeiro escapou-se; o segundo foi enforcado em Londres. Nos julgamos que se 300 resolu-tos mancebos de cada huma das Naçoens oppressas jurassem assassi-nar o Monstro, como entãora os 300 mancebos Romanos Bonaparte ja não existiria, ou teria mudado de conducta.—Nota dos Investigadores.

† Whitbread está enganado; não foi Beauvais, mas sim Beauvoisin e Despard, como ja dissemos na antecedente nota. Os Investigadores.

melhante conducta se \* elle suspeitar, que o Governo Inglez anima attentados contra a sua vida, nenhuma escusa merecem, dando-lhe pretextos a taes suspeitas, e expondo deste modo no-sa Familia Real. A doutrina do assassinato tem sido publicamente reprovada por alguns jornaes olhados, como independentes, e por aquelles que são pagos pelo Governo. O Marquez de Wellesley desapprovou altamente esta doutrina, e julgo a propozito que esta camara faça o mesmo antes de ser prorogada. Da promulgaçãõ de semelhante doutrina não se pode concluir, que aquelles, que a pregão, não crem n'hum Providencia que tudo governa? Se a Providencia em suas vistas impetraveis aos humanos, quiz que este homem se elevasse ao ponto em que se acha, e o tem preservado de tantos perigos eminentes seja nos combates, seja fora delles, quer-se por meio de miseraveis conspiraçõens contrariar seos decretos? Pertende-se por criminosos esforços fixar o destino dos Imperios? Se aquelle, que tudo governa, tem fins que preencher por meio deste homem, elle viverá; e he inutil esperar resultados felizes de quaesquer tentativas illegitimas, que se fizessem para o destruir. Em todo o cazo, a doutrina do assassinato he tão revoltante, e, pode mesmo dizer-se, tão impia; suas consequencias podem ser tão horrorozas, que elle não pode deixar de exigir hua formal desapprovaçãõ de tal doutrina. Se ella tivesse sido posta em practica, ha vinte annos, todos os Soberanos da Europa terião sido assassinados. Ella teria authorizado o assassinio de Luis XIV, e o de todos os Principes que tem empunhado o Sceptro.

Mr. Whitbread concluiu dizendo, que espera ouvir justificar o Governo de toda a suspeita de ter tido alguma parte na propagaçãõ de principios tão abominaveis, &c.

Mr. Percival, disse que se o honrado Membro, ou qualquer outro, julgasse ser necessario que o Governo se justificasse de ter dado a menor sancçãõ a huma tão horrivel doutrina, elle agradeceria o ter-se-lhe fornecido a occasião de a desapprovar. Mas elle pensa que ninguem jamais pode imaginar, que o Governo Britanico aprovasse a doutrina do assassinato. Elle não hezita em declarar, que não conhece huma unica circumstancia que o possa justificar. Jamais o assassinio pode produzir consequencias vantajozas. Estabelecer hum systema tão infernal, seria entregar o mundo a calamidades inda peiores, que todas aquellas de que poderia livrar-se por hum tal meio. Elle concorda com o honrado Membro,—que todos os esforços dos cegos mortaes são baldados, quando tentão oppor-se aos acontecimentos Decretados pelo Providencia: mas exprimindo hum tal sen-

\* A este respeito não ha só mira crença, ha convicçãõ. Os Inves-tigadores.

timento, he preciso ter cuidado de se acautelare contra toda a falsa interpretação. He preciso não olhar as acçoens deste Bonaparte, como se a Providencia, elevando-o, como tem feito, lhe tenha dado o poder de perpetrar tudo o que lhe agrade; ou como se fosse consequentemente inutil o resistir-lhe. Nada seria mais perniciozo que huma tal suppozicão. E quando mesmo soubessemos que a Providencia quer que este homem seja felis em todos os seus projectos de escravidão; assim mesmo seria para nos hum dever o defender-nos, e perecer resistendo-lhe (*signaet de approvação*). A maxima que o dedo da Providencia dirige tudo, he verdadeira em si mesma; mas a má applicação della he perigoza. Ha certos acontecimentos em que as virtudes humanas se devem desenvolver, e em que o homem virtuozo, mesmo succumbindo, pode ainda receber sua recompensa. Se na carreira deste homem vemos coizas, que nos parecem indicar o dedo da Providencia, porque não são ordinarias; nos podemos taobem razoavelmente concluir, que esta ordem de coizas não pode durar—que a Providencia não pode querer que o mundo gema longo tempo em tal estado—e que nos somos talvez os instrumentos escolhidos por ella para tornar em bem tantos males. Antes de considerar Bonaparte como irresistivel, examinemos o que temos obtido resistendo-lhe. Se os seus felizes successos tem sido extraordinarios, nossa resistencia não o tem sido menos; e quando mesmo elle conseguisse conquistar a terra, nos conservaríamos, segundo toda a probabilidade, o imperio dos mares, e poderíamos então mesmo pôr limites ao seu dominio por mui vasto que fosse. Mas elle não pensa que o Honrado Membro queira adoptar o systema do fatalismo, nem dizer, que nos não devemos oppor a taes projectos, porque elles são formados, e postos em pratica, não pela Providencia, mas por aquelle que governa a França. O honrado Membro quiz provavelmente dizer, que quando a resistencia he justa, deve fazer-se, porque a Providencia fornece os meios para ella. A respeito da doutrina do assassinato, elle reitera sua desapprovação, e se apressa a proclamar seu horror a tão horriveis principios.

Resposta de Goldsmith a Mr. Whitbread.

Parece pelo debate de segunda feira passada (1. de Julho) que a deslealdade ao *Grande Imperador, áquelle extraordinario ser, cuja vida está nas mãos da Providencia*, scandalizára muito hum Membro da Caza dos Communs assim como o seu nobre parente. —Com effeito, tragedia, comedia, e farça, tudo—tudo parece armar-se contra mim pela minha deslealdade a hum homem, que he *somente* admirado em Inglaterra. Eu penso justo dizer que aquelles que o admiraõ neste paiz não somente são abhorrecidos no continente mas detestados pelo seu mesmo idolo. Posto que

o Tyranno lizongea neste momento aquelle partido, persuadaõ-se que Bonaparte, assim como seos predecessores em rebelliao, e iniquidade, aborrecem, e detestaõ os reformadores de todos os paizes. As pessoas na Hollanda, Suissa, na Italia, e Alemanha, que mais contribuirão para o bom exito das armas Francezas, e subjugação do seu proprio paiz em vez de serem empregados, e mantidos pelos seos *rapinantes* amigos, e alliados, forão pelo contrario tratados com o maior desprezo.

Não era minha intençaõ dizer huma palavra mais sobre hum ponto que tem ultimamente cauzado huma discussão na Legislatura, e que ja mencionei no meu numero passado, se me nao visse obrigado a responder a algumas observaçoens, que escapáram a Mr. Whitbread. Quanto ás accuzaçoens produzidas contra mim de excitar o Povo deste, ou outro qualquer paiz para assassinar o *Scelerado*, respondo que pelo plano da *Instituição Anti-Corsica*, que hoje publico, se verá que eu nunca tive tal intento. Appello para centos de pessoas que me procuraraõ para saber o plano desta Instituição, se acazo eu lhes não disse que o plano era exactamente o mesmo que hoje transcrevo. Se as publicaçõens que são mandadas ao Continente despertarem o Povo, e concorrerem para que elle destrua o seu Tyranno ou no campo, ou de outro modo, nem por isso terei de que me accuzar, nem penso que a majoridade do Povo Inglez me condemnará por isso.

Os Soberanos da Europa destronizados por Bonaparte—tem hum direito indisputavel a proscreve-lo. Taes são os Reys de Napoles, Sardanha, e Suecia; a Regencia Hespanhola em nome de Fernando 7. os Eleitores de Hannover, Hesse, e o Duque de Brunswick.—Nos exigimos taobem de S. M. Luis 18. que ponha hum termo ás perturbaçoens da Europa, proscrevendo o usurpador do seu throno. Nós exigimos do Principe de Condé que proscreva o assassino de seu neto o Duque de Enghien! He tempo de começarmos a ver claramente a marcha que devemos seguir no luta em que estamos empenhados. Nos não podemos proscrever, he verdade, mas nos podemos, e devemos ajudar Luis 18. na tentativa de *reascender* ao throno de Seos Maiores. Não ajudou Luis 14. James 2? Se Bonaparte fosse hum Soberano que não perturbasse e desorganizasse toda a Europa, poderia dizer-se que hum Governo não tinha direito a intrometer-se nos particulares internos de outro; mas he hum dever de todos os Governos destruir hum poder turbulento, maligno, e collossal, como o de Bonaparte. Esta he a expressa opiniao de Vatel. Nos tempos modernos não temos exemplo de hum soberano fazer guerra a outro, a fim de o expulsar de seu throno. Quaesquer que fossem os desejos de hum tal Soberano, elles não poderiaõ cumpri-los. Havia entao o que ja não existe-a, *Balança do Poder*—Toda a Potencia hoje está concentrada n'hum só Chefe audaciozo, e reve-

lucionario : todos os Soberanos destronizados tem direito, e o sustento, de tratar o Tyranno dos seus respectivos dominios como hum *Proscripto*.

Saibaõ de mim os Ministros deste Paiz esta grande verdade que se nos não fazemos sentir a todo o individuo o valor da contenda com Bonaparte; se huma vez o Odio do Povo deste Paiz se affroixar para com elle, desde esse momento a guerra será *unicamente* dos Governos. O Povo entãõ não se julgará mais interessado nella. Não se permittia ao Povo da Prussia, e Austria, que fosse instruido a respeito do character do inimigo da Europa. Aquelles que forãõ contra elle, taes como Gentz, Kotzebue, Merzell, &c. &c. forãõ perseguidos, e desterrados do seu Paiz pelo seu proprio Governo, que temia o resentimento do Despota feroz. Qual foi a consequência?—Quando aquelles Paizes forãõ invadidos o Povo não se interessou na luta, porque não conhecia o verdadeiro character do seu inimigo. O Governo não pôde contar com o Espirito Publico do Paiz. Na Hespanha a Religião, e os Sacerdotes suppriraõ ao principio a falta daquelle Espirito. Os ultimos tem sido activos, tem despertado o entusiasmo de Povo, e tem sido habilmente secondados depois pela liberdade da imprensa.

Quanto á doutrina de *assassinato ser Pagnã*, digo que se Bonaparte se conduz como hum Pagãõ, porque motivo não hade ser tratado como tal? Accrescento que Vatel, Grocio, e Montesquieu, que certamente eraõ taoõ bons Christaõs, como qualquer neste Paiz, concordãõ todos, que he digno de louvor em qualquer honiem o matar hum Tyranno. Nos temos citado muitas vezes Vatel a este respeito; e quanto ás opinioens de Grocio, e Montesquieu referimos os nossos leitores ao numero 19 do Anti-Gallican.

Eu julguei com tudo mui singular, que os Ministros se juntassem para desapprovar tal doutrina. Que diria Mr. Whitbread se os Ministros lhe intimassem que desapprovasse opinioens promulgadas em huma *Sociedade de Debates*, ou n'huma sessao de hum *Club Republicano*? Os meos principios saõ propriamente meos: eu devo responder pelo que escrevo ás Leis do meu Paiz, e somente a ellas. Permitta-me aqui Mr. Whitbread perguntar-lhe, se elle pensa que os Ministros, por isso mesmo que desapprovaõ a doutrina de matar hum tyranno, de qualquer modo possivel, podem fazer, que hum Hespanhol não deseje vingar-se do espoliador do seu Paiz—do *Kidnapper*\* do *Carcereiro*, e (posso deze-lo com toda a certeza) do assassino do seu Soberano?—Eu estou convencido do contrario. Quanto á comparaçãõ que Mr. Whitbread julgou proprio fazer da nossa conducta relativamente á Dinamarca, com a de Bonaparte

\* Roubador de crianças.

relativamente a Hespanha, peço licença de perguntar-lhe, se nós aprizionamos ardilozamente a Familia Real de Dinamarca; se nos massacramos os habitantes de Copenhague, como os Francezes fizeraõ em Madrid a 2 de Maio de 1808?—Dia que jamais sera esquecido por hum só Hespanhol!—Se nos introduzimos tropas Inglezas em Dinamarca como Alliados a fim de atacar o inimigo de ambos, e depois tomar posse do Paiz?—Se proscrevemos, assassinamos, e confiscamos a propriedade daquellas pessoas, que defendiao a esquadra, e a cidade de Copenhague?—N'hum a palavra aprizionamos nos, e destronizámos a Familia Real de Dinamarca, que certamente não estava comnosco na mesma relação, que o Rey de Hespanha estava com o seu Alliado? Nos não estavamos ligados á Dinamarca por alliança: nós não eramos *subsidia-*dos por aquella Potencia, como a França era pela Hespanha: entao, meu Deos, para que faz elle esta odioza comparação? A não ser feita no designio de pôr Bonaparte a par de nos, ou de outro qualquer Governo regular?—A conducta do Despota do Contigente para com a Hespanha em particular he de tal natureza, que nos não sabemos reprová-la, quanto ella o merece: por quanto não só a Familia Real foi esbulhada do seu Reino, mas a lealdade foi por Bonaparte convertida em crime. O seguinte Documento provará a minha assecção, que espero seja acreditado posto que extrahido do *Monitor* de 23 de Dezembro de 1808. N.º. 358.

## DECRETO IMPERIAL.

*Burgos 12 de November de 1808.*

“Napoleaõ Imperador dos Francezes, &c. &c.

“Considerando que as perturbaçoens em Hespanha tem sido principalmente o resultado de conspiraçoens forjadas por individuos; e que a majoridade do Povo, que nellas tomou parte foi seduzida, e enganada Dezejando perdoar a esta ultima, e perdoar-lhe os crimes de que tem sido culpada para com nosco, a nossa Nação, e o Rey nosso Irmao. Dezejando que o castigo dos grandes criminos sirva de exemplo á posteridade, áquelles, que postos pela Providencia á frente das Naçoens, em vez de governarem seu Povo com sabedoria, e prudencia, o pervertem, animando-o ao descontentamento, e commoçoens populares. Temos por tanto decretado, e decretamos o seguinte.

“I. Os Duques del Infantado, de Hajar, de Medina-celi, de Ossuna, o Marquez de St. Cruz, os Condes Fernan Nunes, e Alta Mira, o Principe Castello-franco, Mr. Pedro Cevallos, e o Bispo de Santander, saõ inimigos da

“ França e Hespanha, e traidores aos dois Paizes.—Como  
 “ taes suas pessoas serão prezas para serem conduzidas perante  
 “ huma commissão Militar, e serem arcabuzadas.

“ II. A sua propriedade será confiscada na Hespanha, França,  
 “ Italia, Napoles, Estados Pontificios, e Hollanda, &c.

Ate que Mr. Whitbread nao produza coiza semelhante da parte do Governo Britanico, quando os nossos Commandantes estavam em Dinamarca, acho que nao tem lugar a comparação entre a conducta dos dois Governos.

Mas parece-me que Mr. Whitbread se tem tornado fatalista; supponho por consequente, que elle tem lido ultimamente a celebrada obra de Diderot sobre o fatalismo, intitulada *Jacques le Fataliste, et son Maitre*; alias nao poderia ter feito a falla que fez. Com tudo, nao obstante isso elle disse (peló que certamente merece os agradecimentos deste Paiz) que nos devemos resistir, como hum dever para com Deos, e o homem, ao nosso inimigo. Isto he talvez paradoxico; mas nem por isso me enfadarei com Mr. Whitbread. Oxala, que taes sentimentos resoem desde huma á outra extremidade deste Paiz. Nao se esqueção jamais os Inglezes das palavras do Lord Wellington contidas n'hum dos seos recentes despachos, a saber, *que nao ha seguranca para a vida, ou para tudo aquillo, que a torna precioza, senao huma decidida rezistencia ao inimigo.*

Estas palavras devem ser gravadas no coração de todo o Inglez! Nos esperamos que Mr. Whitbread seja sincero nestas ultimas expressoens; e que as suas ideas de fatalismo, sejam meros brincos da sua parte; pois que seria perigozo sustentar tal doutrina. O mesmo Napoleao dezeja, que se creia, que tudo quanto elle faz he decretado *lá em cima*; que elle he hum instrumento nas maons da Providencia enviado á terra para punir o homem pelos seos peccados. Este sentimento apparece com vehemencia expresso no Monitor de 14 de Março de 1809, na Pastoral do Bispo do Seragoça ao Povo daquelle Cidade, depois do seu memoravel cerco, que se attribue áquelle Prelado, mas que eu sei ter sido dictada pelo mesmo Bonaparte.

### PASTORAL.

O Bispo Principia dando conta da sua longa auzencia; elle diz aos seos diocezanos, que quando os deixára, tudo estava florescente em torno delles; e que na sua volta elle nao via senao ruinas, e desolação. Depois continua assim.

“ Parece que o Profeta Jeremias quiz designar Seragoça  
 “ quando diz—*Sacerdotes ejus gementes, virgines ejus squalide,*  
 “ *et ipsa oppressa amaritudine. Gemem os seos Sacerdotes; suas*

“ *virgens desalinhados, e palidas, estão vestidas de lucto; e ella*  
 “ *mesma está opprimida com a sua dor.* Aqui, nos vemos me-  
 “ ninos infelizes, e abandonados, que a morte de seus Pais  
 “ tornou orphaes. Ali divizamos fracas, e innocentes creatu-  
 “ ras, que procuraõ em vao chupar o dessecado seio de suas  
 “ Maes. Aqui avistamos as campinas cobertas de cadaveres,  
 “ e regadas com o sangue preciozo do homem. Lá, os ol-  
 “ hos horrorizados não descobrem senão cazas entregues ás  
 “ chamas; palacios reduzidos a cinzas; cadaveres amontoa-  
 “ dos ás portas das Igrejas, e enterrados sem alguma cere-  
 “ monia religioza! Qual he pois a cauza de tantas desgra-  
 “ ças? Eu a digo, e repetirei sem cessar—são vossos pec-  
 “ cados—he o espirito sediciozo que vos anima—he finalmen-  
 “ te o criminozo esquecimento do Evangelho. Estes templos  
 “ em que só deviaõ soar as louvores do Senhor, e nos quaes  
 “ a voz da caridade, da concordia, e da paz deviaõ somente  
 “ ouvir-se; estes Templos, digo, tem sido convertidos em  
 “ arcenaes de guerra!

“ A guerra, este flagello terrivel da colera Divina, cujo  
 “ nome horrorozo não devia sahir jamais da bôca de hum Mi-  
 “ nistro do Evangelho, nem pronunciar-se nos Templos con-  
 “ sagrados a hum Deos de paz, e de misericordias; a guerra,  
 “ esta torrente destruidora, que no curso dos Seculos pas-  
 “ sados, tem destruido tantas cidades, tantas provincias, e  
 “ tantos imperios; a guerra, esta socia inseparavel da fome,  
 “ da peste, e da morte: a guerra só tinha cavado o abis-  
 “ mo, que nos ameaçava de engolir a todos! Sim: não  
 “ foi senão por hum favor especial da Divina Providencia,  
 “ que não perecemos todos! *Misericordia Domini, quia non*  
 “ *sumus consumpti, et non defecerunt miserationes ejus.* A mi-  
 “ sericordia do Senhor he que nos salvou da morte; suas vis-  
 “ tas paternaes não nos abandonaraõ, e sua Mão Omnipotente  
 “ reteve-nos ás bordas do precipicio.

“ Mas estas espantozas desgraças não acabaõ de cessar? Não  
 “ se tem suspendido a sanguinolenta marcha de tantos horrores?  
 “ E mesmo, não vemos luzir ja sobre nos o dia da tranquillidade?  
 “ Sim, meos caros filhos; o som espantozo dessas bôcas infla-  
 “ madas, que tudo arrazavaõ ja não brama em torno de nós.  
 “ Estas bombas despiedozas, que vomitaõ a morte, ja não  
 “ cahem sobre nós. Em breve os mercadores voltaõ para  
 “ as suas lojas: os lavradores serao restituídos aos seus cam-  
 “ pos abandonados; os commerciantes ás suas manufacturas;  
 “ os curas ás suas Igrejas: e todos os outros Ministros do  
 “ Senhor ás Leis do seu culto, e á salvaçaõ das almas.

“ E a quem somos pois devedores desta felicidade ines-  
 “ perada? Aqui eu vos peço meos caros filhos, que me  
 “ escuteis com a maior atençaõ. Estes beneficios inestima-  
 “ veis devemos-os primeiramente ao Deos Omnipotente, que

“ he a cauza, e origem de tudo; a este Deos que erige,  
 “ e abate os Imperios conforme sua santa vontade: depois de  
 “ Deos nos os devemos á virgem do Pillar, que tem inter-  
 “ cedido por nós; e finalmente nos os devemos ao coração  
 “ generoso do Grande Napoleão; a este homem, que he o en-  
 “ viado de Deos sobre a terra para executar seos Decretos, e  
 “ puni-nos de nossas faltas. Elle tem vencido todos os seos  
 “ inimigos, elle tem levantado, ou transtornado os thronos; elle  
 “ tem levado suas aguias victoriozas desde as margens do Tejo  
 “ ás bordas do Wistula: do Sena ao Danubio. Depois da vic-  
 “ toria elle tem querido perdoar; e na conformidade de suas  
 “ ordens que seu muito amado Lugar-Tenente, o Marechal de  
 “ Montebello (Lannes) Commandante em Chefe do exercito  
 “ Francez, vos concede generosamente hum perdao que voz ja  
 “ mais deverieis esperar. A espada estava ja pendente sobre  
 “ vossas cabeças, e a mina tinha aberto vossa sepultura: elle  
 “ hia descarregar sobre vos o ultimo golpe, quando ouviu a voz  
 “ da vossa Junta. Aos gemidos de tantas victimas innocentes  
 “ enterneceo-se o seu coração: dando vos a vida, elle promete  
 “ ainda conservar nossa santa Religiao, e respeitar seos Minis-  
 “ tros. Em premio de tanto amor elle somente exige hum ju-  
 “ ramento de fidelidade a nosso novo Soberano; e elle se obriga  
 “ a fazer administrar justiça, conforme nossos antigos costumes,  
 “ por S. M. C. o Rey D. Joseph Napoleão.

“ Vos sabeis se elle preenche suas promessas; e vos vedes a  
 “ boa ordem, e a disciplina que reinaõ em nossa Cidade. Eis  
 “ aqui os motivos que conduziraõ aqui o illustre General, que  
 “ nos dá huma prova glorioza de sua Religiao, e piedade, e que  
 “ nos faz juntar neste Templo augusto para receber nossos ju-  
 “ ramentos de fidelidade, e render graças a Deos pelo termo  
 “ de todas as nossas desgraças. He justo, ó meu Deos, que  
 “ entoemos todos *Te Deum Laudamus*—Nos levantamos para o  
 “ Ceo nossas supplices maons, e vos rendemos graças pelo inap-  
 “ precizavel beneficio da paz—desta paz tao verdadeira, como  
 “ solida: ella he a maior ventura de que os fracos mortaes po-  
 “ dem gozar; e eu quereria, á custa da minha vida, torna la eter-  
 “ na.” —

Aqui pois Mr. Whitbread, e Bonaparte parecem concordar  
 na opiniao, que o ultimo he hum instrumento nas maons da  
 Providencia para executar os Decretos Divinos.

Acho igualmente que se pode objectar a outra parte da falla  
 de Whitbread em que elle dizia, que se nos mandassemos pes-  
 soas para assassinar Bonaparte, este podia mandar aqui assassi-  
 nos. Aqui pareceria taõhem que o Ministro Inglez tinha esta-  
 belecido a Sociedade Anti-Corsica; entre tanto que eu tenho  
 antes do No. 19. deste papel positivamente renunciado a qualquer

connexão com elles na formação desta Sociedade. Nem a comparação he exacta. Jorge 3. não he o Despota de Continente: elle não tem commettido crimes politicos e domésticos, taes como esses, que nunca foraõ testemunhados, depois da idade do paganismo.

Mr. Whitbread disse taobem alguma coiza á cerca de Bonaparte accuzar o Governo Britanico da conspiração da *maquina infernal*. Ora nos podemos assegurar a este Membro, que aquella Conspiração foi forjada pelo Governo Francez, de proposito para nos fazer odiozos; todos os Parisienses sabem este facto.

Concluindo este objecto em que entrei com muita repugnancia devo observar, que todo o homem em Inglaterra, e no Continente parece estar convencido da impossibilidade de haver paz na Europa, em quanto não for destruido o homem, cuja precioza vida merece tanto cuidado a algumas pessoas deste Paiz. Em appoio da minha opiniao citarei huma passagem de Mr. Hunter n'hum precioso folheto recentemente publicado—

“ Neste deploravel estado do mundo ha naturalmente huma  
 “ indagação muito ancioza para saber, como se hade restabe-  
 “ lecer a paz que he o unico objecto legitimo da guerra. In-  
 “ felizmente ha huma só resposta a esta pergunta—pela destrui-  
 “ ção de Bonaparte. Em quanto este homem continuar a ser o  
 “ açoite, e vergonha da Humanidade, a paz he hum aconteci-  
 “ mento que não pode esperar-se. Huma fingida, e temporaria  
 “ tregoa, se nos formos assas fracos para consenti-la, podera sem  
 “ duvida alinhavar-se; mas em quanto este monstro manejar a  
 “ força phizica da França, nada solido, nada permanente, e  
 “ tranquillo pode esperar-se. Se elle propozer algum arranjo,  
 “ será só para resfolegar, para ter tempo de restabelecer-se da  
 “ sua sentida debilidadade, consequencia dos seus ultimos revezes,  
 “ e para concertar novos planos de futura destruição. Fazendo  
 “ paz, Bonaparte consultaria meramente o seu interesse, ou  
 “ conveniencia; e toda a offerta feita por elle para esse fim  
 “ longe de ser atendida deve ser o signal para mais vigoroso  
 “ prosequimento de hostilidades. Não fez elle a paz com todos  
 “ os Paizes que escravizou; e não foi a sua subjugação accele-  
 “ rada pela desistencia de huma guerra activa? Não o te-  
 “ mos nós mesmos experimentado, e não nos tem custado caro  
 “ a nossa simplicidade? Não sejamos pois mais culpados da  
 “ mesma lou cura; mas olhando Bonaparte como o unico estor-  
 “ vo á consumação dos nossos dezejos, excite esta consideração  
 “ o mais vivo sentimento contra elle, e a mais fervorosa devo-  
 “ ção pelo nosso paiz.”

Permitta-se-me agora fallar de mim por alguns momentos aos meos leitores.

No meu discurso ao Publico segunda vez publicado no papel

de Domingo passado, assim como no prefaico da minha historia Secreta do Gabinete de Bonaparte, eu dei huma plena conta de mim mesmo, dos meos primeiros principios politicos, dos meos embaraços em França, as minhas presentes opinioens, o que eu penso agora da revolução Franceza, e de seu filho, e campião Bonaparte; eu pensei que a franqueza, e candura, que facilmente se descobrem nas minhas relações, me abrigassem do máo tratamento, que era natural esperar daquelles cujas opinioens não erão unisonas com as minhas; mas nunca esperei ser maltratado pelos Democratas, e impressas Democraticas, e por aquelles, que se chamaõ amigos da liberdade.—Só por ter desmascarado o Tyranno que tem destruido a Democracia, e a liberdade! Se na minha volta da França eu tivesse louvado Bonaparte, e fallado mal do nosso Governo—Oh! que excellente Patriota!—Que excellente cidadão eu teria sido! Então elles não me increparião como agora fazem por ter sido quatro mezes editor do *Argus* em Paris, que em quanto o fui, continha artigos mais Britanicos, mais verdadeiramente Patrioticos, e menos hostiz á minha patria, que aquellas publicações que actualmente me injuriaõ. Então elles não me increparião, como agora fazem por ter escrito os Crimes dos Gabinetes—obra considerada por elles antigamente como produção nui habil, e hoje, huma frandulagem, huma publicação estúpida, e inepta. Por tão perversa inconsequencia elles mostraõ o pé fendido; todo o homem que falla mal de Bonaparte deve systematicamente ser mal tratado: nesse cazo, Senhores, porque não procuraes huma pessoa que tenha estado em França, e que falle bem d'elle? A minha ultima publicação não foi, não he, nem pode ser contradicta; (razaõ porque os Revizores de Edinburgh pela sua mesma conta a não quizerão rever). Os apoiadores, de muitas das minhas relações são pessoas, que tem estado como eu em França; algumas tem escrito, e publicado as suas observaçoens, quando ali estavaõ; outras não; da primeira classe são Mr. Sturt, que certamente deve como hum Democrata merecer o credito pelo menos daquelle partido. Mr. Walsh, Americano, que ha tres annos escrevia para a Revista de Edinburgh. O Author do quadro de Verdun he taobem huma pessoa de inquestionavel veracidade. Mas nos, dizem elles, nada sabemos de Bonaparte, e do seu systema de Governo.—E quem são nossos accuzadores? —Pessoas que tem estado pacificamente sentadas toda a sua vida em seos lares.—Que nunca sahiraõ do seu Paiz! He verdade que a minha publicação não foi atacada por ellas ate á discussão, que teve lugar na caza dos Lords relativamente á *doutrina de assassinato*. Depois do que se abrião os diques da vingança Corsica contra mim por aquelles jornalistas de Inglaterra, e Irlanda, que são lidos somente pelos incendiarios dos dois paizes.

As accuzaçoens produzidas contra mim são de huma natureza

que me obrigão a appellar para as Leis do meu Paiz. Hum homem accusado deve defender-se; deve aquella defeza não sómente asi, mas a seos amigos, á sua Patria, e á cauza que emprehendeo sustentar. A accusação produzida contra mim he que *eu sou hum espia de Napoleão!* A pessoa que me calumniou terá por consequente em poucos mezes (terno proximo) huma boa opportunidade de provar suas asserçoens: até então direi aos meos leitores, que se a accusação fosse verdadeira, aquelles papeis seriaõ os ultimos a atacar-me. Eu poderia ser huma espia de Napoleão, ou qualquer espia, huma vez que eu condemnasse as medidas do nosso Governo; mas atacar Napoleão—isso he o que se não pode soffrer. O leitor se recordará, que há poucos mezes houve hum exame perante hum *Committé* secreto da Casa dos Communs de hum espia Francez detido nas prizoens Cold-Bath-Fields; aquella pessoa foi defendida, e a sua cauza sustentada por varias das nossas impressas patrioticas, mesmo depois, que o *Committé* secreto publicou na sua relação, que o homem que se queixava do tratamento, que experimentava do nosso Governo, não sómente o merecia, mas ate se lhe devia dar hum lugar mais solitario de prizaõ. A sua sympathia, e piedade forão por elle excitadas, porque elle infamou o nosso Governo n'huma carta que publicára. Se eu tivesse feito o mesmo, espia, ou não espia, eu teria sem duvida tido o seu apoio, calumniando pessoas, que dizem verdades de Bonaparte, e da revolução Franceza, elles certamente mostraõ alguma coiza, que se parece ao *hé fundido*. Todavia tudo quanto taes pessoas disserem não me affastará de preencher meos deveres para com os meos concidadaons. Estes deveres consistiraõ em apresentar constantemente a seos olhos o abominavel systema Corsico fora, e a sua progressiva energia neste Paiz, e na Irlanda. Nem o torvo aspecto do Poder, nem as ameaças da facção, jamais seraõ capazes de affastar-me do meu projecto.

---

## PLANO

Da Sociedade *Anti-Corsica* organizado por Lewis Goldsmith, Author da obra intitulado—os Crimes dos Gabinetes—da Historia Secreta do Gabinete de Napoleão Bonaparte,—e actualmente Redactor da Gazeta intitulada—*The Anti-Gallican Monitor*, e *Anti-Corsican Chronicle*.

ESTE Redactor persuadio-se que seria grande-

mente proveitoso, para libertar a Europa dos ferros com que o Tyranno a agrilhoa, estabelecer huma sociedade em Inglaterra com o titulo de *Anti-Corsica*. Se esta Sociedade tivesse por mira o assassinato de Bonaparte, as suas deliberaçoens, e procedimentos seriaõ occultos, e não conhecidos. Com tudo, tal he o character, honra, e moralidade do Governo Inglez, que julgou do seu dever tomar em consideração os objectos daquella Sociedade, e reprovar solemnemente a doutrina do Assassinato de Bonaparte, (se tal doutrina fazia o objecto da Sociedade Anti-Corsica.) O primeiro que declamou contra huma tal doutrina foi o Ex.<sup>mo</sup>. Marquez de Wellesley na Camara dos Lords, o que de certo lhe faz a maior honra: e na sessaõ de 10 de Julho se debateo este ponto na Camara dos Commons. Em consequencia destes debates o Redactor do Anti-Gallican Monitor vio-se obrigado a publicar o plano da sobre dita *sociedade Anti-Corsica* que he o seguinte; e por elle se vê que o objecto desta sociedade he,

1. Empregar authores que escrevaõ todas as lingoas modernas, cujas produçoens se enviem ás differentes partes do Continente:

2. Traduzir em todas as lingoas aquellas passagens dos papeis Inglezes, que os Povos do Continente devem saber, e traduzir das Gazetas Britanicas todos os procedimentos do Exercito Inglez em Hespanha, e Portugal, e tudo aquillo, que se julgar necessario.

3. Escrever em Inglez aquelles folhetos que forem uteis para reprimir a influencia Corsica em Inglaterra, e Irlanda.

4. Todas estas novas publicaçõens devem ser approvadas por hum *Committé* especial, formado de seis Membros, que devem ser nomeados por escrutinio, logo que a Sociedade tenha cincoenta pessoas.

5. A Sociedade nomeará hum Secretario, e Thesoureiro, que poderaõ ser removidos pelo *Committé* Geral, que devera constar de vinte Membros escolhidos pelos primeiros cincoenta subscriptores. O Secretario não precisa ser subscriptor.

6. O Thesoureiro deve ser nomeado pelo dito *Committé* de seis, e deve ser assignante. Nenhum de-

sembolso se poderá fazer sem o consentimento do Committé de seis.

7. O Committé de seis deverá juntar-se duas vezes por semana; e o Committé Geral huma cada mez, e poderá ajuntar huma Assembleia Geral de todos os Subscriptores todas as vezes, que o julgar conveniente.

8. Espera-se que subscreva cada Membro, pelo menos, com 20 libras.

9. Quaesquer donativos, por pequenos que sejaõ, seraõ *gratamente* recebidos; e os nomes das pessoas que os derem, registrados regularmente nos livros.

Nos temos (acrescenta o dito Redactor) recebido os nomes de varios Senhores que estaõ anciozos por ver formada esta Instituição. Nos esperamos que todo o amigo da liberdade, e da literatura, se faça Membro desta Sociedade. A nossa cauza he justa, e as nossas vistas honrozias: ninguem por tanto poderá envergonhar-se de pertencer a ella. Logo que tivermos cincoenta nomes teremos huma sessao, com o devido respeito aos Senhores que se empenhaõ na conservação da precioza vida de Napoleaõ Bonaparte, o assassino do Conde de Frotté, Capitaõ Wright, o Duque de Enghien, Palm, Pichegru, Toussaint, Ville-neuve, Cavalleiro d'Azara Ministro Hespanhol em Pariz, &c. &c. &c., pois que enumerar as victimas, que tem cahido debaixo do punhal deste malvado, seria encher hum numero da Chronica Anti-Corsica.

---

FALLA DOS LORDS COMMISSARIOS

ás duas Cazas do Parlamento,—quarta feira 24 de Julho de 1811.

MY LORDS, e SENHORES.

SUA ALTEZA REAL o Principe Regente em Nome, e da Parte de Sua Magestade, nos ordenou significar-vos a Satisfação que Elle tem de poder dispensar-vos

da vossa Assistencia no Parlamento, depois dos longos, e laboriosos Deveres da Sessão. Nos somos particularmente incumbidos de exprimir-vos a Sua Approvação pela Sabedoria, e Firmeza que tendes manifestado em pôr Sua Alteza Real em estado de continuar os Esforços deste Paiz a bem da Cauza dos nossos Alliados, e de proseguir na Guerra com maior Actividade e Vigor.

A vossa decidida Perseverança em hum Systema de liberaes Soccorros ás bravas, e leaes Naçoens da Peninsula, tem progressivamente augmentado seos Meios, e Espirito de resistencia, em quanto a benifica attenção que tendes prestado aos terriveis Sofrimentos dos Habitantes de Portugal pela Crueldade, sem exemplo, do Inimigo, tem consolidado a Alliança por novos Vinculos de Affeição, e deve necessariamente inspirar hum zêlo adicional, e Fervor na manutenção da Cauza Commum.

Sua Alteza Real especialmente nos ordena declarar-vos a sua cordeal Approvação pelas Medidas, que tendes adoptado para augmentar a Segurança interna, e Recursos Militares do Reino Unido.

Vos tendes tomado sabias Medidas para estes importantes Objectos, estabelecendo hum Systema de supprimento annual de Tropas regulares, e de reciproca mudança das Milicias da Grã-Bretanha, e Irlanda; e Sua Alteza Real tem a Satisfação de informar-vos que o voluntario zelo, que ja se tem manifestado nesta occaziaõ o tem habilitado a pôr immediatamente em pratica hum arrançamento, que deve mais efficasmente fortalecer, e melhorar a uniaõ, e mutuos interesses da Grã-Bretanha, e Irlanda.

*Senhores da Camara dos Communs.* Sua Alteza Real nos ordena, que vos agradeçamos em Nome, e da parte de Sua Magestade os meios liberaes, que tendes fornecido a todos os Ramos do Serviço Publico.

Sua Alteza Real tem visto com prazer a promptidaõ com que tendes applicado os recursos particulares da Grã-Bretanha ao melhoramento financeiro da Irlanda no presente momento; e tem a maior satisfacão em ver, que vos tendes podido completar este objecto com taõ pequeno pezo adicional sobre os meios

desta parte do Reino Unido. O modo porque tendes tomado a lo em consideração o Estado das rendas do Irlanda tem merecido a approvaçãõ de Sua Alteza Real ; e Sua Alteza Real nos manda accrescentar, que elle põem a sua confiança nas vantagens que podem deduzir-se da attençãõ que o Parlamento tem prestado a este importante objecto.

## MY LORDS, e SENHORES.

SUA ALTEZA REAL nos ordena que vos felicitemos pela tomada da Ilha de Mauricias. Esta ultima, e importantissima Colonia de França foi obtida com mui pequena perda ; e a sua acqiziçãõ deve grandemente contribuir para a Segurança do Commercio, e Possessoens Britanicas naquella parte do mundo.

Os felizes successos, que tem coroados as Armas de Sua Magestade, durante a prezente Campanha, debaixo do distincto commando do Tenente General Lord Visconde Wellington, saõ da maior importancia para os Interesses deste Paiz, e da maior gloria para o seu character. Sua Alteza Real ardentemente participa de todos os sentimentos, que tem sido excitados por aquelles felizes successos, e toma parte no justo applauso, que vos tendes dado ao saber, prudencia, e intrepidez taõ manifestamente desenvolvidas em os conseguir.

He da maior satisfaçãõ para Sua Alteza Real o reflectir, que se aprover á Divina Providencia restituir. Sua Magestade ás ardentes preces, e votos de Sua Alteza Real, e do Povo de Sua Magestade, Sua Alteza Real se achará em estado de apresentar a Sua Magestade, na historia destas grandes Façanhas das Armas Britanicas por huma serie de operaçoens systematicas, huma Prova mui satisfactoria deque os Interesses Nacionaes, e a Gloria do Nome Britanico, tem sido felismente mantidos em quanto Sua Alteza Real tem dirigido o Governo do Reino Unido.

Leo-se entãõ huma commissãõ para prorogar o Parlamento, depois doque o Lord Chancellor disse,

## MY LORDS, e SENHORES.

EM virtude da Commissãõ firmada com o Grande Sello que nos foi expedida, e aos outros Lords, e que

se leo agora ; em cumprimento das ordens de Sua Alteza Real o Principe Regente, em Nome, e da Parte de Sua Magestade nós prorogamos este Parlamento até quinta feira, 22 de Agosto proximo, para entã se convocar ; e este Parlamento está consequentemente prorogado até quinta feira 22 de Agosto proximo.

---

RESUMO POLITICO.

Há mais de tres annos que dura a guerra da Peninsula ; e há quasi dois que o barbaro Tyranno da Europa, o exacravel insultador de todas as Instituições Religiozas, e Sociaes, prometteo ao seo infame Senado, que em breve iria plantar sobre os muros de Lisboa suas Aguias vencedoras, arrojando no Oceano o Leopardo, que o insultava.

Bonaparte, para em nada fallar verdade, não foi ; mas incumbio ao cruel Massena essa importante commissão, que elle aceitou gostozo entrando em Portugal com hum poderoso exercito de noventa, a cem mil homens. Fiado no seu orgulho, e talvez nas falsas informações, que lhe deraõ esses poucos, degenerados, e miseraveis Portuguezes, que o acompanharaõ, avançou como hum tonto ate as formidaveis linhas, que a providencia, e combinações as mais bem calculadas de Wellington immortal, tinhaõ ordenado, e que o genio tinha disposto construido, e executado. O filho querido da victoria estacou de frente dellas ; recua pouco depois para Santarem, onde se fortifica ; e no fim de quatro mezes foge, tendo perdido ao sahir de Portugal quasi dois terços dô seu exercito. O Despota do Continente no meio da sua desesperação, e raiva ordena lhe que torne a entrar em Portugal : o corrido General ajunta todas as forças que pode em cidade Rodrigo, e seos contornos ; volta a atacar o Anjo da Victoria em Fuentes de Honor, onde nos dias 3, 4, e 5 de Maio encontra novamente a deshonra, a destruição, e a morte. Massena

foi chamado a Pariz : dizem que volta para Peninsula ; sim ou não, he indifferente.

O Marechal Soult tentou debalde sustentar Massena em Portugal : vindo da Andaluzia para a fronteira do Alemtejo com o projecto de fazer hum diversão, não o conseguiu : conseguiu porem tomar Badajoz depois de bastante resistencia ; todavia não tanta, quanta o profundo Wellington esperava.

Soult volta para Sevilha ; junta todas as forças disponiveis ; corre em succorro de Badajoz ; e nos campos de Albuera perde a famoza batalha do memoravel dia 16 de Maio em que as tropas das tres Naçoens commandadas pelo activo, firme, e valoroso Beresford se cobrião de gloria, e em que o Duque do Dalmacia perdeo de nove a dez mil homens.

Soult recua ; elle concerta com Marmont, actual commandante em chefe do chamado exercito de Portugal, hum novo plano de operaçoens, ou o recebe do Corso delirante. Todas as tropas que foi possivel fazer marchar do Nord-Ouest, e do Sud-Ouest da Peninsula se juntaraõ no Centro. O Corpo de Drouet depois de ter passado por Madrid, e Cordova, se juntou a Soult em Llerena : Marmont partio de Salamanca com 21,000 homens, e se unio a Soult. Victor tirou do sitio de Cadix todas as tropas que pôde, e se lhe unio taõbem.

Desta sorte chegou o Marechal Soult a unir na Estremadura hum exercito de 60, a 66,000 homens. Lord Wellington a quem não eraõ occultos os movimentos do inimigo, passou o exercito alliado da margem esquerda do Guadiana para a direita, sem experimentar a menor perda.

Bonaparte mente com descaramento, como costuma, quando diz no Monitor, que Soult tinha tomado ao General Inglez muitos doentes, e huma parte de sua artilharia de sitio. Elle dá huma grande importancia ao levantamento do sitio de Badajoz, não se lembrando que hum dos mais bellos rasgos no principio da sua carreira militar, he a presteza com que outrora levantou o sitio de Mantua, quando o General Wurmsen vinha sobre elle com forças superiores, sacrificando sua artilharia de cerco, e recuando para melhor avançar depois.

Lord Wellington tomou huma pozição, pode dizer-se, tão inexpugnável como a de Torres Vedras, apoiando sua esquerda em Arronches, sua direita sobre o Guadiana junto á Praça de Jeromenha, e sua vanguarda em Campo maior, ficando no Centro a Praça de Elvas cuja guarnição monta a mais de 6,000 homens, tendo por Governador o valoroso, e honrado Tenente General Francisco de Paula Leite, e por segundo Commandante o Marechal de Campo Antonio Marcelino da Victoria que junta a hum verdadeiro merecimento militar huma honra, e probidade a toda a prova.

O Ex<sup>mo</sup>. Marechal General desafia tranquillo na sua pozição o exercito Francez. Elle ordenou ao General Blake que repassasse o Guadiana com hum Corpo de 10,000 homens, para atacar a retaguarda de Soult, e ameaçar Sevilha. Diz-se que esta operação foi combinada com huma expedição Britanica, e Portugueza, que sahio de Cadix.

Entretanto que Blake marcha para o Sul, o General Castanhos com hum Corpo de 5,000 homens está em marcha para o Norte, e vai tomar o commando do exercito de Galiza, e das Asturias.

No dia 20 de Junho os tres Duques (de nova fabrica) de Dalmacia, Ragusa, e Belluno entraraõ em Badajoz.

A 22 o Marechal Soult em pessoa atravessou o Guadiana com hum destacamento de 4,000 homens para reconhecer as poziçoens do Lord Wellington: poucas horas depois repassou aquelle rio, sem reconhecer coiza alguma; surprendeo com tudo hum destacamento de Dragoens do 11 Regimento composto de 50 homens, que ficaraõ prizioneiros.

Diz-se que o Marechal Soult, depois de ter feito partir a toda a pressa algumas divizoens para o Norte, e outras na direcção de Sevilha, estabelecera o seu Quartel General em Llerena, e Marmont em Merida. Eis aqui no que tem parado, ate hoje, a uniaõ de tres Marechaes do Imperio!!! Suas forças unidas são mui superiores as do Lord Wellington; e com tudo não se atreverão a ataca-lo!!! As victorias da Rolissa, Vimeiro, Porto, Talavera, Bussaco, Fuentes de Honor, e de Albuera tem feito os Marechaes Francezes não só mui cautos, mas ate mesmo tímidos.

O General Mahi commandante do exercito de Galiza fugio para o Ferrol donde desapareceo, evitando assim o justó castigo que o esperava pelo seu desleixo, egoismo, e roubos. Succedeo-lhe interinamente o bravo General Abadia, que vai entregar o commando ao General Castanhos.

O Commissario da Galiza, o celebre Renovaes, foi prezo por ordem da Regencia e conduzido a Cadix n'hum fragata, para dar conta da sua administração; no que achará tanta difficuldade, como a Junta Central de Sevilha.

Bounet Sahio das Asturias: o General Santocildes a frente dos Asturianos entrou em Astorga, e invadio o Reino de Leaõ, donde ameaça Salamanca, Zamora, Toro, Burgos, Valladolid. Muitos centos de Alemaens, e Polacos tem desertado, e se tem unido a Santocildes, que actualmente commanda hum exercito de 30,000 homens para offerecer ao General Castanhos.

D Juliaõ Sanches temivel chefe de Guerilha na Velha Castella, interceptou hum importante combos que hiade Salamanca para Cidade Rodrigo.

Hum destacamento de tropas do bravo General Silveira interceptou outro combos de dez ou doze carros, matando, ou fazendo prizioneiros 100 Francezes.

O intrepido Mina atacou a 25 de Maio e a escolta de 2,000 homens de infantaria e 300 dragoens que acompanhavaõ hum requissimo combos e 1,100 prizioneiros, que tinham sahido de Vittoria para França; e depois de hum combate de 7 horas conseguiu pôr em liberdade 3 Coroneis, 2 Tenentes Coroneis, 2 Capitaens, 6 Tenentes, 9 Porta-bandeiras, 28 Sargentos, 61 Cabos de esquadra, e 784 Soldados. Dos 2,200 Francezes apenas voltou para Vittoria ametade; o resto foi morto, ou prizioneiro. O fructo dos roubos de Massena, Caffarelli, Loison, Solignac, Lajouisk, Thouvenot, Bouquet, Grandjean, Barthelemy, Lapisse, e Gratien, cahio nas maõs dos bravos Hespanhoes commandados pelo digno Patriota Mina.

Tarragona depois de hum sitio de tres mezes, e seis assaltos; depois de hum carnagem que excede

em atrocidade os horrendos massacres de Pavia, do Cairo, e Jaffa, cahio a 28 de Junho nas maons do Cannibal Suchet, que o Despota da França acaba de nomear Marechal do Imperio, e que será em breve nomeado, e com razão, *Principe de Sangué*. Os Hespanhoes perderão ali 497 Officiaes e 9,284 Soldados. A perda dos Francezes durante o sitio, e no ultimo assalto foi immensa. O massacre dos Tarragonezes retenirá em todos os pontos da Hespanha; e os O'Donnells, os Blakes, os Castanhos, os Campoverdes, os Saarsfields, os Morillos, os Eroles, os Martines, os Roviras, os Minas, e tantos milhares de Patriotas, vingaraõ aquelles illustres, e heroicos Martires da honra, e do patriotismo, aquem rendemos neste lugar o juzto tributo de nossos elogios, admiração, e lagrimas.

A insurrecção que, ha pouco, houve n'algumas Cidades da Hollanda; os serios tumultos que houve em Hamburgo, e n'algumas partes de Roslagen (em Suecia) mostraõ a dispozição dos Povos para com o Despota que os opprime.

As desavenças, que ha entre a Russia, e a França persistem; e tudo o que o Monitor de Paris tem dito, em contrario, he falso. A paz entre a Porta, e a Russia está, a nosso ver mui proxima; e entãõ, e só entãõ, he que esta tomará huma resolução a respeito da França: qualquer que ella seja, a Peninsula não será escrava. Honra, fidelidade; uniaõ, obediencia, e confiança em nosso Governo, e em nossos generozos alliados, taes são, o Portuguezes, os infalliveis meios de triumpharios: bravos Hespanhoes, taes são bem os vossos.

---

## CLUB

### Dos Negociantes Portuguezes em Londres.

No dia 25 do Corrente se juntáraõ os Membros deste Club em City of London Tavern; e depois de terem tratado dos seus respectivos negocios, cele-

bráráo com hum esplendido jantar a entrada, como seu Membro honorario, do Ex<sup>mo</sup>. Snr. D. Domingos Antonio de Souza Coutinho, Embaixador Extraordinario, e Ministro Plenipotencionario de SUA ALTEZA REAL o Principe Regente de Portugal, que assistio, naquella qualidade, á sua sessão, e ao jantar, occupando a cadeira Joze Sebastião de França, Presidente do dito Club.

Assistiraõ taobem a este jantar a que foraõ convidados muitos outros Portuguezes de respeitavel character.

O Presidente deo as seguintes saudes.

1. A Sua Magestade Fidelissima a Rainha Nossa Senhora.

2. A Sua Magestade o Rey Jorge III.

3. A Sua Alteza Real o Principe Regente de Portugal.

4. A Sua Alteza Real o Principe Regente da Gran-Bretanha.

Todas esta saudes foraõ bebidas com indizível entusiasmo, e seguidas do Hymno—*God save the King*—da marcha intitulado *o Conquistador* e de outras excellentes peças de muzica.

5. Ao feliz successo das armas alliadas na Peninsula.

Este brinde, depois de acolhido com o mais vivo sentimento de entusiasmo, foi seguido da muzica marcial intitulado *a marcha do Lord Wellington*.

Depois destes brindes fez o Presidente huma tocante falla; na qual recordando aos Membros a uniaõ, patriotismo, e fidelidade que faziaõ a base da fundação do Club (virtudes estas que elle mais, e mais recommendava), se congratulou com elles, por terem vencido os obstaculos que ate agora se tinbaõ opposto, á entrada, como seu Membro honorario, do Representante da sua Nação em Inglaterra, terminando em propor huma saude.

6. Ao Ex<sup>mo</sup>. Snr. D. Domingos Antonio de Souza Coutinho, o qual correspondendo ao jubilo universal deste brinde, bebeo igualmente á saude dos Membros do Club.

7. Aos Membros auzentes.

Terminou-se este esplendido jantar com a gloza dos dois seguintes motes.

*De honra, e fidelidade exemplo raro.  
Britania, e Lixia darão Lei ao mundo.*

### MEMBROS

De que actualmente se compoem o Club.

Em Londres.

Joze Sebastião de França—Presidente.  
Jacinto Joze Dias de Carvalho—Secretario.  
Manoel Ribeiro Guimaraens—Thousoureiro.  
Antonio Martins Pedra.  
Joze Martins Barrozo.  
João Ferreira Duarte.  
Joze Antonio Gonçalves de Oliveira.  
Manoel Fernandes Alves.  
Ignacio Palyart.  
João Antonio Fructuozo.

Em Liverpool.

Antonio Juliao da Costa.  
Antonio Pedro Fortunato.

Em Lisboa.

Domingos Joze Martins.  
Francisco Alves de Carvalho Vianna.

Na Ilha da Madeira.

Henrique Correa.

Membro honorario.

O Ex<sup>mo</sup>. Sar. D. Domingos Antonio de Souza Coutinho.

### RELAÇÃO.

Dos Negociantes Portuguezes rezidentes em Inglaterra que offerecerão huma bella e rica espada ao Bravo General Silveira pelos relevantes serviços que elle tem feito a Portugal.

Custodio Pereira de Carvalho.  
 Jacinto Joze Dias de Carvalho.  
 Joaõ Ferreira Duarte.  
 Antonio Martins Pedra.  
 Francisco Alves de Carvalho Vianna.  
 Manoel Ribeiro Guimaraens.  
 Joseph White.\*  
 Honorio Joze Teixeira.  
 Antonio Pedro Fortunato.  
 Joze Martins Barrozo.  
 Antonio Juliaõ da Costa.  
 Miguel Dias de Faria.  
 Antonio Moreira S. Paio.  
 Manoel Joze Ferreira Camello.  
 Joze Antonio, Goncalves de Oliveira.  
 Manoel Fernandes Alves.  
 Joaquim Joze Vasques Junior.

Julgamos do nosso dever publicar esta relação, e render neste lugar a todas as pessoas nella mencionadas os elogios, que merecem por huma acção, digna de ser imitada por todos os verdadeiros Portuguezes.

Resolveo-se finalmente, que o producto das subscripçoens que se abrião em todo o Reino Unido para soccorrer os infelizes Portuguezes, que foraõ victimas da inaudita barbaridade Franceza, fosse todo remettido em dinheiro; rezolução que o Committé estabelecido em Londres tomou, á vista das respostas, que o de Lisboa lhe deo ás perguntas que lhe fizera; respostas mui judiciozas, e que mostraõ conhecimento exacto do paiz, e do estado lastimoso a que ficaraõ reduzidos os habitantes das Provincias invadidas.

Nos estimamos huma tal rezolução, não so porque he utilissima áquelles desgraçados, mas taobem porque nos poupou o trabalho, e desgosto de mostrar ao Committé, que elle não podia por titulo algum remetter a menor parte daquellas subscripçoens em generos. Praza ao Ceo que o Governo

\* He Inglez; e não só quiz contribuir para as despesas, mas taobem encargar-se de mandar fazer a dita espada.

Inglez adopte a mesma resolução relativamente ás 100,000 libras que taõ generosamente votou para o mesmo humanissimo fim, e que tanta honra lhe faz!

### POSTSCRIPTUM.

*Londres 28 de Julho.*

A Gazeta semanal intitulada o *Englishman* diz, que por huma authoridade *indisputavel* sabe, que há a melhor intelligencia entre o Governo Inglez, e Russo, o que por era se naõ tem feito publico, por accordo de ambos Governos: que dos portos de Inglaterra vaõ sahir varios navios carregados unicamente de muniçoens de guerra para aquelle Imperio; que nas fronteiras da Polonia se achão 200,000 Russos com 800 peças de artilharia; que a Russia procura por todos os modos concluir a paz com a Turquia, (e he de presumir que a estas horas esteja feita) &c.—Nos temos alem disto outros motivos para nos persuadirmos que aguerra entre a Russia, e a França está mui proxima.

As ultimas noticias de Buenos Ayres nos fazem esperar que esta importante colonia entrará bem depressa no seio da familia Hespanhola. Os rebeldes perderão o exercito que enviavaõ ao Paraguay: elle foi destruido pelo Digno Patriota Velasco, Governador desta parte da America; o reforço enviado de Buenos Ayres a estes rebeldes commandados por Belgrano marchou para Monte Video: os tres Corsarios, que os rebeldes tinhaõ enviado para ali cruzarem passarão taobem para Monte Video.

Nos acabamos de receber a noticia de que os Chefes dos insurgentes no Mexico cujo Generalissimo era hum *Frade*, forão prezos, e inteiramente destruido o seu chamado exercito. No seguinte No. daremos os detalhes.

### CONCILIO DE PARIS.

Este Concilio tendo desenvolvido mais coragem que os Senadores, Conselheiros de Estado, e Legisladores juntos, fez conhecer a Bonaparte verdades que lhe desagradaraõ tanto, que a Santa Assembleia foi repentinamente dissolvida por hum Decreto Imperial, e onze Prelados forão enviados para o Castello de Vincennes. He o maior elogio que se lhe pode fazer. Oxala que todos os Prelados tivessem o mesmo Character!

Pio VII. foi transferido de Savona para Tortona. (Entre Tortona, e Tortura ha mui pequena differença.)

# COMMERCIO.

## RELAÇÃO

Dos generos que entráraõ no Posto de Lisboa no mez de Maio de 1811 segundo as declaraçoens dos Mestres.

- Trigo—3 242 moios, 2,731 sacas, 3,234 barriz.
- Milho—5,279 moios, 105,664 barriz, 457 sacas.
- Sevada—7,716 moios, 824 sacas, 20,536 barriz.
- Senteio—1,520 moios, 400 sacas.
- Aveia—4,262 moios, 1,025 sacas, 30,035 barriz.
- Fejaõ—55 moios, 372 sacas, 144 barriz.
- Favas—8 moios, 1,278 barriz.
- Ervilhas—32 moios, 67 sacas, 125 barriz.
- Chicharos—93½ moios.
- Batatas—52½ moios, 750 barriz.
- Farinha—105,316 barricas, 1,970 sacas.
- Biscoito—4,864 barriz, 1,381 sacas.
- Arros—6,544 barricas, 469 sacas.
- Vinho—3,828 pipas, 333 barriz, e 40 caixas.
- Agoardente—2,064, 5,064 barriz.
- Azecte—202 pigas, 422 barriz.
- Genebra—93 pipas, 30 barriz.
- Cerveja—750 barricas.
- Vinagre—30 pipas.
- Prezuntos—448 arrobas, 1,821 barriz, 200 canastras, e 8,118 ditos soltos.
- Carne salgada—2,538 barriz.
- Toicinho—600 arrobas, 285 mantas.
- Bacalhão—15,275 quintaes, e 150 toneladas.
- Manteiga—1,339 barriz.
- Quejos—140 cestos.
- Galinhas—270
- Ovos—5,200 duzias.

*Mappa dos Navios entrados nos Portos do Reino Unido, vindos dos Portuguezes desde 26 de Junho athe 25 de Julho de 1811.*

Dias.	Donde Vem.	Nomes.	Capitães.	Portos onde entraraõ.
Junho.				
26	Vianna	Elizabeth	Wilson	Londres
	Lisboa	William	Lydekin	Milford
	S. Maria	Confidence	Reay	Newry
30	-	Richmond	Sharp	Portsmouth
1	Lisboa	Sarah	Sahnon	Yarmouth
	Maranhão	Croydon	Blyth	Dover
4	Bahia	Prince of Wales	Mathews	Londres
	Satuvel	Pensamento	Felix Gabriel	Cork
6	Lisboa	Mary	Rawlings	Plymouth
9	-	Margaret	Quick	Liverpool
13	-	Juno	Gordon	Deal
	Pará	Paquete do Pará	J. J. Abureo	Liverpool
	Porto	Betlona	Eash	Waterford
11	Rio	Falcao	Da Costa	Falmouth
	-	Pocklington	Bill	-
	Lisboa	Princess Charlotte Paquete	Kerr	-
13	Figueira	Hope	Pryn	Liverpool
	Rio	Jane	-	-
15	-	S Manoel	Portcla	Plymouth
	Lisboa	Darling	Patterson	Londres
	-	Walsingham Paquete	Roberts	Falmouth
	-	Ben-Lomond	Mc. Kay	Clyde
	Maranhão	Nicholson	Youd	Liverpool
16	-	S. Anna	Domingues	Londres
	Lisboa	Juno	Gordon	Kirkaldy
	-	Liberty	Hinges	Cork
	-	Lark	Rivers	-
	-	Princess Elizabeth Paquete	Kidd	Falmouth
	-	Aurora	Smith	Cork
	Porto	Briton	Ward	Liverpool
18	-	Dart	-	Hoylake
	-	Vine	Miller	Portsmouth
	-	Ann	Bolton	Dublin
	Lisboa	Harmony	Payne	Dartmouth
	-	Darlington Paquete	Harvey	Falmouth
	Vianna	Wylam	Cunningham	Dartmouth
	Porto	Jemina	Gibbon	Londres

18	Fame	Hanton	
	Courier	Davidson	
	Dart	Cook	Liverpool
21	Beaver	Pivett	Londres
	Jonge Hendrick	Harmam	
	George	Bennet	
	Royal Jubilee	Swift	
Lisboa	London Packet	Holman	
	Chichester Pa- quete	Rogers	Falmouth
22	Catherina	Irvin	Londres
Porto	Jean	Langton	
	Mariner	Phené	
	Barbara	Nudren	
Vianna	Czarina	Dwyer	Dartmouth
23	Pensamento Volante	Barry	Bristol
Porto	Quest	Ruty	Londres
	London	Brown	
	Jannet	Betts	
	Union	Hunter	
Madeira	Emelina	Nunes	Liverpool
Lisboa	Constance	Marshall	
Bahia	Pr. of Wales	Matthews	Londres
Faro	Wellington	Uriger	
25	Porto	Ann	Mc. Kenzie
	Batchelor	Stafford	

*Mapa dos Navios Sahidos dos Portos do Reino Unido, para os Portuguezes, desde 19 de Junho, ate 22 de Julho, de 1811.*

Dias.	Para onde.	Nomes.	Capitaens.	Portos d'onde sa- hiraõ.
<b>Junho</b>				
19	Lisboa	Gardner	Martin	Waterford
20	-	Argyle	Owens	Westport
22	-	Andrew Savage	Scoffin	Strangford
	-	Frederick	Purcell	Cork
23	-	Lady Betsey	Clements	Waterford
24	-	Commerce	-	Belfast
26	Rio	Edward	Wilson	Hull
27	Porto	Hazard	Elderkin	Liverpool
	Lisboa	Mary	Mc. Gregor	-
28	-	Charles	Stewart	Londres
	-	Swift	Lyons	Cork
	Porto	Annabela	Clark	Londres
29	Lisboa	Mary Ann	Gray	-
	-	Argo	Middleton	-
	-	Chichester	Rogers	Falmouth
	-	Paquete		
30	-	Constantia	Werminch	Londres
<b>Julho</b>				
1	-	British Queen	Major	-
	-	Percival	Johnston	-
	Porto	Hope	Wildman	-
	-	Thomas	Trip	-
	-	Spectator	Burne	-
2	Rio	Eolus	Thomas	-
	-	Sarah Packet	Rimmers	-
3	Lisboa	Suffolk	Castwright	Belfast
4	-	Thomas	Owen	Plymouth
	-	Union	Williams	Londres
	Porto	Salamander	Rose	Hull
5	-	Benjamin	Catley	-
	-	Romp	-	Dublin
	Lisboa	Wm. Johnson	Gillies	Waterford
6	-	Concordia	Wize	Londres
7	-	Bomfim	-	Dublin
9	-	Urania	Philp	Deal
	Lisboa	Fraw Anna Maria	Stephenson	Londres
	-	John Buschaman	Duning	-
	Pernambuco	Princezado Brazil	D. J. dos Santos	-
10	Lisboa	Jeanie	Duncan	Clyde
	-	Barbara and Ann	Bownes	Dublin

11	-	Eliza	Hose	-	-
	-	Correode	Londres	Viza	Londres
	Porto	Pezilo	-	-	-
12	-	Kite	Stewart	-	-
13	-	Generous	Friends-	-	-
	Lisboa	D. Domingos	I. Franco	-	-
	-	Endeavour	Cunshay	-	-
14	-	Alonzo	Creser	-	-
	-	Venus	Dregs	Limerick	-
	Porto	Pezola	Da Silva	Londres	-
15	Lisboa	Prompt	Yonger	-	-
16	-	Ruby	Biggs	-	-
	-	Jane	Alexander	-	-
	Porto	Alert	Neese	-	-
17	-	Jane	Graham	Plymouth	-
	Lisboa	Southampton	Theus	Londres	-
	Pernambuco	Balsemao	E. J. Alves	-	-
19	-	George	Walker	-	-
	Madeira	Friendship	Striphin	-	-
20	Porto	Aid	Sangter	-	-
	Rio	Duke of Mon	Blewet	Falmouth	}
		trose Paquete			
	Lisboa	Duke of Marl-	Bull	-	}
		borough Paq.			
	-	Pr. Charlotte	Ker	-	}
		Paquete			
	-	St. Andrew	Norton	Bristol	-
22	-	Amelia	Abbott	Londres	-

Preços Correntes dos productos do Brazil em 31 de Julho de 1811.

Assucar	Branco	25 a 30	} Shillings por 112 lb.
	Mascavado	15 20	
Caffé		36 42	
Cacao		40 45	
Arrós		16 20	
Cebo		46 50	} Peniques por lb.
Algodão	de Pernambuco	18 18½	
	do Ceará	18 18½	
	do Bahia	15 16	
	do Maranhão	14 15	
	do Pazá	13½ 14	
	de Minas	14	
	da Capitania	11½ 12	
Couzos	de Montevideo	3 4½	
Tabaco	de Rolo	3½ 4	
	de Folha	2½ 3	
Annil		18 30	

N. B. Os fretes, direitos, e mais despezas, são pagas pelo vendedor, e não pelo comprador, como, por engano, se disse no 1. No. deste Jornal.

Mappa dos Cambios de Londres com as Praças Estrangeiras.

Data									
Anno e Mez.	Dias.	Río de Janeiro.	Lisboa.	Porto.	Cadis.	Gibraltar.	Malta.	Amsterdã.	Paris.
Julho de 1811.	2	68	68	67	46	40	63	28-4-2	17-16
	5	68	68	67	46	40	63	28-6-2	18 0
	9	68	68	67	46	40	63	28-6-2	18 0
	12	68	68	67	46	40	63	28-6-2	18 0
	16	68	68	67	45½	40	63	28-4-2	18 0
	19	68	68	67	45½	40	63	28-4-2	18 0
	23	67	67½	67	45½	40	63	28-4-2	18 0
	26	67	67½	67	45½	40	63	28-4-2	18 0

## APPENDICE.

**Snr. Editores do Investigador Portuguez em Inglaterra.**

REMETTO a Vm<sup>ces.</sup> o incluzo manuscrito, que me parece digno de se dar á luz: muito estimarei em que Vm<sup>ces.</sup> o achem digno de o inserir em seu Journal, o que me animará a remetter-lhe outros,

Com muito respeito sou

De Vm<sup>ces.</sup>

Lisboa, 14 de Julho

Attento Venerador

de 1811.

F. A. de A. e C.

Recebemos pelo ultimo Paquete vindo de Lisboa este manuscrito, que de propozito não quizemos differir, para o publicarmos no artigo—Correspondencia—do No. Seguinte deste Journal, a fim de mostrarmos a contemplação, que temos por quem teve a bondade de o remetter; rogando-lhe o cumprimento da sua promessa, e esperando que sejam mais correctos, do que este, quaesquer outros manuscritos, que nos queira mandar.

Copia da Carta do Grande D. Luis da Cunha a Marco Antonio de Azevedo Secretario de Estado, reinando em Portugal o Snr. Rey D. Joaõ V.

PARA acabar esta carta, ou papellaõ, como V. S.

lhe quizer chamar, tornarei ao seu principio considerando que apezar de todo o cuidado que S. M. queira pôr em estender os limites do seu Reyno, em fazer crescer os seus povos, em multiplicar as suas rendas, em augmentar as suas tropas, em fortificar as suas Fronteiras, em construir Navios de Guerra, como tenho indicado, jamais poderá dormir com descanso, e segurança, porque sempre está no risco de que os Castelhanos ouzem invadir os seus Estados com forças a que não poderá resistir, e se V. S.<sup>a</sup> quizer tomar o trabalho, como pode, e deve, de se informar do numero dos Regimentos, assim de Infantaria, como de Cavallaria, e dos Navios, que El Rey Catholico sustenta, concluirá que El Rey N. Sr. precariamente possui a sua Coroa, porque a conquista deste Reino, he o negocio de huma Campanha, se os Castelhanos a fizerem como podem, a menos que não recorra às Allianças, que *he outro genero de sujeição equivoca bastantemente*; porque tudo depende das circumstancias do tempo, e dos interesses, que com ellas cada dia tomaõ huma nova forma.

Naõ quero dizer que esta impossibilidade natural, que provem de ser o Reyno de Portugal em tudo taõ limitado, á proporção da Hespanha, conforme tenho dito nos deva desanimar de maneira que demos por perdidos, e inuteis todos os esforços, e todas as despesas que fizermos, para não termos hum pouco em respeito os nossos inimigos, antes sejaõ elles, os que considerem a nossa fraqueza, duvidando talvez de se enganarem na conta, á vista da nossa applicação, sem que nós mesmos lha façamos conhecer, com a nossa indolencia, ou desesperação.

Esta triste idea, que se fortificou com o que vi, e observei pendente a guerra de 1700, e pendente tambem o Negociação da Paz de Utrecht, me fez lembrar do Conselho que me meu Bisavô D. Pedro da Cunha deo ao Sr. D. Antonio Gram Prior do Crato cujo partido infelicamente seguiõ, por entender que o favorecia toda a razão, toda a justiça, toda a honra, e todo o interesse de Portugal, apezar dos que vilmente vendidos, ou francamente medrosos, deraõ, sem vergonha do mundo, e sem temor de Deos, a sentença a favor de Felippe 2.<sup>o</sup> que o mesmo D.

Pedro da Cunha não quiz reconhecer; sem embargo que o dito Principe lhe mandou offerecer por hum seo compadre o Titulo de Marquez de Santarem, com outras mais mercês, para que abandonasse a cauza do Sr. D. Antonio; ao que elle lhe respondeu.—*Compadre em muito má conta me terá El Rey se lhe vender o que he seu; e em muito peor, se lhe vender o que eu entendo que pertence ao Sr. D. Antonio.*—O Conselho foi que não tendo S. A. para defender a Sua Justiça, mais que os Agoadeiros de Lisboa, a tempo que o Duque d'Alva marchava com 24,000 homens contra Portugal, mais para tomar posse d'elle que para conquistallo, Elle D. Pedrou o fazia Monarca mais poderoso, e rico \* do que qualquer dos da Europa; por que havendo-lhe o Desgraçado, e Temerario Rey D. Sebastião confiado a Guarda do Lisboa, com o titulo de Capitão General, e que por consequencia tinha á sua Ordem os Navios de Guerra, e mais embarcaçoens que se achavaõ naquelle Rio, nelles se poderia S. A. embarcar com os que o quizessem seguir; e passando ao Brazil, cuja vastidão e riquezas eraõ as que naquelle tempo se sabiaõ, ali não so conservaria o titulo de Rey de Portugal, mas todas as Potencias da Europa folgariaõ de entreter com elle boa correspondencia em favor do seu commercio por ser tambem da sua conveniência que Felippe 2. não pössuisse aquelle Estado, que junto ao da Nova Hespanha, ficaria muito mais formidavel do que ja era. Mas porque o Sr. D. Antonio desprezou este bom, e magnifico Conselho, foi, depois de varios accidentes, morrer miseravelmente em França; e D. Pedro da Cunha perdendo a Catalha de Alcantara, faleceo tambem na Torre de Belem com dois grilhoens nos Pés, e está enterrado no vezinho Convento de S. Jeronimo, á entrada do Claustro, sem mais epitaphio na sepultura que dois O. O., deixando porem a maldiçaõ a seus filhos, e descendentes se puzessem Pedra sobre Pedra na sua Fazenda, em quanto o Reino de Portugal fosse pos-

\* Acrescentamos as palavras—*mais poderoso, e rico*, para ficar o sentido perfeito; por quanto, o manuscripto, que se nos reinetteo, diz o fazia monarca, que qualquer dos da Europa—passagem que está evidentemente errada; e as palayras que ajuntamos saõ conformes com o que se segue no manuscripto. Nota dos Redactores.

suido por alguns dos Reis de Castella; o que elles punctualmente executáraõ, até á venturoza acclamação do Sr. Rey D. Joaõ IV.

D. Rodrigo da Cunha Arcebispo de Lisboa filho do dito D. Pedro da Cunha, herdou de seu Pay os mesmos principios, resistindo na Corte de Madrid, donde foi chamado, ao projecto do Conde de Olivares que no Reinado de Felipe IV. governou a Hespanha de reduzir a Provincia o Reyno de Portugal, apezar das condiçoens com que se entregáraõ a Felipe 2., de maneira que se o pay não pode evitar esta calamidade, o filho a reparou declarando ao Conde Duque, *que não podia estar auzente da sua diocese mais de dous mezes, que se tinhaõ acabado.* O Conde lhe replicou, que El-Rey não queria que elle partisse; pois *que de contrario o mandaria \* prender:* lhe tornou a dizer o Arcebispo, *porque se hum dos dous deve ficar excommungado seja S. M. e não eu.* O Conde lhe allegou as *Attestaçoes* que os Portuguezes deviaõ a El Rey, para que elle desse as maõs ao seu projecto, ao que o Arcebispo respondeo, *que elle não seria desta opiniaõ, se lhe fosse revelado que o monarca se serviria sempre do seu ministerio, ou lhe daria hum successor de taõ boas intençoens, como elle;* e com isto se despedio, deixando dizer ao Conde—*Mala bestia que me dio en el cumplimento.* Depois lhe mandou offerecer ao Caminho o capello de cardeal, e o melhor cazamento da Hespanha para seu sobrinho, e meu pay que o acompanhava se quizesse voltar a Madrid; mas elle que tinha bem differentes vistas rejeitou a proposta, e continuou a sua Jornada; e chegando á Raia, desceo do coche, beijou a terra de Portugal, e deitando a bençaõ, passou por Villa Vicoza, onde conferio com o Duque de Bragança, e partio para Lisboa, a ser o primeiro da admiravel, e bem succedida conjuração, de sorte que sobre as Cartas Circulares que elle escreveo ás Provincias, e às conquistas, nenhum deixou de reconhecer o Duque por seu legitimo Soberano.

\* Aqui faltaõ palavras aque substituímos as que estão escritas em caracteres italicos. Escrevemos taobem com os mesmos caracteres a palavra *attestaçoes*, que nos parece igualmente errada. Os Redactores.

Parece que o Duque de Medina Sidonia, teve alguma noção do referido Conselho, que D. Pedro da Cunha dera ao Sr. D. Antonio, pois que d'elle se servio quando Felipe 5. começou a desesperar de poder-se sustentar em Hespanha, porque na conferencia que se teve em Sevilha, propoz que o dito Principe se passasse ás Indias, e puzesse em o Mexico a sua Corte; de maneira que quando vi que os nossos Alliados nos haviaõ abandonado no Congresso de Utrecht, apezar das estipuladas vantagens com que entramos na sua Confederação, e que Felipe 5. ficava sendo nosso vizinho; de que se seguia perdermos as esperanças de que França fosse nossa alliada, que o dito Principe de Genio Guereiro, e ambiciozo jamais nos perdoaria ser nosso tractado o unico, em que se estipulou tirar-lhe a Coroa para pôr no Throno o Archiduque, quando a da grande alliança sómente fallava de procurar ao Imperador huma justa satisfação sobre as suas pertencõens, e que Felipe conservando sempre hum excessivo numero de Tropas, á proporção das nossas, lhe poderia vir hum dia á cabeça renovar o seu maõ direito aconselhando se com o peor da Rainha sua mulher, e Princeza de Parma, cujas ideas não eraõ menos vastas nem menos temerarias.

Tudo isto assim suposto, considerei, talvez vizi-onariamente, que S. M. se achava em idade de ver florentissimo, e bem povoado aquelle immenso continente do Brazil, se nelle tomando o titulo de Imperador do *Occidente* quizesse hir estabelecer naquella Região a Sua Corte, levando consigo as pessoas que de ambos os Sexos. Quizessem acompanhar, que não seriaõ poucas, com infinitos Estrangeiros; e na minha opiniaõ o lugar mais proprio da sua residencia seria a cidade do Rio de Janeiro que em ponuco tempo viria a ser mais Opulenta que a de Lisboa.

Naõ me faria difficuldade a differença do Clima, porque meu Irmaõ D. Joaõ que nella esteve vindo da India, me segourou que uaõ somente era muito saudavel e parecido ao nosso, mas que o Paiz, era tambem proprio para nelle se cultivarem todos os fructos da Europa, tendo ja os da Azia e Affrica: Alem de que estando taõ proxima das Minas do Ouro, e Diamantes, seria mais facil prevenir os seus des-

caminhos, e crescerião os seus descubrimentos não so naquella, e mais Capitánias, mas principalmente na-do Maranhão, como ficou dito áque se juntaria a facilidade de tirar mais negros da costa d'Affrica, e da Ilha de S. Lourenço para a cultura de todos os generos, que o Brazil produz.

A mesma conveniencia teria Sua Majestade para sustentar o Estado da India, e os estabelecimentos, que tem na dita Costa d'Affrica, animando o commercio de Mossambique, da China, da Persia, do Goifo de Bengala, e da Costa de Coromandel, mas neste Cazo me perguntará V. S.<sup>a</sup>, que faria S. M. do Reino de Portugal? Para responder a esta questãõ he necessario saber que cousa elle hé, senão (como já considerei) huma ourella de terra, que divido em tres partes, de que a primeira não he ainda, que o puderá ser, bem cultivada que a segunda pertence as Ordens Ecclesiasticas, comprehendendo a monastica, e que a terceira produz hum pouco de Graõ, que todavia não basta para a subsistencia dos seus moradores, sem que lhes venha de fóra: Tambem dá bastante vinho, azeite, sal, generos que no Brazil se não achão, sendo tão necessarios ao sustento da vida. Mas quanto ao Trigo he constante que em grande abundancia cresce no Rio de Janeiro, e Serrania do Sacramento, cuja conservaçãõ ficaria sendo mais segura pela Vizinhança da Corte, para ser soccorrida: alem de que não seria necessario que a provizaõ deste genero fosse tão grande, como se pode imaginar porque os moradores do Brazil, vivem muito bem da Farinha de Pau, como nas Provinçias do Minho, Tras os Montes, e Beira se sustentão de Milho, Cevada, e senteio.

Pelo que toca ao sal bem se sabe que elle selavra na Capitania de Pernambuco, e q<sup>to</sup> ao vinho como no Brazil não faltaõ Parreiras que fructificaõ duas vezes no anno; pouco cuidado bastaria para so poder fazer, não digo bom, mas pelo tempo adiante o puderia vir a ser, pois que o do Cabo de Boa Esperança he hoje tão estimado, e pela mesma razãõ tambem se daria o Trigo, porque se acharia meio para extinguir as formigas, que o não deixão crescer. Finalmente a Pescaria da Balea da o azeite que sobra não só para o

gasto ordinario, mas para com elle se fazer negocio com a Europa. He verdade que faltaria o regalo de beber como *Neve*; porem não se ignoraõ os differentes modos de puder sem ella esfriar a agua. Suppondo porem em huma palavra que na America faltaõ muitas couzas que na Europa ha, he constante que tambem na Europa faltaõ muitas couzas, e mais preçiozas das que crescem na America, com esta grande differença que as que não ha no Brazil se podem vir a ter com a industria, e applicação: porem não há nem applicação, nem Industria, que baste para fazer produzir em Portugal o que o Brazil produz: a saber: o ouro, e os diamantes, sem ser impossivel descobrir minas de Prata da parte do Maranhão. A Divina Providencia permittio esta mesma reciproca falta de certos Generos em hum e outro Hemispherio para que as Naçoens se communicassem, e se formasse a Sociedade da Republica Universal.

Tambem considerava o muito, que se iria extendendo o Evangelho havendo mais Homens Apostolicos, e mais Obreiros para trabalharem nesta Vinha do Senhor; do Senhor digo, porque os Tapuias do Brazil, não são menos creaturas suas, que as mais da Europa, que portantos seculos viveo entregue á cega, e Torpe Idolatria, gemendo debaixo do Imperio do Demonio.

Seria pois o Brazil hum entreposto de todas as Mercadorias das outras tres partes do Mundo, e alias viriaõ buscar, e trocar as Naçoens da Europa, pelo ouro, Prata e Diamantes, que taes como ja disse, se devem suppór os ricos e preçiosos fructos da quelle Paiz.

Não he verosimil, que alguma Nação da Europa, tendo abertos os portos do Brazil para fazer o seu Commerçio interessasse a sua conquista, porque a primeira, e natural difficuldade, que para isso se encontraria, seria a da grande distancia, a que se seguiriaõ outras muitas quasi insenciveis. Não se diga que os Hollandezes os superaraõ, pois se fizeraõ Senhores da maior parte daquellas conquistas; porque bem se sabe que Felippe 2. que por nossa desgraça as possuia, lhes fazia a Guerra occupado tambem com aque sustentava contra a França e Inglaterra;

e assim não podia ter bastantes forças, para sustentar aquelles tão distantes dominios d'America, e da Azia, o que Sua Magestade facilmente faria, tendo muito boas esquadras no Mar para defenderem, e alimparem aquellas Costas de Corsarios, a fim de segurar a todo o Commercio: e em segundo lugar, não se ignora que os Hollandezes foraõ á India porque o dito Principe lhes fechàra o seu Commercio, e S. M. lhes abriria, como ás mais, o do Brazil.

Isto supposto respondo à pergunta de V. S.<sup>a</sup> que a disposiçãõ que S. M. poderia fazer do Reyno de Portugal seria a de lhe pôr hum Vice Rey como dá ao Estado da India, que hé mais bem dilatado, e quasi sempre em Guerra com os seus vizinhos: porem logo se offerceriaõ dous grandes inconvenientes, o primeiro que El-Rey de Castella se quereria aproveitar desta occasiãõ para conquistar Portugal, o que com effeito faria, como deixo dito, por mais cuidado que o Vice-Rey pozesse em fazer as precauçoens necessarias para o defender: segundo que a Nobreza se costumaria muito mal a ser governada por hum Vice-Rey como se vio, e a esperar de tão longe as mercês, que pertendem, ou a hir requerer-las ao Brazil, e assim puderia contravir a sua devida fidelidade, pois que até foija (entre outros) poderozo motivo persuadindo o da Justiça, porque faltou á que tinha jurado aos Reis de Castella.

Quanto ao primeiro inconveniente, queria que este se pudesse prevenir, se as mais potências da Europa garantissem a S. M. a preservaçãõ do seu Reino; porque a nenhuma conviria, nem ainda á mesma França, que a Hespanha com semelhante acquisiçãõ se fizesse mais poderosa, antes nenhuma deixaria de querer lisongear a S. M. para que pelo mesmo Portugal, ou em direitura lhe permitisse negociar no Brazil: alem de que El Rey Catholico deveria reflectir, que no cazo de invadir Portugal, poderia S. M. extender na America o seu Imperio, fazendo-se Senhor do Continente da outra parte do Rio da Prata, e da Província da Paraguay.

E quanto ao segundo inconveniente tambem imaginava que a parte da Nobreza que estabelecesse no Brazil, seria cauçãõ de Fidelidade da que ficasse em

Portugal, a que se ajunta, que quando bem não subsistisse a antipathia entre as duas Nações, sempre os Interesses do Commercio fariaõ a uniaõ dos dous dominios Portuguezes, ainda que separados por taõ vastos mares; mas seria absolutamente necessario perscrever certos limites aos dous Imperios Americanos, por evitar ao disputas que puderiaõ accontecer sobre os descubrimentos, que por huma, e outra parte se fizessem: bem entendido que os Maritimos deveriaõ ser o Rio de Vicente Pinson mais ao Norte do das Amazonas, como está decidido pelo Tractado de Utrecht, e da parte do Sul, o Rio do Prata conforme os sentimentos dos nossos Geographos, ainda que os Hespanhoes digaõ o contrario, e os limites terrestres poderiaõ ser o Rio Paraguay que nelle desagoa, subindo por elle até o Lago Xayreyes, ainda que o seu nascimento parece vir de mais longe, tirando huma linha para o Oeste por espaço de cem legoas, segundo se vê no Mappa, até encontrar o Rio Madeira, que vai confundir a sua corrente com o Rio das Amazonas; mas em quanto não chegamos a esta extremidade sempre nos deviamos servir de todos os caminhos, e de todas as occazioens, que se offerescessem para estabelecermos os ditos limites, por que os Jezuitas Castelhanos, que tem todas as suas missões a l'Este do Rio Paraguay, não são melhores, nem mais zelozos Missionarios que os Portuguezes; ou para melhor dizer, não faziaõ mais huma só Nação como os Judeos sendo em toda a parte os mesmos e com o mesmo Character. Alem de que El Rey Catholico sacrificaria, he verdade, hum grande Paiz pela sua extençaõ, maso que nelle não tem mais que o Directo Dominio; por que do util gozaõ in solidum os Jezuitas; alem de que se não achão Minas de Ouro, ou Prata, nem outra alguma riqueza, como os mesmos Jezuitas mostráraõ ter provado no seu 21 volume das Cartas Edif. Com tudo o commercio da Herva que toma o nome do dito Rio de Paraguay não lhes vale pouco, por que tem notavel sabida para os Reynos de Peru, e Chili, &c.; e não Sei por que aquelles bons homens, que de tudo se sabem aproveitar, não introduzem a dita herva como a do Chá, na Europa, pois me lembra que to-

mando eu della em Londres com o Dr. Fernando Mendez da Costa, me disse aquelle Grande Medico, que era huma bebida sem comparação muito mais salutar, que a de Cha e Cáfê, e he provavel que da mesma sorte que ella cresce a L'Este do dito Rio tambem cresceria da parte do Oeste; e assim os Jesuitas que fizessem Missoens daquella banda não perderiaõ o dito commercio.

Mas chegando o fatal cazo que algum Rey de Portugal quizesse ir ser Imperador do Occidente e ter a sua Corte no Rio de Janeiro, he certo que El Rey de Castella, temeria que pudesse cuidar em conquistar o Reino de Perú, até o isthmo de Panama, onde se termina o do Mexico, pois todos sabem que a dureza com que os Castelhanos trataõ aquelles miseraveis nationaes, os tem sempre dispostos a sacudirem o jugo, que lhes he taõ pezado; quando para este effeito se lhes desse a maõ; e pelo que não seria totalmente impraticavel o accomodamento de trocar o Reyno de Chili até o Estreito de Magalhaes pelo Reyno do Algarve, que convem muito aos Castelhanos pela commodidade dos seus portos.

Bem sei que quando V. S.<sup>a</sup> ler esta minha idea se penzera tendo alpor huma mera e pura vizaõ, e que dira que a ser tanto, he hum effeito natural da velhice, pois não sabe como possa vir á cabeça de hum homem que conserva toda a sua razaõ propor que hum Rey de Portugal trocasse a residencia da Europa, pela da America, cujos Povós sem falla da differença do Clima, apennas tem os sentimentos de homem: ao que respondo, que as Cidades de Brazil, não são povoadas d'esta miseravel Gente, mas de muitos, e bons Portuguezes, que della se servem como em Lisboa nos servimos de Negros. Alem de que segundo deixo dito em muitos poucos annos, seriaõ tantos os Vassallos que iriaõ viver no Brazil, que se não conheceria a differença; e quanto aos Tapuias do Sertão, estou para dizer que não differem mais que na Cór dos nossos rusticos das Provincias, e o que mais hé, que os primeiros depois de se deixarem doutrinar, são mais observantes dos preceitos da Igreja, que os nossos Paizanos que logo lhes esquecem, ou os não guardaõ.

Mas a questão não he essa, se não qual residencia para hum Principe será mais vantajosa, se aquella, em que ha de viver precariamente, e esperando, ou temendo que cada dia o queiraõ despojar do seu Diadema, ou aquella em que pode dormir o seu somno descansado, e sem algum receio de que o venhaõ a inquietar? Problema que em duas palavras resolvo, dizendo que o dito Principe achará no Brazil os meios necessarios para poder conservar Portugal e de nenhuma maneira em Portugal os que são precizos para poder sustentar o Brazil; do que se segue.—Que he mais commodo, e mais seguro estar onde se tem o que sobeja, que onde se espera o de que se carece.

O que não obstante quero passar no espirito de V. S.<sup>a</sup> por Vizionario; mas não tanto, que esta minha vizaõ não fosse, como disse de meu Bisavõ, e do Duque de Medina Sidonia, que não era deixar Felipe V. quatro geiras de má terra como Portugal; mas não menos que muitos Reynos, como os da Hespanha, com que ainda assim, sem Indias significava muito pouco, e ellas muito sem Hespanha.

O mesmo digo de Portugal a respeito do Brazil. Os Hollandezes em 1672 estavaõ resolutos a se embarcarem com as suas famillias para Batavia, se Luiz XIV. os dominasse, e com razão, porque as sete Provincias sem os estabelecimentos, que tem na India para fazer o Commercio, que as enriquecesse, deixariaõ de ser consideradas dos seus vizinhos.

Acabarei pois esta minha vizaõ, dizendo a V. S.<sup>a</sup> que sem embargo de não ser já tempo de fallar nella, *pode vir algum (do que Deos nos Livre) em que não seja mal lembrada.*

---

E quanta pedra escondem precioza  
As concavas entranhas do Profundo !  
E quanta brota o ermo flor mimoza  
Cuja fragrancia não desfruta o mundo !

DAYDEN.

Copia da Carta que o Ex<sup>mo</sup>. General Silveira escreveu aos Negociantes Portuguezes rezidentes em Inglaterra, agradecendo-lhe a espada, que estes lhe offerecerão.

Ill<sup>mos</sup>. Snr<sup>es</sup>.

SE com expressoens podesse mostrar a V. S<sup>as</sup>. quanto aprecio a obsequioza Carta de V. S<sup>as</sup>. de 18 de Abril passado, offerecendo-me a magnifica espada, com que quizeraõ brindar-me, conheceriaõ V. S<sup>as</sup>. quaes são os meos sentimentos de gratidaõ, e reconhecimento por taõ distincto obsequio. V. S<sup>as</sup>. são Portuguezes animados do mesmo patriotismo daquelles, que tem quebrado as cadeias da escravidãõ: sei que de mim só exigem a renovação dos mais sagrados juramentos de *vencer*, ou *morrer*, defendendo os Direitos do nosso Legitimo, e Augusto Soberano; se he precizo eu os renove de que seja qual for o nosso destino, morrerei Portuguez, e Vassallo do Principe Regente Nosso Senhor; mas ja não podemos duvidar, deque o resultado da luta em que nos vemos empenhados, seja a nossa liberdade; pois renasceraõ os antigos Portuguezes, e são auxiliados pela grande Nação, pela immortal, e generoza Inglaterra.

Se no dia 16 de Junho de 1808 foi acclamado nesta Villa o Principe Regente nosso Senhor, e se desde essa epoca os Portuguezes de mais em mais tem mostrado a sua lealdade, valor, e patriotismo, devemos esperar, que chegue hum dia, que de huma vez segure a independencia de Portugal; e que nos torne a trazer o nosso Amado Soberano, e a nossa antiga felicidade: paraque este dia chegue exporei gostoza a minha vida. Queira o Ceo, que no campo da Gloria possa muitas vezes honrar a Espada, que V. S<sup>as</sup>. se dignaõ offerecer-me, tanto, quanto ella hojé me honra, e desvanece. Ella me foi apresentada no dia 16 de Junho, quando nesta Villa se solemnizava o Anniversario da nossa feliz Restauração: parece mais do que hum acazo ser aquelle o dia em que a recebi.

Aceitem V. S<sup>as</sup>. os mais sinceros votos do meu re-

conhecimento, e os protestos de ser com a maior estima, e veneração.

De V. S.<sup>ma</sup> &c.

Francisco da Silveira Pinto da Fonseca.

Ainda que os Serviços do Ex.<sup>mo</sup>. General Silveira são mui sabidos; com tudo he doce o recorda-los, além de ser, quanto a nos, hum rigoroso dever.

O Ex.<sup>mo</sup> General Silveira se não foi o primeiro, (como estamos persuadidos, e mais de huma vez prezenciamos se offerecera para o mostrar a hum Ex.<sup>mo</sup>. Ex-Governador do Reino) foi de certo hum dos primeiros que alçou a voz da independencia, e proclamou o Nome de hum Principe verdadeiramente adorado; e isto u'hum momento em que hum corpo de quatro mil Vandalos, aproximando-se ao paiz, que o vira nascer, hia occupar a segunda Cidade do Reino.

A voz deste benemerito General foi promptamente ouvida; sua coragem, e patriotismo; seu zelo incançavel, e seo Genio, supprindo, como por encanto, a falta de armas, e de municoens, animando, e dirigindo os bravos paizanos, conseguiu bater, e afugentar vergonhozamente o mais scelerado, e o mais cruel dos Generaes, o infame Loison. Desta epoca, data verdadeiramente a restauração de Portugal e a inveja, a intriga, e — cança-se debalde por querer roubar ao Ex.<sup>mo</sup>. General Silveira esta gloria.

A organização do exercito do Norte em 1808 foi em grande parte devida a este digno Patriota; e, se os seos Conselhos fossem ouvidos, aquelle exercito teria tido huma essencial parte na glorioza batalha do Vimeiro; e nesse cazo a celebre convenção de Cintra, tão fatal aos interesses de Portugal, quanto foi altamente reprovada pela brava Nação Ingleza, nossa fiel, e generosa Alliada, não teria talvez lugar.

A retomada da Praça de Chaves, em que o Ex.<sup>mo</sup>. General Silveira mostrou tanta coragem, quanta humanidade para com os vencidos; a brilhante defeza da Ponte de Amarante; as gloriozas acçoens de Senabria, e Pinhel igualáraõ, se não excederaõ, os famosos feitos, que em tempos mais ditosos, executáraõ seos illustres Maiorés.

Taes, e tantos serviços reclamavaõ a estima, veneração, e reconhecimento de todos os verdadeiros Patriotas, em cujo numero se devem considerar todos os Negociantes Portuguezes rezidentes em Inglaterra, que taõ generosamente se prestáraõ em soccorrer as victimas da brutalidade Franceza: mas pede a justiça, que façamos particular, e honroza menção daquelles que, não sendo menos generosos naquelle soccorro, tiveraõ a louvavel, e felis lembrança de offerecerem huma bella, e rica espada do Ex<sup>mo</sup> General Silveira pelos emminentes serviços que tem feito ao melhor dos Principes, e á Patria.

Nos sentimos entretanto não termos tempo de dar neste No. huma noticia mais ampla daquelle General, por occaziaõ de transcrevermos a sua carta, porque esta nos chegou a mão hoje mesmo (31 de Julho) pelas 7 horas datarde. Nos sentiriamos mui vivamente, que o procedimento irregular, que houve, e que fez com que alguns Negociantes muito, e muito dignos não tivessem parte naquella offerta, estando para isso promptos, obstasse taõbem aque não chegasse á nossa mão a sobredita carta: não o cremos.

\* Temos ouvido criminar hum destes por não ter subscrevido com alguma somma para soccorro dos Portuguezes: mas acazo terminou-se já aquella subscripção?

#### AVERTENCIA.

Na primeira pagina do No. 1. se acha escrito Junho, devendo ser Julho; seguindo assim o costume de quasi todos os Jornalistas Inglezes.

O

# INVESTIGADOR PORTUGUEZ

*EM INGLATERRA,*

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

SEPTEMBRO de 1811.

---

---

*Condo et compono, quæ mox depromere possim....HOR.*

---

---

LITERATURA POLITICA.

CARTA II. SOBRE A FRANÇA E INGLATERRA.

PERMITTI-ME agora que vos transporte immediatamente a Pariz, meta que tem em vista todo o estrangeiro, que chega a França, e que todo o leitor da sua narrativa dezejaria tocar sem demora. Eu não me deterei a descrever as emoçoens, que são naturalmente excitadas, no espirito de huma pessoa da minha idade, e emprego, ao ver pela primeira vez esta grande capital. Recordando-vos que a minha attenção tem sido principalmente dirigida á literatura Franceza desde a minha primeira educação literaria; e sabendo com que transporte me entertive em tudo o que he connexo com as Instituiçoens, e maneiras de

VOL. I.

U u

França, concebereis facilmente, que as minhas esperanças fluctuavaõ, e a minha imaginação estava quasi oppressa. Hum Americano que entra em Pariz pela primeira vez pelo lado de Bourdeaux fica perplexo, e confondido por huma variedade de sensações oppostas : desgosta-se, e he surprehendido ao ver a estreiteza, e immundice das ruas por onde passa ; pasma da multidão que as entulha, e que parece a cada momento exposta a huma enevitavel morte pelas carruagens que são tiradas com a ultima furia ; e ainda mais penetrando nos melhores lugares da Metropole, se enche de admiração á vista da magnificencia, que o cerca.

Nas cidades dos nossos Estados Unidos, a igualdade comparativa de condição que pervalece em todas as classes, he de algum modo vizivel no seu exterior pessoal, e no prospecto dos seus edificios. Nos ali nada vemos que traga ao espirito a idea de extrema penuria, ou de superlativa grandeza : mas nas Capitães da Europa, e particularmente em Pariz, tendes diante de vos, sobre o mesmo quadro, a mais alta pompa, e a mais profunda queda da natureza humana—magnificencia imperial a par de esqualida miseria. Ha outra differença entre o nosso estado de sociedade, e o das grandes cidades da Europa, analogo ao que acabo de mencionar, que pelo contraste deve ferir todos os nossos Concidadãos ; fallo de hum sem numero de devizas para fomentar o luxo, e promover accomodações, a que dá lugar a difficuldade de achar huma subsistencia, por mesquinha que seja ; e a avidez, e humilhação com que aquella subsistencia he procurada.

Ainda que Pariz durante a minha primeira residencia ali, na epoca da guerra da Polonia, conteria pelo menos trezentos mil habitantes addicionaes, e se achava n'hum estado de impobrecimento, e langor, sem exemplo antes da revolução ; com tudo apresentava hum aspecto grandemente diverso daquelle, que offerenciaõ as decabidas, e miseras cidades das provincias. Eu a vi depois, quando gozava da presença, e influxo fructificante da Corte, e de innumeraveis, e opulentos estrangeiros. A pompa, e prodigalidade da caza imperial ; o esplendor das cazas

de pasto ; o tumulto dos negocios ; o estrepito dos divertimentos publicos ; os prazeres da Sciencia ; os encantos da literatura, e a actividade empregada nas artes mecanicas do luxo ;—tudo isto combinado bastava para riscar do espirito toda a lembrança, ou idea da miseria predominante nas provincias, e cegar o espectador sobre aquella mesma que superabundava na Capital ; e que a hum olho observador, e claro he a mais revoltante, por isso mesmo, que he mais frequentemente a origem, e a companheira dos vicios.

Eu não me surprehendo agora de ouvir a pessoas, que voltaõ da Metropole da França gabar a felicidade da Nação Franceza. Este ajuntamento de objectos seductores, e brilhantes captiva a imaginação, e agrilhoa o juizo, em quanto os attractivos do prazer, ou a applicação ás sciencias liberaes não dão lugar, ou tempo a indagar o estado geral dos costumes, e commodidades da vida, ou as operaçoens do systema politico. Quando hum estrangeiro que rezidio por alguns mezes em Pariz, e se deixou assim deslumbrar, e illudir, atravessa depois as provincias, leva o espirito ainda cheio das illuzoens da Capital, e todos os objectos lhe parecem tintos das mesmas cores. Pariz medra, a certos respeitoes, pelas mesmas causas que empobrecem, e opprimem o resto do Imperio. A sua grandeza he verdadeiramente *devorante*, poisque he nutrida em grande parte pela riqueza das provincias, e nada lhes dá em troca, senão artigos de luxo, e doutrinas contagiozas de escravidão, e vicio. Estes somente são exportados em grande copia, e operaõ com a maior efficacia. Os poucos melhoramentos feitos nas provincias são executados á sua custa separadamente, entretanto que os embellecimentos da Metropole se fazem á custa do thezouro publico. Este prazer da vaidade nacional indemniza mui pouco as vexaçoens exercidas pelo collecter dós taxas. Com tudo nem estrangeiro, ou natural, a ser hum pouco voluptuario, pode rezidir longo tempo na Capital sem enamorar-se das suas delicias, e exclamar com o Poeta Francez.

C'est à Paris que l'on vit, on vegete ailleurs.

Eu apressei-me a chegar ali para assistir ás festas

do dia natalicio do Imperador, e cheguei na vespera da festividade de S. Napoleaõ, que se acha solenemente metido no calendario. A minha expectação foi levada ao mais alto ponto pelo magnifico programma publicado no Monitor, em que as procissoens, jogos publicos, e ceremonias religiosas prescritas para aquella occaziaõ, eraõ pompoza, e miudamente detalhadas. A fadiga de huma longa jornada feita pela maior parte, por estradas pessimas, me deo hum saõ repouzo, e despertei na manha seguinte com a imaginação exaltada pelo prospecto do Monitor. Fui cedo, para os campos Eliseos a fim de contemplar os divertimentos publicos, que se haviaõ de celebrar em honra da festividade; mas julgai da minha surpresa, quando achei ali somente quatro vadios, e dois ou tres rapazes trepando a huma elevada colunna bem lubrificada com Terebentina, e pertendendo chegar ao tope para colher as insignificantes bugiarias, que deviaõ ser a recompensa da sua habilidade, se acazo vencessem as difficuldades, que a superficie escorregadia oppunha á sua subida. Dali procedi para a Ponte das Artes, esperando achar mais divertimento nas competencias dos remadores do Sena, que deviaõ formar parte dõs solemnidades publicas, e que occupavaõ algum espaço no Monitor. Aqui taobem fui tristemente enganado; por quanto nunca se deo mais grosseiro, e insignificante espectáculo daquelle genero; e quanto a mim especialmente me pareceo ridiculo depois de ter visto o do Tamisa, ao qual nada chega de animador, ou pitoresco.

Tal foi a solemnidade da manhã, á excepção somente da grande Missa [executada em *Notre Dame*, na qual os que officiaõ no Altar, e os mais funcionarios publicos presentes *ex officio*, faziaõ a maioridade dos espectadores. Os brincos, que eu vi depois em Inglaterra na feira de S. Bartholomeo, n'algumas das mais obscuras barracas, eraõ de igual dignidade, e entretinhaõ mais, que essas solemnidades dos Campos Elizeos, e do Sena, taõ pompozamente annunciadas como parte da commemoração da natividade imperial. O todo era huma estensa, e froixa caricatura, e só podia ser igualada pelas carreiras nacionaes, que depois

testemunhei no Campo de Marte, e deque me proponho dizer logo alguma coiza.

Eu fui com tudo grandemente compensado, á noite, do aborto das minhas primeiras esperanças. Noticiou-se ao publico no Monitor, que se daria hum concerto no Jardim *das Tuilleries*, o qual seria seguido de fogos artificiaes ao fechar do dia. Fui para ali em tempo competente, e fiquei deslumbrado, e absorto com hum espectáculo sem parallelo em magnificencia, e effeito. Vi quasi toda a superficie do Palacio cheia de luminarias—o Jardim *das Tuilleries*, e os Campos Elizeos taobem illuminados brilhantemente, e não menos de 200,000 pessoas espectadoras daquella scena. Huma orquestra de 200 muzicos estava erigida á frente do Palacio, que olha para os jardins; e antes de começar o concerto, o Imperador vestido com o manto imperial, e conduzindo á sua esquerda a, nesse tempo, Augusta Josephina, fez a sua apparencia n'hum varanda superior, e hia acompanhado por hum quantidade dos Grandes Dignitarios do Imperio. Estes com tudo, assim como Suas Magestades Imperiaes brilhavaõ somente, como muitas estrellas scintillantes pela altura em que se achavaõ. A muzica, como podeis conjecturar, posto que de natureza a mais estrepitosa, era apenas ouvida, no meio do tumulto, e bulha da multidaõ. Os esplendidos fogos artificiaes, que se seguiraõ, foraõ objecto da mais forte attracção; e porque succedeo estarem no fim do jardim sobre a Ponte da Concordia, arrancáraõ n'hum instante toda a chusma da contemplação do Monarca, e sua Corte. Ferio-me nesta occasiaõ hum circumstancia, que observei depois muitas vezes—isto he, a ousadia, e bom successo com que as mulheres Parizien-ses rompem pela multidaõ de qualquer character, ou compacidade que seja.

Eu pensei, ser esta hum bella occasiaõ para julgar da dispozição da populaça a respeito do seu Governo. Pareceo-me, que se houvesse na multidaõ hum sentelha de lealdade, ou enthusiasmo em favor do seu Imperador, ella se manifestaria em taes circumstancias pela sua presença. A magestade da scena era apta para inflamar qualquer imaginação. A dar credito ás representações das gazetas de Pariz a este respeito

deveria concluir, que as unidas vozes dos habitantes da *Boa Cidade de Pariz*, fereriaõ os Ceos nesta conjunctura — Com tudo eu fui luctuoosamente frustrado na minha expectaçãõ. Por quanto ouvi mui poucas acclamaçoens, e essas manifestamente das boccas alugadas pela Policia para aquelle fim. Li não obstante no Monitor do dia seguinte que o ar tinha retinido com os clamores de *viva o Imperador*.

Tal foi o resultado uniforme das minhas observaçoens a este respeito durante a minha residencia em Pariz. Nos ajuntamentos que tem lugar frequentemente nos jardins publicos, nos theatros, onde as grandes victorias ganhadas no Norte da Europa eraõ pompozamente annunciadas no meio dos excitamentos artificiaes da mais estimulante efficacia—nunca testemunhei indicios de entusiasmo geral, nem ouvi huma só acclamação universal, mas só aquella que notoriamente sahia dos estipendiarios da Policia. Debaixo da acção do susto excitado pelo Militar não podia haver marcada expressãõ de desgosto, mas havia no todo da populaça hum aspecto de sombria indifferença; e nas classes medias, e mais virtuozas, demonstraçoens de dor, e de aversãõ, mas hum tanto disfarçadas, de que o Regente militar podia tirar hum triste agoiro, se olhasse para a possibilidade de deastres no campo. Eu sou informado por pessoas de credito, deque os mesmos symptomas continuaõ a manifestar-se, mesmo depois do ultimo casamento do Imperador—que não obstante a ostentação de *addresses*, e *Epithalamios*, a majoridade dos habitantes de Pariz mostra huma decidida apathia, e a massa da Nação hum progressivo rancor pelo individuo.

Naõ ha certamente estudo, que offereça hum quadro mais curiozo e a muitos respeitos mais revoltante, da natureza humana, que o estudo do caracter geral dos habitantes de Pariz. Vos podeis applicar-lhes em toda a estensaõ o que Livio disse dos Syrios, e Gregos Asiaticos

*Levissima hominum genera, et servituti nata.*

Raça de Gente voluvel nascida para a servidaõ.

Mas esta aptitude para a escravidão se desenvolve debaixo de differentes formas nas differentes classes da sociedade. As ordens mais elevadas, os Sabios, e Literatos se prostraõ ante a Purpura Imperial, e não poem limites á grosseria, e extravagancia da sua adulaçãõ. Muitos delles ficaõ, como embriagados pelo mesmo incenso, que offercem, á sua terrivel divindade—Os vapores sem produzir o mais leve effeito sobre o idolo, lhes sobem ao Cerebro, e ajudados pela influencia de huma imaginaçãõ ductil, lhes fazem crer aquellas monstruozas hyperboles de louvor, que são ao principio suggeridas somente pela officiozidade do medo, e pelo excesso obsequiozo da servidaõ. A final elles se parecem com o traductor Inglez de Ariosto Fairfax, de quem se conta, que a continua leitura do seu original lhe esquentou de tal sorte a fantazia, que produzio no seu espirito huma fé implicita na realidade de todas as aventuras sobre-naturaes de Orlando Furiozo:

Poeta entusiasta! cuja mente  
Aos cantados assombros fé prestava.

A populaçaõ he mui diversamente affectada. A sua natureza requer huma *virga ferrea*; mas ella obedece com sombria reluctancia; e está bem longe de ser facilmente enganada pelas fraudes politicas, ou elaboradas falsidades do seu Governo. No tempo em que eu estava em Pariz sabia-se, que quando as Regateiras do Halle se descompunhaõ, huma das injurias que reciprocamente diziaõ era, *tu estao mentiroza como os bulletins do Imperador*. Fes-me particular impressãõ a incredulidade, que se mostrava em todas as classes inferiores a respeito das noticias officiaes das victorias dos seos exercitos. A canalha he abjecta debaixo do enfreamento do Militar, e da Policia; ella falla huma linguaagem filha dos impulsos do sentimento; e he tão incapaz de lizonja espontanea, ou activa, como de espontanea resistencia ao oppressãõ. Ella requer hoje chefes taes, como os que se apresentáraõ no curso da revoluçãõ; ou os mesmos excitamentos externos, para ser posta em acçaõ, e caminhar á huma semelhante catastrophe de horrores, e de absurdos; —para revolver-se no mesmo circulo, e tocar per-

cizamente o mesmo ponto. Os habitantes dos arabaldes são justamente agora o que eraõ no periodo da demolição da bastilha.

Populaça miserrima, e fervente  
 Amiga do prazer ; levada a horrores  
 Levada a proscripçoens, segundo as ordens  
 Da maõ que a alimentar : cega, inconstante,  
 Desertora na urgencia dos amigos,  
 Dos inimigos confiada preza :  
 Turbulenta, feroz, sedicioza  
 Se hum Chefe a instiga ; mas sem elle escrava,  
 Lambendo o mesmo açoitoe que a flagella !

Ha estranhas anomalias no caracter das classes infimas de Pariz. Posto que finalmente provocadas, ou seduzidas a rebellioens, e capazes dos excessos mais sanguinarios nos seos paraxismos de revolta, são comtudo no meio da tranquillidade mais brandas, pacificas, e cortezes, doque outra populaça qualquer do mundo. Tendo presentes no meu espirito as atrocidades sem exemplo commettidas durante o revolução, eu observei, naõ com pequena surpresa, a polidez, as obrigantes maneiras, e genio sociavel, que se observavaõ mesmo entre a canalha. Ha huma certa simplicidade no seu vestir, huma doçura na sua conversação, e huma sobriedade no seu paladar sensivelmente distinctas das maneiras asperas e intrataveis, e dos habitos intemperados das mesmas classes em Londres. Com tudo as ultimas nas suas disputas domesticas e nos seos tumultos sediciozos são modellos de doçura, e humanidade em comparação das primeiras, em circumstancias iguaes. A prodiga effuzaõ de sangue humano, e as abominaçoens de huma crueldade refinada a respeito de victimas humanas, são desconhecidas na historia das commoçoens populares da Inglaterra. A indocilidade, a rudeza, e mesmo a brutalidade da canalha Ingleza, são contrabalançadas por huma aversão natural a sangue, por hum sentimento rapido de injustiça, por huma certa estima propria, e por huma generosidade varonil, qualidades, que faltaõ inteiramente na populaça Franceza. Nenhum demagogo pode espárar em Inglaterra adquirir poder por huma *quilhotina ambulante*, pelo uzo da me-

tralha no massacre dos grupos de victimas indefezas; ou *pelos cazamentos nacionaes* como facetamente se chamavaõ as *Noyades do Loire*.

No acontecimento de huma insurreiçãõ em Pariz a populaça não precisaria de Chefes de hum caracter tao pleuamente desesperado, como aquelles, que a commandaraõ nos primeiros paroxismos da revoluçãõ. A Metropole he o *rendez-vous* dos viciozos, dos scelerados, e dos vadios de toda a parte do Imperio. He huma especie de cloaca commum em que regularmente se despeja metade da putrefacçãõ moral da França. A quantidade de jogadores inveterados, de ratoneiros, de homens sem occupaçaõ regular, e de pessoas de fortunas arruinadas, he quasi incrível, quando se compara com a massa total da populaçaõ.—Elles inundaõ as cazas de café, as tabernas, os passeios publicos, e os theatros; e em todos os tempos estaõ promptos para qualquer mudança politica, ou quaesquer excessos sanguinosos. Elles estaõ plenamente preparados para ser, ou os instrumentos crueis, ou os furiozos inimigos do despotismo actual. Acostumado no nosso paiz ao spectaculo da universal, e prazenteira industria, eu fui affectado de huma maneira, que não posso bem descrever, durante as primeiras semanas da minha rezidencia na Metropole Franceza, pelo aspeito deforme, e miseravel da multidãõ de indigentes desgraçados reduzidos á desesperaçãõ, que encontrava por toda a parte nos meos passeios. Eu creio ser impossivel a hum Americano sahido há pouco, do seio da nossa nativa moralidade, passar pelo *Palais Royal* depois de formar alguma idea da quelle foco de vicio, e de miseria, sem experimentar emoçoens fortes de desgosto e horror. He muito usual ver innumeraveis individuos de huma apparencia decente debroçados sobre os lados das pontes, e contemplar por horas successivas a corrente do Sena.

A infatigavel vigilancia, e rigor inflexivel de Policia, saõ de facto necessarios para a conservaçaõ da tranquillidade publica, por quanto dizem respeito a individuos, cujo caracter descrevo. Para salvar toda a sociedade de ser victima da mais feroz, e mortifera anarquia, he preciso agrilhoa-los em ca-

deas adamantinas. He indispensavel á politica do presente Governo não só exercer o mais rigoroso systema de coerção a este respeito, mas providenciar para elles, e para a populaça em geral huma variedade inexaurivel de publicos divertimentos.\* Para os amoldar ao agoite do despotismo, ou ás oppressoens do Governo, todas as classes devem ter os seos sentidos, e imaginação constantemente entertidos. Aquelles sobre tudo, em quem o systema militar grava domesticos pesares de huma natureza a mais afflictiva, requerem imperiozamente a distracção dos espectaculos, e operas. Ao contemplar huma consideravel porção dos habitantes de Pariz, me lembrava incessantemente da passagem de Thompson em que elle se dirige á oppressão,

Olha a mesquinha raça em desalento  
De occupaçaõ vazia, e de esperança,  
Da suave esperança doce raio  
Dimanado da luz do Gozo Eterno,  
Que a vida anima, e seu poder exalta  
Com rizonho prospecto—Olha em delirio  
O tropel, que amarguras despiedoza,  
Ao balsamo correr da melodia,  
Seos males sepultar em grato olvido  
E no Amor, e na Muzica engolfar-se.

As continuas scenas de assassinio, e morte, que por tantos annos presenciaraõ os habitantes de Pariz, os tornáraõ de algum modo insensives ao espectaculo da extincta, ou expirante humanidade, a cuja vista neste paiz nós recuamos com aversão, e dezalento. Há na parte mais populoza da Metropole Franceza hum estabelecimento chamado *la Morgue*\*

\* A attençaõ que se dá a este objecto se mostra pelo seguinte Decreto recentemente publicado em Pariz.

Considerando que a maior parte da populaçaõ de Pariz tem só o Domingo para o regozijo de espectaculos theatraes; e que as horas em que elles agora começaõ e acabaõ se interpoem nas occupaçoens, que os habitantes tem que preencher na segunda feira; se decreta, conforme a conta do Ministro da Policia para este effeito, que do 1. de Outubro de 1810 as representaçõens em todos os pequenos theatros deveraõ começar no Domingo ás cinco e meia da tarde precisamente.

\* He huma especie de *Depozito* onde se expoem á vista do publico todas as pessoas que se achãõ mortas em qualquer parte que seja, e não os afogados somente, como diz o Autor.

destinado para a recepção, e expozição dos corpos afogados no Sena, e apanhados em redes, que se poem nas differentes partes do Rio para aquelle fim. O objecto desta expozição he para que os mortos possaõ ser reconhecidos pelos amigos, ou parentes, e recebaõ por conseguinte as honras da sepultura. A *Morgue* esta aberta em todas as horas do dia aos passageiros de qualquer qualidade, e muitas vezes apresenta a hum mesmo tempo cinco ou seis horriveis cadaveres estendidos sem cobertura sobre huma plataforma inclinada, e sujeitos á promiscua observaçoõ da canalha. Este spectaculo he visto com alegria, e insensibilidade quasi incrível a outro, que não fosse testemunha ocular deste facto. Nas miuhas digressões pela vizinhança da quella especie de *carneiro* eu vi frequentemente mulheres de apparencia mui decente entrar, e sair com semblante alegre, e prazenteiro. Coube-me em sorte prezenciar huma vez huma execuçoõ publica em quanto estava em Pariz, e foi a de hum parricida, que foi guilhotinado. Observei nesta occaziaõ huma semelhante indifferença da parte da multidão. Havia poucos expectadores, e os obreiros da vizinhança apenas se dignavaõ voltar os olhos para aquella scena.

Os massacres perpetrados em Paris durante a revoluçoõ não foraõ a cauza unica que produzio esta calloza, e feroz dispoziçoõ relativamente aos communs desastres da humanidade. A continuaçãõ de guerras sanguinolentas em que a França tem estado involta sem interrupção pelos ultimos dezoito annos, tendeo naturalmente a indurecer o character da massa total da sua populaçoõ, e a embotar as doces sympathias da humanidade. Hum historiador judicioso da antiguidade Thucydedes attribue este effeito a hostilidades estrangeiras, bem como a commoçoens intestinas; e illustra a sua doutrina com as mudanças, que elle refere terem sido feitas no espirito, e maneiras dos Athenienses pela prolongada guerra do Peloponezo: n'huma estaçoõ de paz, e abundancia, dis este profundo observador, as classes, assim como os individuos tem as suas paixões mais bem ordenadas; estendem a influencia da vida e culturaõ melhor os seus doces attractivos. Mas a

\* guerra que lhes arranca a subsistencia diaria he a mestra da violencia, e assemelha as paixoes dos homens á sua condiçã actual.

Se jamais houve Nação exposta a esta maligna influencia he a França, que por tantos annos se tem familiarizado com a carnagem, tanto dentro, como fora: que respira só guerra, e conquista, cuja população total de homens, he totalmente empregada no campo, e entre quem os militares são a ordem privilegiada, e os senhores universaes. Possa a França bem depressa verificar a maxima do Poeta.—

Victima de si mesmo cahir deve  
 Povo conquistador, quando ferozes  
 Pelo sangue, e rapina os seus soldados,  
 Bem que triunfantes, para o roubo, e saque  
 Não tiverem mais terra, do que a sua.

Mas passemos para objecto hum pouco menos grave. O vislumbre que obtive da Corte Imperial no jardim dos *Tuileries* não foi, como vos podeis imaginar, sufficiente para contentar a minha curiosidade neste artigo. O primeiro desejo de hum estrangeiro em Pariz he ver o individuo, cujo nome está em todas as bocas, e cuja imagem parece de continuo presente a toda a imaginação. Eu busquei com grande avidéz occasião de ver as feições de Bonaparte á minha vontade, e bem depressa fui plenamente satisfeito sobre este ponto. Hum dos meus amigos me procurou hum bilhete de admissão, ou para melhor dizer, hum convite formal, para o theatro privado imperial do Palacio de S. Cloud, que era então a residencia da Corte. Os melhores actores, e cantarinos da capital representavaõ neste theatro duas vezes por semana para recreio de Suas Magestades Imperiaes, que escolhiaõ ellas mesmas as peças para a representação; e raras vezes deixavaõ de assistir, cheguei a S. Cloud muito a tempo, e procurei assentar-me na terceira ordem de camarotes destinada para os espectadores, que não tinham sido apresentados á Corte. A platea estava atropelada de Generaes cobertos de bordaduras de oiro, e dos grandes Dignitarios do Imperio, vestidos com o seu mais rico uniforme. As Senhoras da Corte, os